

Pôr a Casa em Ordem

Matt Ruff

Tradução de Fernanda Semedo

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*

Para Michael, Daniel, J.B., Scooter e o resto do bando

Sou todas as filhas da casa de meu pai, e todos os irmãos também...

— WILLIAM SHAKESPEARE, *Noite de Reis*

O meu pai convocou a minha saída do lago. Tinha vinte e seis anos quando saí do lago pela primeira vez, o que deixa algumas pessoas perplexas e a quererem saber como posso ter uma idade sem ter um passado. Porém, também eu me surpreendo: a maioria das pessoas que conheço não se lembra de ter nascido e, mais ainda, isso não as incomoda. A minha boa amiga Julie Sivik disse-me uma vez que a sua recordação mais antiga era uma cena da festa do seu segundo aniversário, estava ela em cima de uma cadeira para soprar as velas do bolo. Antes disso, não se lembra de nada, confessa, mas não parece aborrecida com isso, como se fosse a coisa mais natural do mundo, não se lembrar de dois anos da sua vida.

Eu lembro-me de tudo, desde o primeiro momento: o som do meu nome na escuridão; o bater da água; o emaranhado de juncos no fundo do lago onde abri os olhos. Lá em baixo a água é negra, mas consegui ver a luz do Sol à superfície, muito acima de mim, e flutuei na sua direção, atraído pela voz do meu pai.

O meu pai aguardava-me na margem do lago com Adam, Jake e a tia Sam. Atrás deles estava a casa, com Seferis no púlpito, atento ao corpo; das janelas que davam para o lago, e dos limites da floresta, sentia os outros a observarem-me, demasiado tímidos para se mostrarem. Gideon também devia espreitar, desde Coventry, mas nessa altura eu desconhecia a sua existência.

Parece-me que devo descrever a casa. A tia Sam diz que um bom contador de histórias revela as informações importantes aos poucos, para manter a audiência interessada, mas receio que, se não explicar tudo agora, as pessoas fiquem confusas, o que é pior que desinteressadas. Por isso, aturem-me agora, e prometo tentar não vos aborrecer depois.

A casa, assim como o lago, a floresta e Coventry, situam-se todos na cabeça de Andy Gage, ou no que teria sido a cabeça de Andy Gage, caso ele fosse vivo. Andy Gage nasceu em 1965 e foi morto pouco depois pelo seu padrasto, um homem perverso chamado Horace Rollins. Não se tratou de um assassinio vulgar: embora a tortura e os maus-tratos que o mataram fossem reais, a morte de Andy Gage não o foi. Na realidade, foi apenas a sua alma que morreu e, ao morrer, quebrou-se em pedaços. Depois, os pedaços tornaram-se almas, co-herdeiras da vida de Andy Gage.

Nessa altura não havia casa, só um quarto escuro na cabeça de Andy Gage, onde viviam todas as almas. No centro do quarto existia uma coluna de luz brilhante, e cada alma que entrava ou era atraída para a luz dava por si lá fora, no corpo de Andy Gage, sem se lembrar de como ali chegara ou do que acontecera desde a última vez que aí estivera. Como podem imaginar, era uma existência terrível e assustadora, ainda mais por causa das contínuas crueldades do padrasto. Das sete almas originais descendentes de Andy Gage, cinco seriam também assassinadas mais tarde, quebradas ainda em mais pedaços, e mesmo as duas sobreviventes foram obrigadas a fragmentar-se para suportar. Na altura em que se livraram de Horace Rollins, vivia mais de uma centena de almas na cabeça de Andy Gage.

Foi então que começou a verdadeira luta. Ao longo de muitos anos, as duas almas originais sobreviventes — Aaron, que é o meu pai, e Gideon, o irmão do meu pai — conseguiram construir uma sensação de continuidade suficiente para perceberem o que lhes acontecera. Com a ajuda de uma boa médica chamada Danielle Grey, o meu pai esforçou-se por estabelecer uma ordem. No lugar do quarto escuro, construiu uma geografia na cabeça de Andy Gage, um lugar ensolarado, no campo, onde as almas podiam ver-se e falar umas com as outras. Criou a casa, para que tivessem um lugar onde viver; a floresta, para que tivessem um lugar onde estar em solidão; e o talhão das abóboras, para que os mortos fossem dignamente enterrados. Gideon, que era egoísta, não quis participar em nada disto e fez tudo o que podia para destruir a geografia, até que o meu pai foi forçado a exilá-lo em Coventry.

O esforço exigido para concluir a casa deixou o meu pai exausto e com pouco entusiasmo para lidar com o mundo exterior. No entanto, era necessário que alguém comandasse o corpo, por isso, no dia em que a última telha foi colocada no seu lugar, o meu pai desceu até ao lago e chamou o meu nome.

Mais uma coisa que me surpreende nas outras pessoas é muitas delas não saberem qual é o seu objetivo na vida. Isto normalmente incomoda-as — pelo menos, mais do que não se lembrarem do seu nascimento —, mas eu não consigo sequer imaginá-lo. Uma parte de saber quem eu sou é saber porque sou, e eu sempre soube quem era, desde o primeiro momento.

Chamo-me Andrew Gage. Tinha vinte e seis anos quando saí do lago pela primeira vez. Nasci com a força do meu pai, mas não com o seu cansaço; com a sua persistência, mas não com a sua mágoa. Fui chamado a completar a obra que o meu pai começara: uma obra que ele escolhera, mas para a qual me criara.

I
EQUILIBRIUM



LIVRO PRIMEIRO

ANDREW



Conheci Penny Driver dois meses depois de fazer vinte e oito anos — ou dois meses depois de fazer dois anos, dependendo de como se queira contar.

Nessa manhã Jake foi o primeiro a levantar-se, como acontece na maior parte das manhãs, saindo ruidosamente do seu quarto ao romper do Sol, tropejando pela escada abaixo até à sala comum, o clamor das suas movimentações desencadeando uma reação em cadeia de despertares entre as outras almas da casa. Jake tem cinco anos, e assim é desde 1973, quando nasceu dos restos de uma alma morta cujo nome era Jacob; são cinco anos *maduros* mas, essencialmente, continua a ser um menino, sem grande respeito pela necessidade de sossego dos outros.

O barulho que Jake fez acordou a tia Sam, que começou a praguejar; as pragas da tia Sam acordaram Adam, que dorme no quarto ao lado do dela; e Adam, que é suficientemente crescido para respeitar a necessidade de sossego dos outros, mas geralmente escolhe não o fazer, soltou uma série de gritos guerreiros até o mau pai bater na parede e lhe dizer que se calasse. Nessa altura, estava toda a gente acordada.

Eu podia ter tentado ignorar isto. Ao contrário dos outros, não durmo na casa, durmo no corpo e, quando se está no corpo, mesmo os barulhos mais fortes da casa não passam de ecos na cabeça de Andy Gage, que podem ser desligados voluntariamente — a não ser que venham do púlpito. Mas Adam sabe disto, claro, e sempre que eu tento dormir de mais, põe-se no púlpito em menos de nada, cantando como um galo até que eu perceba a ideia. Certos dias, deixo-o cacarejar até ficar rouco, para ele se lembrar quem é que manda; contudo, nessa manhã em particular, abri os olhos assim que Jake chegou às escadas.

O quarto onde eu dormia — onde o corpo dormia — ficava numa casa vitoriana renovada, em Autumn Creek, Washington, a quarenta quilómetros a leste de Seattle. A casa pertencia à senhora Alice Winslow, que recebera o meu pai como hóspede em 1992, antes de eu existir.

Alugávamos parte do primeiro andar. O espaço era amplo, mas atravancado, sendo a tralha um efeito colateral da multiplicidade, mesmo que nos esforcemos por manter um mínimo de possessões mundanas. Dali, da cama, sem sequer precisar de virar a cabeça, conseguia ver: o cavalete, as tintas, os pincéis e duas telas em branco da tia Sam; o *skate* de Adam, o panda de peluche de Jack; a espada de kendo de Seferis; os meus livros; os livros

do meu pai; a pequena prateleira de livros de Jake; a coleção de *Playboys* de Adam; o maço de reproduções artísticas da tia Sam; uma televisão a cores com controlo remoto que fora do meu pai e que agora me pertencia; um vídeo que era três quintos meu, três décimos de Adam e um décimo de Jake (uma longa história); um leitor de CD que era metade meu, um quarto do meu pai, um oitavo da tia Sam e um sexto de Adam e outro de Jake (uma história ainda mais longa); uma prateleira de CD e cassetes de vídeo de vários proprietários e um cesto de roupa suja que ninguém reclamava, mas era sobretudo minha.

Isto era o que podia ver sem sequer virar a cabeça; e, além do quarto, havia a sala de estar, um grande quarto de vestir, uma casa de banho bem recheada em mais de um sentido, e a cozinha que partilhávamos com a senhora Winslow. A cozinha, contudo, não estava tão atravancada; a senhora Winslow cozinhava a maior parte das nossas refeições e limitava rigorosamente a armazenagem da nossa comida pessoal a uma prateleira no frigorífico e duas na despensa.

Levantei-nos da cama e fomos para a casa de banho, onde iniciámos o ritual matinal. Primeiro os dentes. Não sei porquê, Jake gosta muito de escovar os dentes, por isso deixei-o fazê-lo, recuando para o púlpito e cedendo-lhe o corpo. Mantive-me atento. Jake, como disse, é uma criança, mas o corpo de Andy Gage é de um adulto de um metro e setenta e fica pendurado da alma de Jake como um fato muitos tamanhos acima. Ele move-se desajeitadamente dentro do fato e, muitas vezes, calcula mal a distância entre as suas extremidades e o resto do mundo; dado que, entre todos, temos apenas um crânio, se ele se dobrar para apanhar a tampa da pasta de dentes que deixou cair e bater com a cabeça na esquina do lavatório, é uma tragédia coletiva. Por isso, mantive-me atento.

Esta manhã não houve acidentes. Como de costume, fez uma escovagem minuciosa, da esquerda para a direita, de cima para baixo, chegando a todos os dentes, mesmo aos difíceis, lá atrás. Gostava que ele também conseguisse manipular o fio dental, mas é demasiado exigente para ele.

Recuperei o corpo e sentei-me na sanita por momentos. Este trabalho é meu na maior parte das manhãs, embora o meu pai ocasionalmente peça para o fazer — o prazer de uma boa cagada, diz ele, é uma das poucas coisas do mundo exterior de que sente a falta. Por vezes Adam também se oferece, normalmente depois de ter chegado a última *Playboy*, mas em geral não o deixo fazê-lo mais de uma ou duas vezes por mês, porque isso incomoda os outros.

Depois da casa de banho, o exercício. Estendi-me no tapete ao lado da banheira e deixei Seferis realizar a sua rotina: duzentos abdominais seguidos de duzentas flexões, as últimas cem divididas igualmente entre o

braço direito e o esquerdo. Voltei do púlpito com os músculos doridos e uma camada de suor, mas não me queixei. O estômago do corpo está liso como uma tábua e sou capaz de levantar coisas pesadas.

A seguir, tanto Adam como a tia Sam tiveram direito aos seus dois minutos debaixo do chuveiro, começando pela tia Sam. Costumavam alternar quem começava, mas a tia Sam gosta da água muito mais quente que Adam, e este esquecia-se sempre de ajustar o controlo da temperatura antes de lhe entregar o corpo, por isso, agora, a primeira é sempre a tia Sam, depois Adam, depois eu — e Adam sabe que se me der água gelada ou um olho cheio de espuma, perde os privilégios do chuveiro durante uma semana.

Quando chegou a minha vez, lavei-me rapidamente (os outros raramente se dão ao trabalho de se esfregarem a sério), enxaguei-me, limpei-me com a toalha e voltei ao quarto para me vestir. O meu pai foi ao púlpito para me ajudar a escolher a roupa. Longe de casa, comando o corpo durante todo o tempo, por isso o guarda-roupa diurno devia ser responsabilidade minha, mas a tia Sam diz que eu nasci sem qualquer sentido da moda e acho que o meu pai se sente culpado por isso.

— Essa camisa, não — sugeriu, depois de eu espalhar em cima da cama a minha seleção inicial.

— Não combina com as calças? — perguntei-lhe, tentando lembrar-me da regra. — Pensava que as calças de ganga iam bem com tudo.

— Vão bem com tudo — confirmou o meu pai. — Mas algumas peças de roupa não vão bem com nada, nem com as calças de ganga.

— Achas que é feia? — peguei na camisa e examinei-a mais criticamente. Era um escocês amarelo brilhante, com quadrados vermelhos e verdes. Comprara-a juntamente com uma série de outras pechinchas num saldo de primavera e achava-a magnífica.

— *Sei* que é feia — disse o meu pai. — Se gostas mesmo dela, podes usá-la por aqui, mas não a recomendaria para as vistas do público.

Hesitei. Gostava da camisa e detestava desistir de coisas só pelo que as outras pessoas poderiam pensar. Mas também queria muito que as outras pessoas pensassem bem de mim.

— A escolha é tua — disse o meu pai, pacientemente.

— Está bem — concordei, ainda relutante. — Visto outra coisa.

Acabámos de nos vestir. Por fim, pus o relógio e comparei-o com o que está na mesa-de-cabeceira. 7h07, mostrava o relógio, SEG. ABRIL 21. O meu relógio concordava com a data, mas não com a hora.

— Dois minutos atrasado — observou o meu pai.

— Este relógio anda devagar — lembrei-o, encolhendo os ombros.

— Nesse caso, devias mandar repará-lo.

— Não preciso de o mandar reparar. Está bem assim.

— Também devias mandar arranjar o relógio do vídeo.

Este era um pomo de discórdia antigo entre nós. O meu pai costumava ter dúzias de relógios, como uma proteção contra a perda da noção do tempo; eu, porém, preocupava-me menos com isso, por nunca ter perdido, tanto quanto sabia, a noção de um único segundo, e reduzira para um relógio por sala. Discutíramos por causa dessa decisão, e por eu não ser capaz de manter os relógios que sobravam perfeitamente sincronizados. A minha atitude despreocupada em relação ao relógio do vídeo, em particular, enlouquecia o meu pai; depois de uma falha de energia ou de se desligar a ficha sem querer, mostrava 12:00:00 durante dias seguidos, antes de eu me dar ao trabalho de o acertar.

— Não é assim tão importante — disse eu, mais asperamente do que pretendia. Ainda me sentia desapontado por causa da camisa. — Eu trato disso.

O meu pai não disse nada mas percebi a sua frustração: quando eu não olhava diretamente para o vídeo, sentia-o a tentar usar a visão periférica do corpo.

— Eu *trato* disso — insisti, e saí do quarto. Atravessei a sala de estar — cujo relógio estava um escandaloso minuto adiantado em relação ao da mesa-de-cabeceira — e percorri o corredor lateral até à cozinha, onde a senhora Winslow nos aguardava com o pequeno-almoço.

— Bom dia, Andrew — disse a senhora Winslow antes de eu pronunciar uma palavra. Ela sabia sempre. A maior parte das manhãs, o primeiro era eu, mas mesmo que tivesse cedido o corpo a outra pessoa, a senhora Winslow saberia, sem ninguém lhe dizer. Nesse sentido era, como Adam, uma leitora quase mágica de pessoas. — Dormiste bem?

— Dormi, obrigado. — Em geral, é educado devolver a pergunta, mas a senhora Winslow era uma insone crónica. Dormia pior do que toda a gente que eu conhecia, exceto Seferis, que não dorme nada.

Ela estava a pé pelo menos desde as cinco e começara a cozinhar quando ouvira o chuveiro. Era uma prova, tanto da sua simpatia, como da sua afeição por nós, que o quisesse fazer; tal como tudo o que se passa de manhã, o pequeno-almoço é uma atividade partilhada, e não é esforço pequeno prepará-lo. Sentei-me, não para uma refeição, mas para um híbrido de várias, cada dose cuidadosamente proporcionada, começando com meia travessa de ovos mexidos e uma caneca de café para mim. Comi a minha parte, depois deixei os outros tomarem o corpo, cada alma cumprimentando por sua vez a senhora Winslow.

— Bom dia, minha querida — disse a tia Sam majestosamente. O pequeno-almoço da tia Sam consistia numa chávena de chá de ervas e numa tosta de trigo com geleia de hortelã; também costumava fumar meio

cigarro, mas o meu pai fê-la deixar-se disso em troca de um pouco mais de tempo lá fora. Bebericou o chá e mordiscou delicadamente a tosta até Adam se impacientar e começar a pigarrear do púlpito.

— Bom dia, bela — disse Adam, como se estivesse a seduzir a senhora Winslow. Adam gosta de se fazer passar por um grande mulherengo. Na verdade, as mulheres com idades entre os doze e os sessenta anos põem-no nervoso, e se a senhora Winslow não tivesse os cabelos grisalhos, duvido que ele tivesse coragem de ser tão atrevido com ela. Enquanto devorava o seu pequeno-almoço — metade de um *muffin* inglês e uma fatia de bacon — transmitiu-lhe a sua conceção de um piscar de olhos sedutor; mas quando a senhora Winslow lho devolveu, Adam deu um salto, enfiou bacon pelo canal errado e acabou com um ataque de tosse.

— Bom dia, senhora Winslow — disse Jake, com a voz aguda e áspera por causa do ataque de tosse de Adam. Remexeu desajeitadamente na tigelinha de *Cheerios* que ela lhe pôs à frente. Recebeu também um copinho de sumo de laranja, que tentou apanhar depressa de mais. O copo (que era de plástico, pois isto já acontecera antes) voou.

Jake ficou imóvel. Se estivesse junto de outra pessoa que não fosse a senhora Winslow, teria fugido imediatamente do corpo. Como era ela, encolheu-se, de punhos cerrados e músculos tensos, preparando-se para um piparote nos nós dos dedos ou uma bofetada. A senhora Winslow teve o cuidado de não reagir demasiado bruscamente; ao princípio, fez de conta que não tinha reparado, depois disse, muito casualmente:

— Oh, querido, devo tê-lo posto demasiado junto da ponta da mesa — levantou-se muito devagar, foi ao lava-loiça e molhou um pano para limpar o sumo entornado.

— Desculpe, senhora Winslow — disse Jake. — Eu...

— Jake, meu querido, — disse a senhora Winslow, limpando o tempo da mesa — sabes que a Florida é um estado *enorme*, não sabes? Há lá *montes* de sumo de laranja; de onde este veio, vem muito mais. — Voltou a encher-lhe o copo e desta vez entregou-lho diretamente; ele segurou-o cautelosamente com ambas as mãos.

— *Aí tens* — disse a senhora Winslow. — Não houve problema nenhum. Só se *parece* com ouro. — Jake deu uma risadinha, mas não voltou a descontraír até regressar à casa.

Seferis apenas acenou os bons-dias. O seu pequeno-almoço era o mais simples de todos: um pratinho de rabanetes salteados, estaladiços como rebuçados, que enfiou na boca um de cada vez. Nessa altura, a senhora Winslow começara a tomar o seu próprio pequeno-almoço, biscoitos aquecidos com geleia de laranja. Quando a tampa do frasco da geleia ficou colada, estendeu-o a Seferis.

O tamanho de Seferis em relação ao corpo é o inverso de Jake: a sua alma tem dois metros e setenta e, encafuada na figura modesta de Andy Gage, irradia energia e força. Destapou o frasco com uma simples torção do polegar e do indicador, um truque de que eu seria incapaz, embora usando os mesmos músculos.

— *Efcharisto* — disse a senhora Winslow quando Seferis, com um floreio, lhe devolveu o frasco.

— *Parakalo* — respondeu este, e mastigou outro rabanete.

Depois de todos terem comido, a senhora Winslow ligou o pequeno televisor a preto e branco na bancada da cozinha e serviu uma chávena de café ao meu pai, que veio visitá-la por momentos. Eles gostavam de ver as notícias juntos. A senhora Winslow costumava vê-las com o marido, e suponho que a companhia do meu pai, de certa forma, lho trazia de volta; da mesma maneira que sentar-se junto da senhora Winslow dava ao meu pai a sensação de família normal que sempre desejara. Esta manhã, porém, foi um momento menos agradável do que de costume. A notícia mais importante no final do bloco era uma atualização da tragédia no acampamento de Warren Lodge; isto aborreceu o meu pai ainda mais do que o relógio do vídeo, e também deixou a senhora Winslow com uma disposição mais sombria.

Talvez se lembrem do caso Lodge. Este nunca recebeu a cobertura nacional que merecia porque, na altura, noticiava-se outro caso semelhante, mas as pessoas ouviram falar dele. Warren Lodge era um jardineiro de Tacoma que foi acampar no Olympic National Park com as duas filhas. Dois dias depois do início do passeio, a polícia estadual avistou o jipe do senhor Lodge a ziguezaguear entre as faixas da Estrada 101 e fê-lo parar. O senhor Lodge, que parecia delirante e apresentava um golpe fundo na cabeça, contou que um puma invadira o acampamento e o atacara, deixando-o inconsciente. Quando recuperou os sentidos, deu com a tenda das filhas rasgada em tiras, os sacos-cama delas despedaçados e ensanguentados e não encontrou as raparigas — Amy, de doze anos, e Elizabeth, de dez — em lado nenhum, embora tivesse procurado durante horas.

Talvez fosse verdade. Os ataques de pumas não são invulgares no Noroeste do Pacífico e o senhor Lodge parecia suficientemente forte para sobreviver a um combate de luta livre com um grande felino, se tivesse sorte. Mas, ao vê-lo na televisão, — um dia depois de a polícia o ter travado, ele convocou uma conferência de imprensa, durante a qual pediu voluntários para o ajudarem a encontrar as filhas —, fui-me sentindo cada vez mais desconfortável. A história do senhor Lodge podia ser verdade, mas alguma coisa na forma como a contava estava errada. Foi Adam, observando do púlpito o rosto manchado de lágrimas do senhor Lodge, quem colocou pela primeira vez a minha intuição em palavras: — O puma é *ele*.

Desde então — já passou quase uma semana — temos aguardado que a polícia chegue à mesma conclusão. Até agora, ainda nenhum murmúrio de suspeita transpirou para o público, embora Adam julgue que a polícia considera, necessariamente, esta hipótese, a não ser que seja totalmente incompetente. O meu pai, entretanto, jura que, caso o senhor Lodge não seja rapidamente detido, ele próprio telefonará para o gabinete do procurador distrital de Mason County, ou mandar-me-á fazê-lo.

— Achas mesmo que ele as matou? — perguntou então a senhora Winslow, enquanto o noticiário repetia o apelo do senhor Lodge aos voluntários; a atualização era apenas uma repetição de reportagens anteriores, acrescentando que as esperanças de encontrar as raparigas vivas estavam praticamente perdidas.

O meu pai fez um gesto de assentimento. — Foi ele que as matou, sem dúvida. E não foi só isso que lhes fez.

A senhora Winslow ficou calada por um momento. Depois disse: — Achas que é louco? O suficiente para matar as próprias filhas?

— Os loucos não tentam ocultar os seus crimes — disse o meu pai. — Ele sabe que o que fez está errado, mas não quer enfrentar as consequências. Isso não é loucura. É egoísmo.

Egoísta: o pior epíteto que o meu pai podia aplicar a alguém. A senhora Winslow não colocou a questão seguinte, que era óbvia, e sobre a qual eu sempre me interrogara: porquê? Mesmo tendo um desrespeito total pelo bem-estar dos outros, o que levaria alguém a querer fazer a outro ser humano o que o senhor Lodge fizera às próprias filhas? A senhora Winslow não colocou essa pergunta porque sabia que o meu pai não tinha resposta, se bem que tivesse passado toda a vida à procura de uma. Também não fez quaisquer outras perguntas, deixando-se ficar ali sentada, num silêncio zangado, enquanto o meu pai acabava o café e o noticiário passava a outros assuntos. Pouco depois, chegou a hora de partirmos para o trabalho; o meu pai beijou a senhora Winslow na bochecha e devolveu-me o corpo.

No vestíbulo da casa vitoriana estava pendurado um retrato de família: uma senhora Winslow mais jovem e de cabelos mais escuros, com o falecido marido e os dois filhos, todos de pé no relvado das traseiras, antes da renovação da casa. Desde que o meu pai me contara o que acontecera, eu abrandava sempre um pouco ao passar por essa fotografia. Nesse dia, cheguei mesmo a parar, até a senhora Winslow vir por trás de mim e me fazer sair pela porta da frente.

Lá fora, o céu estava claro, o que não era normal para a época, com as únicas nuvens visíveis juntas num grupo em torno do monte Winter, a leste. A senhora Winslow deu-me um saco com o almoço (uma refeição completa, o almoço não é partilhado). Desejou-me um bom dia e sentou-se

na cadeira de baloiço do alpendre, à espera do correio da manhã. O carteiro só viria dali a algumas horas, mas ela esperava à mesma, como sempre esperara, embrulhando-se num velho edredão se estivesse demasiado frio.

— Fica bem, senhora Winslow? — perguntei antes de sair. — Precisa de alguma coisa?

— Fico bem, Andrew. Volta para casa bem, é só disso que preciso.

— Não se preocupe — respondi-lhe. — Se alguém tentar alguma coisa, eu sou mais do que eles. — Esta é uma velha anedota das personalidades múltiplas, que em geral recebe pelo menos um sorriso educado, mas hoje a senhora Winslow limitou-se a dar-me uma palmadinha no braço e a dizer: — Vão lá, então. Não se atrasem.

Comecei a descer a alameda em frente da casa. No passeio, virei-me para olhar; a senhora Winslow pegara numa revista e estava a ler, ou a fazer que lia. Parecia muito pequena, diante da parede lateral da casa vitoriana, muito pequena e muito solitária — *verdadeiramente* solitária, de uma forma que eu só podia imaginar. Gostava de saber como isso é, e também se é mais difícil ou mais fácil que ter sempre outras almas por companhia.

— Não te preocupes — disse Adam, do púlpito. — Ela fica bem.

— Acho que o telejornal a aborreceu a sério.

— Não a aborreceu — Adam troçou de mim. — Deixou-a mesmo furiosa. E com razão. Se te queres preocupar, preocupa-te com pessoas que não fiquem furiosas ao ouvir uma coisa destas.

Acenei à senhora Winslow uma última vez e obriguei-me a começar a andar. Quando íamos ao fundo do quarteirão e a casa vitoriana já não se via, perguntei: — Achas que o apanham? Ao Warren Lodge?

— Espero que sim — respondeu Adam. — Espero que ele seja punido, quer o apanhem, quer não.

— Que queres dizer com isso?

— É só uma coisa que, por vezes, acontece. Por vezes as pessoas pensam que se livraram de alguma coisa impunemente, acham que enganaram toda a gente, mas revela-se que não. Acabam castigados, afinal.

— Como? — perguntei. — Por quem?

Mas Adam não queria falar mais acerca disto. — Esperemos apenas que um polícia o apanhe — disse. Depois voltou para casa e não saiu até estarmos quase na Fábrica.

Eu trabalhava na Fábrica da Realidade, na East Bridge Street. A minha chefe, Julie Sivik, era também a primeira amiga verdadeira que eu arranjava sozinho.

Quando o meu pai me chamou do lago, trabalhava como repositor na Bit Warehouse, um grande armazém de computadores junto da Interestadual 90, entre Autumn Creek e Seattle. O plano original era que eu o substituísse ali, tal como o substituí em todos os outros aspetos relacionados com o comando do corpo, mas não resultou. Para ser um repositor competente é preciso saber para onde as coisas vão, saber como voltar a encontrá-las depois de terem ido e — devido à política de atendimento ao cliente «Pergunte a Qualquer Pessoa» da Bit Warehouse — saber exatamente para que servem uma vez encontradas. Depois de três anos no emprego, o meu pai sabia isso tudo, mas eu não.

Esta é uma dessas questões metafísicas que as pessoas que não são múltiplas têm dificuldade em perceber. Obviamente, ao criar-me, o meu pai concedera-me um vasto conjunto de conhecimentos práticos. Saí do lago sabendo falar. Possuía uma conceção do mundo e, pelo menos, conhecia alguma coisa do que nele se encontrava. Sabia o que eram cães, flocos de neve e barcos antes de ter visto um verdadeiro cão, floco de neve ou barco. Por isso, poderá parecer natural perguntar, se o meu pai me podia dar tudo isso, porque não podia dar-me também o *know-how* para ser um excelente repositor? Já agora, porque não podia dar-me a compreensão do francês da tia Sam, a destreza de Seferis nas artes marciais ou o jeito de Adam para detetar mentiras?

Quem me dera saber, porque houve alturas em que todas essas capacidades me teriam dado jeito. Claro que posso sempre pedir à tia Sam que me traduza, Seferis está pronto a defender o corpo assim que é chamado e Adam instala-se no púlpito a chamar aldrabonas às pessoas, quer eu lhe peça, quer não, mas nada disso é tão bom como seria eu próprio possuir essas capacidades. Por um lado, a ajuda das outras almas não é grátis — esperam favores em troca e nem todos os seus desejos são fáceis de satisfazer. Seria muito mais simples, e mais barato, se eu de alguma forma pudesse tomar de empréstimo os seus talentos.

A razão pela qual esse empréstimo não é possível, julga o meu pai, tem a ver com a diferença entre informação e experiência. Se me tivessem

perguntado, no dia em que nasci, o que era a chuva, eu teria dado a definição do dicionário. Perguntem-mo hoje e continuarei a dar a definição do dicionário — mas agora, enquanto a recito, penso nas manhãs encoberdas em que temos de decidir se vale a pena levar um guarda-chuva (sendo a resposta, nessas alturas, quase sempre sim). Ou penso no mundo de cabeça para baixo refletido nas poças, ou na sensação horrivelmente pegajosa de uma camisola de lã encharcada, ou no cheiro das folhas molhadas no Lake Sammamish State Park. A experiência não modificou muito a forma da minha resposta, mas o seu *significado* foi completamente transformado.

É a memória que faz a diferença. Há factos que toda a gente conhece, mas as memórias e os sentimentos que estes evocam são únicos para cada alma individual. As memórias podem ser descritas, mas não podem ser verdadeiramente partilhadas, e o conhecimento que está ligado a memórias especialmente fortes também não pode ser partilhado. Como o conhecimento de francês da tia Sam: é mais do que apenas gramática e vocabulário; é a memória do seu professor do liceu, o senhor Canivet, o primeiro adulto que ela conheceu que não a traiu de alguma forma, que sempre a tratou bem e nunca a magoou. Eu nunca conheci o senhor Canivet e não posso amá-lo da mesma maneira que a tia Sam. Qualquer sentimento que eu tenha por ele é puramente em segunda-mão, e as coisas que a tia Sam aprendeu com ele serão, para mim, sempre em segunda-mão.

A experiência de trabalho do meu pai tinha a mesma natureza de propriedade privada. Não podia ser partilhada; tinha de ser adquirida pessoalmente. Tentámos um treino durante algumas semanas — o meu pai guiando-me passo a passo a partir do púlpito, respondendo a um milhar de perguntas acerca de chips RAM, portas SCSI e cabos *null-modem* — mas eram demasiadas coisas para aprender em tão pouco tempo. Se dispusesse de seis meses, talvez tivesse aprendido, mas ao fim da terceira semana o desempenho do meu pai no trabalho — o *meu* desempenho no trabalho — deteriorara-se a ponto de corrermos o risco de despedimento.

Claro que o facto de o meu pai não ter falado de mim aos colegas, não ajudou; continuo a achar que teria sido melhor ele ter sido franco relativamente ao facto de estar a treinar um substituto. Mas dois internamentos involuntários tornaram-no relutante em revelar a sua multiplicidade às pessoas, e, embora se tivesse arriscado a confiar na senhora Winslow, na Bit Warehouse ninguém sabia. Não sabendo, sentiram-se enganados quando Andy Gage começou a agir como uma pessoa completamente diferente — uma pessoa constantemente distraída e com dificuldade em desempenhar até as tarefas mais simples. O senhor Weeks, o meu supervisor, ficou especialmente consternado; depois de eu, sem querer, ter formatado o disco rí-

gido do computador principal de inventário da Warehouse, perguntou-me alto e bom som se andava a tomar drogas.

— Podíamos tentar contar-lhe a verdade — sugeri. — Podíamos dizer a verdade a toda a gente.

— Nem toda a gente compreenderia — respondeu o meu pai. — É uma verdade complicada, e as pessoas não gostam de complicações. Especialmente as que estão em posições de comando. Aprenderás.

Aprenderás. Era a resposta que o meu pai guardava sempre na manga para quando eu lhe fazia uma pergunta a que só a experiência podia responder. Nesses tempos era uma frase que ouvia muito, e era frustrante, tanto para ele como para mim. Ele achava que a parte mais difícil passaria quando a casa estivesse construída; passar-me a pasta das coisas deveria ser fácil. Porém, também ele estava ainda a aprender com a experiência.

Uma coisa que ambos aprendemos foi que eu não podia, simplesmente, introduzir-me na vida passada do meu pai. Tinha de criar a minha: arranjar o meu emprego, escolher os meus amigos — e tomar as minhas próprias decisões acerca de quem eram as pessoas de confiança.

Fui ao gabinete do senhor Weeks e apresentei-lhe a demissão. Ele fez um gesto de assentimento, como se já o aguardasse, e disse esperar que eu procurasse ajuda profissional quanto ao abuso de substâncias. Afirmei-lhe que ia pensar nisso — outra resposta na manga que me ficara do meu pai — e voltei à loja para acabar o dia. Foi quando conheci Julie Sivik.

Quando ela me encontrou, eu estava em cima de um escadote no corredor sete a arrumar caixas na prateleira dos excedentes. Apesar de ter apresentado a minha demissão, continuava interessado em aprender acerca de computadores, e eu e o meu pai estávamos a meio de uma discussão muito complexa acerca de interfaces gráficos, por isso Julie teve de dizer «Desculpe» várias vezes antes de me chamar a atenção.

— Olá — disse, quando finalmente dei por ela. Desci do escadote e limpei as mãos à camisa. — Posso ajudá-la?

À primeira vista, ela era um pouco intimidadora. Media mais alguns centímetros do que eu e os seus ombros eram mais largos. Usava um blusão de couro castanho por cima de uma T-shirt preta e calças de ganga escuras; o cabelo também era muito escuro, muito liso e austero, até ao pescoço. E mostrava um ar aborrecido, como se já tivesse decidido que eu era estúpido. Já vira a mesma expressão no rosto de outros clientes, mas Julie era melhor a exprimir aborrecimento do que a maioria das pessoas, como se alguma coisa nas suas feições lhe permitisse uma transmissão mais clara da impaciência.

— Procuo algum software fiscal — disse ela, mostrando-me uma pequena pilha de caixas embaladas em plástico. — Queria saber qual destes me recomenda.

— Pergunta-lhe para que o vai utilizar — disse o meu pai, e eu transmiti a pergunta. — Vai utilizá-lo para quê?

Julie olhou-me como se eu fosse muito, *muito* estúpido: — Para tratar dos meus impostos — respondeu. — Obviamente.

— Impostos sobre rendimentos pessoais ou de pequena empresa? — perguntou o meu pai.

— Impostos sobre rendimentos pessoais ou de pequena empresa? — perguntei.

— Oh... — a expressão dela suavizou-se. — Isso faz diferença?

— Bem... — comecei eu, calando-me em seguida, enquanto o meu pai me transmitia a informação. — Bem — continuei — se aquilo que procura é um programa para preencher um modelo 1040, sugeriria este — aponte a caixa no topo da pilha. — Porque... porque é o mais barato, é muito básico mas com boas instruções, desde que não precise de nenhuns formulários especializados... Por outro lado, se é trabalhadora independente ou tem um pequeno negócio, precisará de algo mais sofisticado... Não é agricultora, pois não? — Enquanto fazia a pergunta, seguindo as indicações do meu pai, perguntava-me o que teriam de tão especial os impostos dos agricultores. Mas Julie não estava nesse ramo, pelo que não tive oportunidade de ficar a saber.

— Mas *estou a* começar o meu próprio negócio — explicou. — E também tenho de preencher um modelo 1040 para o ano passado, por isso acho que o que me faz falta é...

— Espere — interrompi-a, erguendo um dedo. O meu pai estava a dizer mais qualquer coisa.

— Espero? — disse Julie.

— Só um segundo... — a expressão aborrecida voltou ao rosto dela.

— De que diabo estou à espera? — perguntou.

— O meu pai — respondi-lhe.

— O seu pai?

— Oh, fantástico — disse Adam, que se juntara ao meu pai no púlpito. — Isto deve ser divertido.

— O seu pai? — repetiu Julie.

— Sim, o meu pai.

Com grande encenação, ela procurou ver se estava alguém atrás de mim, primeiro inclinando-se para o lado, depois pondo-se em bicos dos pés para espreitar por cima da minha cabeça.

— Onde? — acabou por perguntar.

— No púlpito — expliquei-lhe, depois de eu próprio ter lançado um olhar rápido por cima do ombro.

— Púlpito?

— É uma espécie de varanda na fachada da casa. Na minha cabeça.
— Que tem você, é esquizofrénico? — perguntou Julie.
— Não, tenho personalidade múltipla. A esquizofrenia é diferente.
— Personalidade múltipla. Existem outras personalidades que partilham o seu corpo.

— Outras almas — recordando-me do que o meu pai me dissera, acrescentei: — É uma verdade complicada.

— Aposto que sim.

— Foi nesse momento, confidenciou-me Julie mais tarde, que decidi que, ou eu era sincero, ou era um dos melhores mentirosos que ela já conheceria. Ambas as possibilidades eram interessantes.

— Disse qualquer coisa acerca de uma casa?

Acabou por me convidar para uma bebida quando eu saísse do trabalho, e eu fiquei tão entusiasmado que aceitei sem pedir autorização ao meu pai. Mas ele ficou satisfeito por me ver tomar uma iniciativa e Adam pronunciou oficialmente Julie como inofensiva: — Pelo menos, não é nenhuma assassina de machado na mão... embora esteja provavelmente a perguntar-se se tu o és.

Então, às oito e um quarto nessa noite encontrei-me com Julie no parque de estacionamento da Warehouse. Normalmente dependo dos autocarros públicos para as minhas viagens, mas Julie tinha carro e ofereceu-se para me ir buscar. Quando descobriu que eu vivia em Autumn Creek, sugeriu um bar na Bridge Street, que ficava apenas a alguns quarteirões da casa da senhora Winslow.

— Eu moro logo aí à esquina — acrescentou.

O carro era um Cadillac Sedan de Ville de 1957, um «clássico menor», disse Julie, que comprara ao tio e tencionava vender com lucro depois de o reparar.

— Qual é o problema dele?

— Praticamente tudo. — Julie recitou uma lista dos defeitos do carro e Adam apontou mais alguns que ela não mencionara; quando saíamos do parque de estacionamento alguma coisa pendurada do chassis batia no alcatrão, deixando um trilho de faíscas atrás do Cadillac. — Precisa de reparações sérias.

— Isso não custará muito dinheiro?

— Algumas das peças de substituição, sim. Mas acho que posso fazer a maior parte do trabalho sozinha... Podes abrir um pouco a tua janela? Temos de fazer o sinal de virar à direita.

Talvez para fugir ao tema das reparações de carros, Julie começou a falar de si. Tinha vinte e quatro anos e era de Rhode Island, embora tivesse vivido numa série de sítios desde que saíra de casa, aos dezasseis. Frequen-

tara a Universidade de Boston durante dois anos, tendo-se inscrito sucessivamente em Física, Engenharia e Ciências Informáticas antes de desistir sem completar qualquer curso; desde então trabalhara como técnica de laboratório, operadora de máquinas, caixa de uma bomba de gasolina, guia de museu, cenógrafa de um filme de terror de baixo orçamento, vigia de incêndios, cozinheira de segunda, *croupier*, pintora de tabuletas para o Departamento de Obras Públicas de Eugene, Oregon e, mais recentemente, como assistente de um fisioterapeuta em Seattle. — Mas nunca fui agricultora — disse, sorrindo.

De qualquer maneira, continuou, como as coisas se tinham tornado penosas com o trabalho na fisioterapia, decidira que estava na altura de deixar de andar às voltas e pôr a sua vida em ordem, pensar seriamente numa carreira. Com a ajuda do mesmo tio que lhe vendera o Cadillac, conseguira um empréstimo para um pequeno negócio e alugara um edifício em Autumn Creek, onde planeava instalar uma empresa de conceção de software.

— Que tipo de software?

— Software de realidade virtual — disse Julie.

— O que é realidade virtual?

— Trabalhas na Bit Warehouse e não sabes o que é a realidade virtual?

— Não trabalho lá há muito tempo.

— Ah, aposto que não.

— Então, o que é?

Em vez de me responder, ela voltou a mudar de assunto — ou, pelo menos, eu achei que mudara. — Fala-me da casa na tua cabeça.

Nessa altura já estávamos no bar na Bridge Street, sentados a uma mesa com bancos perto da *jukebox*. Julie pedira um *Saturday Night Special*, que eu descobri demasiado tarde tratar-se de um jarro de quase quatro litros de cerveja preta. Beber álcool era contra as regras do meu pai e eu queria pedir um refrigerante, mas, em vez de admitir o erro, deixei que ela me enchesse o copo, e depois não lhe toquei.

Falei-lhe da casa: da sala escura na cabeça de Andy Gage e da luta do meu pai para criar ali uma geografia. Não fui tão claro como gostaria; era a primeira vez que contava a história a alguém e estava nervoso, sem saber bem que pormenores incluir e em que ordem os colocar. Também não ajudou nada o facto de ter um crítico. O meu pai abandonara o púlpito para me dar alguma privacidade, mas Adam permanecia lá. Na sua opinião, eu estava a ser demasiado cândido com esta estranha.

— Porque não havia de ser? Disseste que ela não era perigosa.

— Disse que não é uma assassina com um machado. Isso não quer dizer que esteja certo contares-lhe tudo acerca de nós.

— Eu não estou...

— Então, Horace Rollins é o teu pai? — perguntou Julie, sem perceber que estava a interromper.

A pergunta fez-me saltar de surpresa.

— Não é o *meu* pai — expliquei-lhe. — É o pai de Andy Gage. O *padrasto* de Andy Gage. Não tem qualquer relação comigo. Na verdade, também não tem nenhuma relação com Andy Gage.

— O teu pai verdadeiro morreu?

— O pai de Andy Gage — corrija-a. — Silas Gage. Afogou-se.

— O pai de Andy Gage... Então, quando falas acerca do *teu* pai, não te referes a Silas Gage, nem te referes a Horace Rollins. Referes-te a outra personalidade. Outra «alma».

— Aaron — assenti. — O meu pai.

— Aquele que te chamou do lago... o que te criou.

— Certo.

— E quando foi isso, exatamente? — quis saber. — Quando é que foste chamado?

Acalentara a esperança de que ela não me fizesse essa pergunta. Ao contrário da acusação de Adam, havia uma série de coisas que, conscientemente, evitaria contar a Julie. Na maioria dos casos, essas omissões eram instintivas e, na altura, não poderia ter explicado a que se deviam. Mas sabia perfeitamente porque queria ser vago acerca da minha data de nascimento: tinha vergonha. Julie possuía tanta experiência de vida, e eu tão pouca, que receava que ela não quisesse ser minha amiga quando descobrisse como eu era imaturo. Mas agora não havia nada a fazer.

— Há um mês — admiti. — Saí do lago há um mês. Sei que devo parecer mesmo ingénuo...

— Espera — disse Julie. — Só tens um *mês*?

— Não — disse eu, confuso. — Tenho vinte e seis anos. *Nasci* há um mês.

Julie abanou a cabeça.

— Como podem ser verdade as duas coisas?

— São — respondi. — Qual é o problema?

— Então é o teu corpo físico que tem vinte e seis?

— Não, o corpo tem vinte e nove.

— Nesse caso, que parte de ti tem vinte e seis?

— A minha alma.

Julie abanou outra vez a cabeça. Pedi ajuda a Adam.

— Muito bem... o Adam diz que, como o teu corpo e a tua alma estiveram sempre juntos, basicamente são reflexos um do outro. São como gémeos.

— Queres dizer que são parecidos? As almas têm aparência?
— Claro.
Julie riu-se.
— Então, a minha alma tem os dentes tortos?
— Acho que sim — respondi, olhando para a boca dela. — Se o teu corpo os tem. E tem os olhos da mesma cor, a mesma constituição, a mesma voz... e a mesma idade. Mas, para nós, não é assim. Nenhum de nós está o tempo todo no corpo, por isso não existe a mesma conexão. O Adam diz...
— Quem é o Adam?
— O meu primo.
— É outra alma? Como o teu pai?
— Sim.
— Quantos anos tem o Adam?
— O Adam tem quinze.
— Teve sempre quinze ou cresceu?
— Cresceu um pouco — respondi.
— Quanto é um pouco?
— Bem, é difícil dizer exatamente. Depende do tempo que ele passou cá fora. O Adam costumava roubar tempo no corpo, tal como os outros; se juntasses todo o tempo roubado, mais o tempo que teve permissão para estar fora desde que o meu pai começou a construir a casa, ficarias a saber quanto cresceu. O meu pai acha que foi cerca de um ano, mas o Adam não quer dizer.
— Não quer que o teu pai saiba quanto tempo roubou — supôs Julie.
— Não quer ter de explicar o que fez com esse tempo — expliquei-lhe.
— As almas envelhecem quando estão ao comando do corpo?
— Claro.
— Porquê?
— Não sei. É assim, e pronto.
— Que diz o Adam acerca disso?
— O Adam diz... o Adam diz que é pela mesma razão que não nos tornamos mais exímios no póquer a não ser que joguemos a dinheiro. Lamento. Não sei o que isto quer dizer.
— Não faz mal — disse Julie. — Acho que eu sei.
Ela pegou no jarro para se servir de mais um pouco de cerveja e reparou que o meu copo permanecia cheio.
— Que se passa? Não gostas de cerveja preta?
— Na verdade, não bebo — confessei, sentindo que fora apanhado.
— Regras da casa.
— Tens a certeza? — ela ergueu o jarro, que ainda tinha mais de dois litros. — Se eu beber isto tudo sozinha, terás de me levar em braços daqui para fora.

— Desculpa. Devia ter dito alguma coisa.
— Não, não faz mal. Eu devia ter perguntado. — A Julie fez um gesto na direção do bar: — Queres outra coisa?
— Não, estou bem assim.
— Como queiras... — ela voltou a encher o seu copo e pediu: — Conta-me alguma coisa acerca da *tua* alma.
— Que queres saber?
— Bem, qual é a tua verdadeira aparência? Se eu pudesse ver a tua alma e compará-la com aquilo que vejo agora, o que seria diferente?
— Oh — disse eu. — Na verdade, não muito. Sou bastante parecido com o meu pai e o meu pai é mais parecido com o Andy Gage do que qualquer outra alma, exceto... bem, é uma semelhança bastante grande.
— Mas há diferenças?
— Algumas. O meu cabelo é mais escuro e o meu rosto é mais magro... e as feições também são um pouco diferentes.
— Que mais?
— Bem, cicatrizes — aponte para uma linha denteada por cima do olho direito do Andy Gage. — O Jake — é outro dos meus primos — fez isto uma vez, quando estava no corpo. Tropeçou e caiu contra a aresta de uma mesa de vidro. A alma do Jake tem a mesma cicatriz, mas a minha não tem porque...
— Porque não te aconteceu a ti.
— Exatamente.
— Então e esta? — Julie tocou num ponto na palma da mão esquerda do corpo, logo acima do extremo do polegar. Os dedos dela estavam frescos e húmidos por causa do copo da cerveja, o que era agradável de uma forma que eu nunca experimentara. Mas quando percebi de que é que ela estava a falar, retirei a minha mão da dela.
— Foi uma coisa que o meu pai fez uma vez — expliquei. — Espetou a mão num pico de recibos, numa caixa registadora.
Acho que a Julie percebeu que a história não ficava por aí, mas não me pressionou.
— Mais diferenças? — perguntou ela.
— Só coisas pequenas. Nada de importante.
No púlpito, Adam soltou um riso de desdém.
— Claro, nada de importante. Nada, a não ser...
— Adam! — avisei.
— Quê? — perguntou Julie.
— Nada — respondi. — Foi o Adam que fez um comentário grosseiro. Ela inclinou-se para a frente, curiosa — Que disse ele?
— Não é nada, a sério. Só o Adam a comportar-se como uma peste.

— Ele tem estado sempre a ouvir-nos?

Assenti.

— A ouvir e a comentar. É a atividade preferida dele.

— Posso falar com ele?

Era um pedido inocente e, como acabei por perceber, vulgar, tal como muitas outras perguntas de Julie, mas apanhou-me de surpresa; em vez de reconhecer que ela estava simplesmente curiosa acerca de Adam, a primeira ideia que me ocorreu foi que já não queria falar *comigo*.

— Que fiz de mal? — perguntei a Adam.

— Não fizeste nada de mal. Ela não está zangada... apenas quer ver um truque.

— Um truque?

— Um truque de magia.

— Queres ver um truque de magia? — perguntei a Julie, outra vez confuso.

— O quê?

— Olha — ofereceu-se Adam. — Eu mostro-te o que quero dizer. Deixa-me ter o corpo por um segundo...

Eu devia ter recusado. Apesar de só estar há um mês fora do lago, já sabia que não devia confiar na generosidade de Adam. Mas ele parecia tão confiante e eu sentia-me tão perdido, que recuei para o púlpito e deixei-o assumir o corpo.

Desta vez, foi Julie que se sobressaltou. As pessoas que nunca viram uma mudança de personalidade esperam, normalmente, uma transformação física dramática, como um lobisomem a quem crescessem pelos e colmillos quando há lua cheia. Na verdade, é muito mais subtil. O corpo não muda, só a linguagem corporal, o que, na verdade, pode ser muito mais perturbador. Sou naturalmente um pouco tímido e, embora tente manter o contacto visual, por uma questão de cortesia, tenho aquilo a que a tia Sam chama um «olhar educado não intrusivo». O Adam, claro, é o contrário de não intrusivo. A primeira coisa que fez quando assumiu o corpo foi lançar a Julie o seu olhar lascivo de adolescente grosseiro. Percebi-o pela forma como ela reagiu: deixou de sorrir e recuou defensivamente na cadeira. Foi o primeiro indício de que acabara de fazer uma grande asneira.

— Olá, Julie — disse Adam com uma voz de seda que até me espantou um pouco. — Observa cuidadosamente. — ergueu o braço direito e abanou-o. — Nada nesta manga... — fez o mesmo com o braço esquerdo — ... e nada nesta — baixou os braços e juntou-os, segurando com as mãos o jarro da cerveja. — Repara...

— Oh, não! — disse eu. — Adam, não!

A cerveja. Claro que o que ele queria era a cerveja. O álcool é contra

as regras da casa, mas Adam está-se nas tintas para as regras. Afinal, é filho de Gideon. E gosta de beber, ainda mais do que gosta da *Playboy*.

Enquanto ele levava o jarro aos lábios tentei tirar-lhe o corpo à força, mas ele estava disposto a conservá-lo até terminar a bebida. Não precisava de me manter afastado durante muito tempo. Beber com a rapidez de um relâmpago é um dos «talentos» mais refinados de Adam: limitou-se a inclinar a cabeça para trás e a cerveja desapareceu do jarro como água da chuva a descer por um cano de drenagem, sem que ele parasse para engolir.

— *Aaaaaahhhh...* — Adam pousou com força o jarro vazio em cima da mesa. A seguir despejou os copos; segurando o de Julie com um punho fechado e o meu com o outro, emborcou-os como se fossem do tamanho de um dedal e terminou com um ornamentado *TA-DAAAAA!!!* Depois, debruçou-se sobre a mesa, abriu a boca e arrotou explosivamente, mesmo na cara de Julie.

E foi tudo. Rindo histericamente da sua brincadeira, Adam fugiu do corpo e voltou para a casa, deixando-me a enfrentar as consequências.

Julie parecia ter levado uma bofetada: estava muito direita na cadeira, com as palmas das mãos abertas e rígidas contra a ponta da mesa, como se tivesse ficado congelada no ato de se levantar. Dentro da casa, ouvia o meu pai rugir de fúria, e sob esse rugido bateu uma porta, quando Adam, ainda às risadinhas, se barricou no quarto, mas tudo isso era muito distante. O universo imediato era constituído por Julie e pelos seus olhos arregalados de choque.

Encostei-me à cadeira e tapei a boca com as mãos, como se, de alguma forma, pudesse voltar a pôr o arrote de Adam lá dentro. Teria dado tudo para poder eu próprio fugir, passar o corpo e toda aquela situação para outra alma, mas isso não era permitido. Podia chamar Seferis para lidar com ameaças físicas, mas lidar com o embaraço era responsabilidade minha — mesmo que não tivesse culpa. Regras da casa.

— Lamento muito... — as palavras saíram-me rapidamente da boca, abafadas pelas mãos que ainda a comprimiam. — Lamento muito, Julie...

Julie pestanejou e voltou à vida.

— Isso era o Adam? — perguntou-me.

Assenti.

— Era o Adam.

— Tinhas razão — disse ela. — *É* um adolescente.

O serão acabou muito rapidamente. Eu continuei a pedir desculpa, mesmo que a Julie insistisse em dizer que não ficara ofendida.

— Só estou um pouco surpreendida, é tudo — mas parecia mais do que surpreendida; parecia desconfiada e retraída. Não me fez mais perguntas e a conversa chegou a um impasse.

Comecei a sentir-me estranho, com a cabeça leve e enjoado. Adam levava consigo o máximo de bebedeira que pudera, para a saborear em privado, mas há álcool suficiente em dois litros de cerveja preta para deixar duas almas com um grão na asa. Julie viu os meus olhos vidrados e disse:

— Parece-me que está na hora de ires para casa.

— Não — disse eu, com a cabeça a oscilar de um lado para o outro. — Estou bem, a sério, é que... — mas Julie já deslizara para fora do banco e fora tratar da conta. Fiquei a fitar um pouco de espuma no rebordo do jarro até ela regressar.

— Anda — disse ela, dando-me um beliscão no ombro. — Eu levo-te a casa.

O toque dos dedos dela desta vez não foi tão agradável: quando ergui o olhar, a sua expressão era séria e fria.

— Posso ir para casa a pé — sugeri.

— Eu não contaria com isso.

— Tens a certeza de que és capaz de conduzir?

Julie soltou uma gargalhada seca: — Sim, parece-me que sim — disse. — Só bebi um copo, lembrás-te?

A viagem foi muito curta, mas quando chegámos a casa da senhora Winslow eu começara a adormecer.

— É aqui? — perguntou Julie, dando-me uma cotovelada para me acordar. — Disseste Temple Street, 39, não foi?

Levantei a cabeça. Estávamos estacionados diante de uma casa vitoriana, mas levei algum tempo a certificar-me de que era a correta.

— Acho que é — disse. — Mas parece estranha. *Tudo* parece estranho...

— Vai para dentro — ordenou Julie. — Vai para a cama.

— Está bem... — mas antes de sair do carro, tentei pedir desculpa mais uma vez. Julie interrompeu-me.

— Vai para a cama, Andrew.

— Está bem — disse eu. — Está bem — puxei a pega da porta. O trinco parecia colado, por isso empurrei com força e a porta abriu-se com um guincho e bateu no passeio, ficando com uma larga risca de tinta raspada.

Julie soltou um silvo. Então eu comecei outra vez a pedir desculpa e ela disse:

— Sai já do carro. Sai do carro e deixa-me fechar a porta.

Saí. Com o meu peso fora do assento, o lado direito do Cadillac subiu um pouco, levantando a ponta da porta do passeio, mas quando Julie se estendeu sobre os bancos para a fechar, afundou novamente. Praguejando, tentou mover o traseiro o mais possível para o lado esquerdo sem largar a porta.

— Se calhar era melhor eu fazer isso –sugeri.

— Já consegui — disse Julie. Com uma última praga, desistiu da abordagem delicada e atirou com a porta, arranhando mais uma camada de tinta. Ouvi um grande estalo quando ela baixou a tranca.

— Boa noite — gritei-lhe. — Obrigada por me convidares para sair.

Se me devolveu as boas-noites, não a ouvi; quando me inclinei para a janela do passageiro para acenar, Julie acelerou o motor e partiu. Mesmo no cimo da rua, caiu num buraco, gerando mais uma chuva de faíscas; desta vez parecia mesmo que alguma coisa se desprendera do chassis, mas Julie nem sequer abrandou.

Acordei na manhã seguinte com uma dor de cabeça de rachar. Um presente de Adam: embora ele tivesse levado metade da bebedeira, deixara-me a ressaca completa. Parecia que a casa estava a arder.

Para piorar as coisas, o meu pai estava zangado comigo.

— Não devias ter entregue o corpo ao Adam!

— Não o teria feito — respondi — se soubesse que se ia comportar assim.

— O que está em questão não é a forma como ele se comportou. És *tu* que deves manter o corpo.

— Mas a Julie pediu para falar com o Adam!

— Foi por isso que lhe cedeste o controlo? Porque a Julie to pediu?

— Bem...

— Bem? — perguntou o meu pai.

— Eu estava confuso... Não percebia realmente o que a Julie queria, e o Adam disse que percebia, por isso...

— Não — interrompeu o meu pai. — Isso não está bem, Adam. Tu és responsável pelo corpo — mas não te *manterás* responsável se deres ao Adam a impressão de que pode aparecer sempre que estás confuso. A partir de agora, quando estivermos em público, não quero que, por razão *alguma*, cedas o corpo, a não ser que se trate de um caso de vida ou de morte. Percebeste?

— Percebi — respondi. — Mas...

— Andrew...

— E se alguém pedir para falar com o Adam e eu não estiver confuso, mas não quiser ser mal-educado? Que faço?

— Se alguém *precisar* de falar com o Adam, vens falar comigo acerca disso. E nessa altura eu cuidarei de que o Adam se comporte.

Decidiu não me castigar, percebendo que a ressaca era castigo suficiente. A ressaca, e também as consequências do meu erro — assim que a minha cabeça começou a recuperar alguma lucidez, apercebi-me de que eu e Julie não trocáramos números de telefone, por isso não podia entrar em contacto com ela. Ela sabia a minha morada e, durante alguns dias, tive es-

perança de que aparecesse, mas depois de uma semana sem qualquer visita concluí, relutantemente, que Adam a afugentara.

Então, cerca de uma semana mais tarde, eu passeava na Bridge Street quando uns turistas me perguntaram uma direção. Eram canadianos francófonos que não falavam muito bem inglês, e acabei por convocar a tia Sam ao púlpito para traduzir. Era um processo laborioso — a tia Sam explicava-me o que os turistas tinham dito, eu dizia-lhe o que queria responder, ela punha-me em francês e eu tentava repeti-lo em voz alta. Depois de os turistas, finalmente, terem partido, virei-me e dei com Julie Sivik a meu lado, sorrindo e abanando a cabeça.

— Espantoso — disse ela. — É como ver alguém a receber uma transmissão por satélite. Então, quem é o francófono da família? Outra vez o teu primo Adam?

— Não — respondi. — A minha tia Samantha. Na verdade, ela também é minha prima, mas chamamos-lhe tia Sam porque é mais velha. — Continuei: — O Adam ainda está de castigo por causa do que fez no bar.

— De castigo? Como?

— Bem, durante algum tempo, depois de beber a cerveja, não quis sair do quarto, por isso o meu pai trancou-o lá dentro por três dias. Agora já pode andar outra vez pela casa, mas não poderá voltar ao púlpito durante mais uma semana.

— Parece muito duro — disse Julie, com uma aprovação subjacente na voz.

— Aquilo que o Adam te fez foi muito grosseiro — disse eu. — E eu também errei, ao deixá-lo sair sem te avisar.

— Pois, bem, eu fiquei um pouco assustada com isso — admitiu Julie. — Também fiquei chateada por causa do carro...

— Gostaria de pagar a pintura da porta — ofereci-me.

— Não, não tem importância. Para começar, a pintura já não estava grande coisa, a falar verdade.

— Não, a sério. Deixa-me pagar... Ou, pelo menos, deixa-me dar-te o dinheiro quando começar no meu novo emprego.

— Novo emprego? — perguntou. — É verdade, ouvi dizer que estavas à procura de emprego.

— Ouviste dizer a quem?

— Ao teu antigo patrão. Estive outro dia na Bit Warehouse e perguntei por ti, mas o gerente disse que te demitiras.

— Perguntaste por mim? A sério?

— Pois, bem... quando me acalmei, senti-me um pouco mal por te ter largado em frente de casa na outra noite. De qualquer maneira, precisa-

va de ir buscar umas coisas à Warehouse, e achei que ia saber de ti. Mas já não estavas lá. Então, qual é o novo emprego?

— Na verdade, ainda não encontrei um. Estou a ter alguns problemas com as recomendações.

A Julie fez que sim com a cabeça.

— Pois, o tipo com quem falei na Warehouse mencionou qualquer coisa acerca de drogas — ergueu uma sobrancelha. — Outra vez o Adam?

— Não exatamente. Digamos que é uma longa história.

— Outra «verdade complicada»? — Julie riu. — Que género de trabalho procuras?

Encolhi os ombros.

— Qualquer coisa. Desde que seja algo que eu possa aprender no emprego.

— Alguma objeção a trabalhar outra vez com computadores?

— Não... a não ser que continuo sem saber muito acerca deles. Porquê?

— Foi só uma ideia — disse Julie. — O meu aluguer começa hoje — o meu aluguer comercial, aquele para o negócio que vou iniciar? — e ia agora mesmo ver o local. Vai dar-me jeito mais um par de mãos enquanto estou a arrumar as coisas... E, quem sabe, talvez haja lá uma posição a longo prazo para ti.

— Não vejo como — respondi. — Quero dizer, gostaria muito de te ajudar a arrumar o escritório, mas, honestamente, não sei nada sobre realidade virtual.

— Ah, a verdade é que sabes. Sabes mais sobre o assunto do que qualquer pessoa que já conheci.

— Não sei nada do assunto! — protestei. — Nem sequer sei o que é. Nunca me disseste.

— Põe as coisas desta forma: é muito semelhante àquilo que tens na cabeça.

— Queres dizer que é como a casa? Mas não pode ser. A casa não é real.

— Bem, a realidade virtual também não.

— Não compreendo.

— Não faz mal — disse Julie, sorrindo da minha confusão. — Aprenderás. — Depois, voltou a surpreender-me, dando-me o braço como se fôssemos velhos amigos e o incidente no bar nunca tivesse acontecido. — Vem comigo. Vou explicar-te o meu plano geral pelo caminho.

Na verdade, existem duas pontes na Bridge Street. A ocidental, que passa sobre a falha que dá o nome a Autumn Creek, é a saída principal da cidade. A oriental é usada sobretudo por camiões de lenha. Atravessa um barranco chamado Thaw Canal, um afluente primaveril de Autumn Creek. Passando o canal, a East Bridge Street só tem o primeiro quarto de milha pavimentado, tornando-se a partir daí uma estrada de serviço em terra batida.

Na manhã em que conheci Penny Driver fui a pé para o trabalho através da ponte do canal, seguindo o mesmo caminho que tomara pela primeira vez com Julie Sivik, dois anos antes. A Fábrica da Realidade localizava-se num lote de duzentos hectares ao longo da última extensão de asfalto da East Bridge Street. O meu pai achava que o lote fora originalmente um depósito de camiões — havia uma velha ilha de combustível com bombas de gasóleo enferrujadas num dos extremos da propriedade — mas durante vários anos, antes de a Julie o alugar, fora um armazém. O edifício principal, aquele que fora ocupado pela Fábrica, era um telheiro comprido, com muros de cimento. Julie, pelo menos, chamava-lhe telheiro, embora fosse enorme, tão grande como o interior da Bit Warehouse, sem mais que uma fila dupla de colunas de apoio para separar o espaço.

Cheguei à Fábrica um pouco depois das oito. Julie chegara antes de mim; o carro dela estava estacionado no parque, debaixo de um toldo, junto das bombas de gasóleo. Era o mesmo Cadillac de 57 que conduzia há dois anos, ainda em processo de reparação. Poder-se-á pensar que ela não trabalhara muito arduamente na reparação, mas a verdade é que o fizera — pelo menos, intermitentemente —, só que por cada problema que resolvia, outro parecia desenvolver-se, de modo que a condição geral do carro nunca chegava a melhorar. Julie ainda insistia em que o ia vender um dia, embora já não falasse em obter lucro.

Dei a volta ao edifício e entrei pela porta lateral. Lá dentro, a voz de Julie ecoava nas vigas do alpendre — ela estava lá atrás, algures entre o labirinto de tendas do exército, a discutir com um dos irmãos Manciple. Provavelmente Irwin, o mais jovem e de falinhas mansas; só as palavras de Julie eram audíveis, o que não aconteceria se a briga fosse com Dennis. Trauteando para mim mesmo, para não ouvir aquilo que não me dizia respeito, dirigi-me à tenda do capitão que me servia de escritório e sentei-me a ver o meu e-mail.

É melhor explicar a história das tendas.

A primeira vez que vi o telheiro, estava uma confusão. Não havia energia e o edifício não tinha janelas, por isso Julie acendeu uma lanterna para eu ter uma ideia de como o interior era espaçoso. Era espaçoso, certo, mas também estava cheio de tralha: o foco da lanterna varreu longas pilhas de canos metálicos partidos. Velhos andaimes, explicou a Julie, que antes haviam sustentado prateleiras de artigos. Quando o armazém fechou, tinham retirado as prateleiras e cortado os andaimes para sucata, só que, por qualquer motivo, a sucata ficara para trás. A nossa primeira tarefa seria alugar um camião de entulho para levar dali aquele lixo todo.

— Sei que, neste momento, isto parece uma área de desastre, mas acho que tem bastante potencial, assim que limparmos tudo.

— Oh, claro... e nessa parte, posso perfeitamente ajudar-te. Sou capaz de carregar pesos.

— Não deve demorar mais de uma semana, acho eu, assim que nos pusermos ao trabalho. E depois de tirarmos o lixo todo, podemos começar a montar as tendas, e...

— Tendas?

— Há um problemzinho com este edifício. — Julie virou a lanterna para cima, iluminando um tecto de duas águas feito com traves de madeira manchadas. — O telhado deixa entrar água. Não *horriavelmente*, quero dizer, não estamos a falar do dilúvio, mas não me parece seguro deixar equipamento informático exposto por baixo dele.

— Então vais montar tendas aqui? Para manter os computadores secos quando chover?

Julie fez que sim.

— Tendas militares. O meu tio conhece um intendente em Fort Lewis que mas arranja quase de graça — de todos os tamanhos, quantas eu quiser.

— Não faria mais sentido, simplesmente, substituir o telhado?

— Não tenho dinheiro para isso, pelo menos por agora. Assim que a Fábrica estiver a funcionar e eu tiver algum capital de risco, ou talvez algum dinheiro do subsídio...

— Mas porque serias tu a pagar? Este sítio é alugado...

— Faz parte do contrato. Uma das razões para a renda ser tão baixa é que eu concordei em realizar certas melhorias na propriedade às minhas custas.

— Prometeste reparar o telhado?

— Sim, entre outras coisas.

— Mas se não tens dinheiro para isso...

— Não tenho, *por enquanto* — retificou ela. — Mas não faz mal, não precisa de ser agora, pode ser em qualquer altura antes de o contrato acabar.

Entretanto, há outras coisas mais urgentes, como limpar este lixo e certificar-me de que o quadro elétrico suporta todo o equipamento que vou instalar. Reparar o telhado, isso é mais um projeto a longo prazo. Um projeto para ti, talvez — acrescentou —, já que tens tendência para a arquitetura.

— Foi o meu pai que construiu a casa — recordei. — E toda a carpintaria foi imaginária.

Mas ela não me ouvia. Apanhada nas suas próprias fantasias, virar-me as costas e estava outra vez a varrer o espaço com a lanterna. Ao vê-la, percebi de súbito uma coisa: Julie não era uma pessoa prática. Sei que provavelmente já toda a gente o percebeu, mas para mim foi uma ideia nova. Foi também o primeiro julgamento de caráter que alguma vez fiz completamente sozinho, sem ajuda de Adam ou do meu pai, o que me deu uma estranha sensação de realização, quase como se tivesse descoberto algo de positivo acerca dela. E deve ter sido bom que me tenha sentido dessa maneira — a incapacidade de Julie para fazer coisas simples punha uma data de gente furiosa, mas eu fui sempre capaz de ser paciente com ela, e até de achar simpática a sua falta de espírito prático, porque isso confirmava a minha percepção.

Além disso, as suas ideias não eram sempre tão impraticáveis como pareciam ao princípio. Tal como o carro, o telhado da Fábrica nunca foi completamente reparado — embora eu me tenha posto ao trabalho várias vezes, para remendar goteiras que se tinham tornado demasiado grandes para serem ignoradas — por isso, as tendas tornaram-se permanentes. Mas, ainda que não tivessem sido necessárias, provavelmente tê-las-íamos mantido, devido a um efeito secundário surpreendente: além de manterem o equipamento seco, as tendas também tornavam a Fábrica muito mais acolhedora, dividindo o grande espaço do telheiro em salinhas pequenas. Criavam privacidade, e embora se tivesse podido obter um efeito semelhante usando as divisórias de escritório normais, as tendas, a longo prazo, eram uma solução mais eficaz, já para não dizer que eram mais divertidas. Trabalhar na Fábrica da Realidade era como trabalhar num acampamento de ciganos, especialmente depois de Julie ter um ataque de criatividade e nos mandar pintar o exterior das tendas com cores diferentes.

A minha tenda era azul-celeste, com nuvens pintadas a *spray*. Fora a tia Sam que me ajudara a fazer o *stencil*. Estava mobilada com uma grande secretária de carvalho que eu e Julie resgatáramos do lixo onde deitáramos os andaimes, e equipada com um computador *Pentium* recuperado. Com a ajuda de Julie, eu criara o meu próprio website para trocar informações online com outros múltiplos. Julie oferecera-se para me arranjar um segundo computador para ter em casa da senhora Winslow, mas o meu pai e eu

vetámos a ideia — a última coisa de que precisávamos era de ter Adam e Jake a lutarem pelo acesso à internet.

Essa manhã, enquanto eu tentava ligar-me ao nosso operador de internet, só recebia mensagens de erro. Isso acontecia por vezes; depois de dois anos a resolver problemas, a instalação elétrica da Fábrica era bastante fiável, mas a nossa ligação à U.S. West ainda era fortuita.

Gritei: — Dennis?

Da tenda ao lado, Dennis Manciple respondeu: — Está em baixo.

— É outra vez o quadro? — perguntei.

— O Irwin diz que não — respondeu Dennis. — Ainda temos telefone de voz, mas não se consegue entrar online. Deve haver problemas do outro lado. Espera uns minutos.

— Pois — escarneceu Adam. — Espera uns minutos e o telefone normal também vai abaixo.

— Está calado. — Deixei o computador suspenso e fui à tenda de Dennis, que era vermelho-sangue, decorada com falsos buracos de bala e retratos a spray de Lara Croft e Duke Nukem a guardar a aba da entrada. Como sempre, Dennis estava ocupado a escrever código de software, mas também estava completamente vestido, o que me surpreendeu.

Os irmãos Manciple eram do Alasca. Os seus pais eram fazendeiros; Irwin e Dennis tinham crescido numa povoação nos bosques, junto do rio Yukon, e já eram adolescentes na primeira vez que visitaram uma cidade com mais de cem pessoas. O isolamento dos seus anos de formação — frequentaram a escola primária pela rádio — deixara-lhes as suas marcas. Não era tanto os irmãos não terem habilidades sociais, disse uma vez Julie Sivik, mas o facto de terem um conjunto de habilidades sociais diferente do resto do mundo. (Quando eu sugeri que se podia dizer o mesmo de mim, Julie fez uma distinção que ainda não estou certo de compreender: «Tu és só estranho», disse ela. «Os irmãos Manciple são esquisitos.»)

Dennis tinha um problema qualquer com a roupa. Em parte por causa do clima onde crescera, em parte porque pesava vinte quilos a mais, tinha sempre demasiado calor, mesmo em temperaturas que faziam a maior parte das pessoas ansiar por uma parca. Andava naturalmente despido por todo o lado e sempre que se instalava num sítio mais que alguns minutos, começava a desabotoar e a despir as poucas peças de roupa que tinha em cima. Era habitual encontrá-lo na sua tenda completamente despido, a não ser pelas cuecas e uma faixa lombar, mas hoje vestia uma camisa verdadeira, com botões, e uns calções. E sapatos.

— Dennis — disse eu, — estás vestido. — Farejei o ar da tenda, que me parecia mais fresco que o habitual. — E tomaste banho. — Podiam-se

dizer essas coisas ao Dennis, que nunca se ofendia com nada; com o Irwin tínhamos de ser muito mais delicados.

— Ordens do Comodoro — respondeu, referindo-se a Julie. Chamava-lhe títulos inventados, como «Comodoro» ou «o General», e ocasionalmente a «Imperatriz Megera», embora a última não lhe ficasse bem. — Hoje chega uma funcionária nova. Não a devo deixar ver-me os pelos do peito, pelo menos durante a primeira semana.

— Uma funcionária nova? Quem é?

Dennis encolheu os ombros.

— Alguém que a Joia conheceu em Seattle no mês passado.

— A Julie não me disse nada.

— Porque havia de dizer? São casados, ou alguma coisa do género?

— Não, mas... o que é que essa pessoa nova faz? A Julie contratou-a para fazer o quê?

— Não faço ideia — disse Dennis. — Ainda não percebi bem para que te contratou *a ti*.

Não só o Dennis nunca se ofendia com nada, como também não se incomodava nada em ofender. Mas não o censurei por me aborrecer com a descrição do meu posto de trabalho. Oficialmente, Julie contratara-me como «consultor criativo» da Fábrica da Realidade. Era uma posição que se me ajustava na perfeição, dizia ela, porque tinha experiência em primeira-mão daquilo que, em última análise, devia ser a realidade virtual: um universo imaginário onde pessoas diferentes se podiam encontrar, interagir e ser criativas juntas.

Depois de eu ter ultrapassado a objeção óbvia — o meu pai construíra a casa como forma de controlar a multidão, não para exprimir a sua criatividade — tive de admitir que me pareceu intrigante. Mas é difícil ser consultor de um projeto que está muitos anos à frente do seu tempo.

A minha primeira experiência virtual foi particularmente dececionante. Era um jogo de vídeo verdadeiramente horrível, chamado *Metropolis of Doom*, que consistia nuns óculos estereoscópicos e num gatilho portátil. Os óculos mostravam-nos um desenho de linhas vermelho-vivo, a três dimensões, que pretendia representar uma cidade. Enquanto avançávamos pela rua principal da cidade, montados numa passadeira rolante invisível, pequenas pirâmides voadoras que faziam a vez de jatos de ataque apareciam do meio dos prédios e disparavam foguetes contra nós. O objetivo era abater os jatos; os óculos detetavam movimento e, virando a cabeça, podíamos apontar a uma mira suspensa no centro do nosso campo de visão. Mas o sensor de movimento não valia nada — virávamos a cabeça, esperávamos um segundo e *depois* a mira movia-se — e na altura em que abati o meu primeiro jato já tinha dores de cabeça. Então, os óculos embaciaram-se.

— Lamento — disse a Julie, limpando o suor da testa, enquanto lhe devolvia os óculos. — Acho que não te posso ajudar com isto.

— Não sejas tão precipitado — disse ela. — Este protótipo não é meu. É só para te dar um ideia...

— Não é nada como tu descreveste — como o que eu *achei* que descreveste. E não é nada parecido com a casa. A casa não é real, mas *parece*. Isto, contudo... nem sequer é um bom brinquedo.

— Eu sei que não é. Mas o sistema de VR em que os meus sócios estão a trabalhar é *muito melhor*, muito mais avançado... — ficou pensativa. — Disseste que parece real. Quão real?

— Hã?

— Disseste que a casa parece real, embora não seja. Quero saber mais sobre a natureza dessa experiência. Quando estás na casa, continuas a ter os cinco sentidos, não é?

— Sim, claro.

— Então, é como uma alucinação perfeita.

Franzi o sobrolho.

— Alucinação não me parece a palavra correta.

— Qual é a palavra correta?

— Não sei. Não sei se existe uma.

— Que tal um sonho? — perguntou Julie. — É como sonhar?

— Não. É como eu achei que disseste que era a realidade virtual: como estar completamente acordado num lugar imaginário, com outras pessoas. Mas... — apontei os óculos. — Não é *nada* disto, por isso agora não sei muito bem como o descrever.

Mas Julie, nem um bocadinho desanimada, disse:

— Devias deixar-me apresentar-te aos meus sócios.

Apesar de terem crescido nos bosques, os irmãos Manciple não eram estranhos à alta tecnologia. A fazenda dos pais funcionava a energia solar nos meses de verão e houvera um computador em casa desde 1975, quando o pai de Dennis e de Irwin encomendara um kit Altair faça-você-mesmo. Os irmãos foram criados com o Altair e a série de computadores pessoais ainda mais sofisticados que vieram depois deste e passaram muitas noites longas de inverno a programar — ou por vezes, no caso de Irwin, a mexericar nas entranhas das máquinas mais antigas. Então, em 1993, um jogo de aventuras chamado *The Stone Ship* que os irmãos inventaram em co-autoria (Irwin inventou a história enquanto Dennis escreveu a maior parte do código) rendeu-lhes dinheiro suficiente para os convencer a tornarem-se profissionais. Deixaram o Alasca e rumaram a sul, para procurar fortuna na indústria de software, preferindo Seattle a Silicon Valley por medo que a Califórnia fosse demasiado quente.

Julie conheceu-os quando trabalhava na clínica de fisioterapia, quando Dennis procurou ajuda para os seus problemas nas costas. Nessa altura, finais de 1994, os irmãos estavam em Seattle há mais de um ano sem terem feito nada. Apesar do sucesso do *The Stone Ship*, não haviam conseguido despertar o interesse de nenhuma empresa de software pelo projeto ambicioso das sequelas e, tendo gasto quase todo o dinheiro, começavam a pensar em desistir e voltar para casa. Mas Julie, que atravessava nesse momento as suas próprias dificuldades profissionais (ela e o fisioterapeuta tinham andado a namorar e agora tinham terminado e ela estava prestes a ser despedida e a ficar na rua), convenceu-os a fundar a Fábrica da Realidade, tomando-a como responsável comercial, diretora de financiamentos e diretora-geral oficiosa.

O sistema de realidade virtual dos irmãos chamava-se Eidolon. Tal como *Metropolis of Doom*, usava uns óculos tridimensionais; contudo, tendo sido desenhados por Irwin, os óculos Eidolon eram mais confortáveis e não embaciavam tão depressa. Tinha também uma «luva de dados» que dizia ao software Eidolon o que a nossa mão direita fazia, quer estivesse a acenar, a apontar ou a agarrar.

Era melhor que *Metropolis of Doom*. Os gráficos eram policromáticos, com formas sólidas e texturadas e não apenas contornos. Em vez de andarmos numa passadeira rolante, dispúnhamos de completa liberdade de movimentos — podíamos rodopiar, saltar para cima e para baixo, deslizar para trás e para os lados, tudo isso, fazendo gestos com a luva de dados. E ninguém disparava contra nós: em vez de uma cidade devastada pela guerra, o mundo visto pelos óculos Eidolon era uma espécie de recreio com brinquedos, como uma bola que podíamos bater ou lançar e um cogumelo mágico que, se lhe déssemos um piparote, fazia nascer do chão violetas e dentes de leão.

Contudo, continuava a não ser nada como a casa. Os gráficos eram melhores, mas mais parecidos com desenhos animados que com a realidade, e embora pudéssemos ver coisas, não as podíamos tocar. Mexer no cogumelo mágico era como mexer no ar. Não podíamos cheirar as flores nem sentir a água do lago dos patos. Da primeira vez que experimentei o Eidolon nem sequer se ouvia a bola a saltar — os óculos tinham auscultadores estereofónicos incorporados, mas Irwin ainda não os tinha posto a funcionar. E o movimento «livre» ainda podia ser irritantemente lento ou desajeitado, especialmente se cansássemos o computador, obrigando-o a desenhar demasiados dentes de leão.

Além disso, eu não sabia exatamente qual era o objetivo de tudo aquilo.

— O objetivo é aquele que o utilizador final quiser que seja — explicou-me Julie. — O objetivo é esse.

— Bem, mas... não é que não seja agradável e isso tudo, mas achas mesmo que as pessoas vão pagar só para participarem num jogo imaginário?

— Não estás a perceber, Andrew — disse Julie. — O Eidolon não é o pátio de recreio.

— Não é?

— Não. O Eidolon é aquilo que *construiu* o pátio de recreio. — Ela pôs-se a explicar que o Eidolon era, na realidade, um «motor de software», uma espécie de linguagem e intérprete de programação.

— O pátio de recreio é só uma aplicação de amostra. Uma *demo*. Mas podes usar o motor para desenhar toda a espécie de geografia que quiseses, por qualquer razão que queiras. Então, poderás ser um urbanista que quer levar alguém a dar uma volta através de um edifício que só existe em projeto; o Eidolon permite-te fazê-lo. Ou talvez queiras jogar um jogo imaginário, mas usando as tuas próprias leis da física. O Eidolon também to permite.

— *Hmm*.

Não o disse em voz alta, mas aqueles exemplos continuavam a não me parecer muito interessantes. Julie, porém, sentiu a minha falta de entusiasmo e lembrou-se rapidamente de uma aplicação que me interessou.

— Ou poderás ter sido ferido.

— Ferido? Ferido como?

— Num acidente, por exemplo. Suponhamos que sofreste uma lesão na coluna que te deixa parcialmente paralisado, sem sensação nas pernas. Poderás ficar agarrado a uma cadeira de rodas para o resto da vida. Mas, com isto — bateu nas costas da luva de dados — podes levantar-te e dançar sempre que quiseres.

— O motor permite-te fazer isso?

— Claro — ela sorriu. — Por isso, estás a ver, não é só um brinquedo caro. Com a aplicação correta, pode ser uma ferramenta para viver uma vida mais rica.

Uma ferramenta para viver uma vida mais rica... Gostei da frase.

— Parece bom — disse. — Mas quem é que vai realmente programar essa aplicação? Quero dizer...

— O utilizador final — disse Julie.

— A pessoa na cadeira de rodas?

Julie acenou.

— A versão final do interface de programação será muito intuitiva, muito fácil de utilizar. Serás capaz de definir e criar geografias completamente novas, usando apenas o capacete e a luva.

Isso prendeu-me a atenção. Dentro da cabeça de Andy Gage, só o

meu pai estava autorizado a fazer alterações na casa e nos terrenos; aqui eu tinha oportunidade de deter um poder idêntico.

— Podes mostrar-me como isso funciona?

Fui outra vez buscar os óculos e a luva de dados, mas Julie deteve-me.

— A versão *final*, disse eu. Ainda não está acabado.

— Oh, nem sequer há uma versão de ensaio que eu possa experimentar?

— Nada. Lamento. O Dennis ainda está a trabalhar no núcleo do motor Eidolon, por isso, para já, as aplicações têm de ser codificadas individualmente. O editor de geografia simplificado — chamamos-lhe *Landscaper* — ainda está bastante atrasado.

— Quando? — tive uma súbita desconfiança aflitiva. — Quando é que o Eidolon estará acabado?

— Quando estiver — respondeu Julie.

De poucos em poucos meses, Dennis conseguia realizar um novo programa de demonstração, apresentando a última versão do ainda inacabado motor Eidolon, para tentar aliciar potenciais investidores. Estas *demos* eram a coisa mais próxima que a Fábrica da Realidade tinha de um produto verdadeiro. Eram também a minha única oportunidade de brincar aos consultores: antes de Dennis começar a codificar, Julie sentava-me com ele e fazia-me oferecer sugestões acerca do que a *demo* devia incluir. Mas essas sessões de *brainstorming* nunca duraram muito tempo e a maior parte das minhas sugestões eram coisas impossíveis de o Dennis implementar.

— Isto não é o *holodeck* da *Enterprise!* — acabava por me gritar, de paciência esgotada. — Não posso programar isto para tu *cheirares* coisas!

E, assim, acabei por passar a maior parte do meu tempo a fazer trabalho que não era de consultoria: ajudar Irwin a montar e a desmontar hardware, introduzir dados para Dennis, fazer recados a Julie, remendar o telhado e tratar de outras tarefas de manutenção por toda a Fábrica — como despejar o Pote de Mel, a sanita portátil, — com que Julie e os Manciples não se podiam incomodar. Geralmente, mantinha-me suficientemente ocupado para sentir que merecia o meu salário de seis dólares por hora. Mas não havia assim *tantas* tarefas e não percebia o que é que um quinto empregado podia fazer.

— Aparentemente, ela sabe qualquer coisa acerca de desenho de interfaces — disse Dennis, porque eu continuava a questioná-lo.

— Desenho de interfaces? Queres dizer que é programadora?

— A Comandante Suprema parece pensar que sim.

— Então vai trabalhar contigo?

— Ou contigo — respondeu Dennis. — Depende de *eu* pensar ou não que ela é programadora.

— Quer dizer que é agora que vais finalmente implementar o *Lands-caper*?

— Talvez seja — depois pensou um pouco mais seriamente na questão e acrescentou: — É melhor que seja. Não é que eu precise de ajuda com o motor em si.

— Não, claro que não — intrometeu-se Adam, do púlpito. — Ele só está a trabalhar nessa coisa há quatro anos, porque haveria alguém de pensar que precisava de ajuda?

— Está calado.

Dennis rodou a cadeira para me olhar. — O quê?

— Nada — disse eu.

— Comentários da galeria dos amendoins?

— Só o Adam a disparatar.

— *Uh-huh*. — Dennis sabia da casa, mas não tenho a certeza se alguma vez chegou a acreditar completamente nela; sempre que me ouvia falar com Adam ou com o meu pai, reagia como se eu estivesse a mostrar sinais de doença mental.

Penny Driver chegou à Fábrica cerca de quinze minutos mais tarde. Eu voltara para a minha tenda e fizera mais algumas tentativas infrutíferas de me ligar à internet; estava a sair de novo para procurar Irwin quando a vi.

Penny introduzira-se pela porta lateral do telheiro (também havia uma porta da frente, semelhante a um portão de garagem, suficientemente grande para deixar passar um camião Mack, mas a única vez que a abrimos levámos dois dias a conseguir voltar a fechá-la, por isso agora fazíamos de conta que era uma parede). Ela estava mesmo junto da ombreira, com uma mão atrás do corpo, ainda a segurar a maçaneta, parecendo preparada para fugir dali rapidamente. Acho que Julie não a avisara do que a esperava.

— Está no sítio certo — chamei.

Ela saltou, literalmente, ao som da minha voz: deu um pulinho e soltou um gemido agudo. Ergueu a mão que estava livre e pressionou-a contra o peito, como se fosse ter um ataque de coração.

— Desculpe — disse eu. Caminhei até ela lentamente, como se ela fosse Jake. — Desculpe, não a queria assustar. Mas isto é a Fábrica da Realidade, se é isso que procura.

Estendi a mão, mas ela não a segurou. De repente, já não parecia nada assustada, só atónita; olhou para mim da maneira que se olha para uma lata de feijão que não nos lembramos de ter posto no carrinho do supermercado. Sem saber que mais fazer, devolvi-lhe o olhar.

Fisicamente, era muito pequena, pouco mais de um metro e meio, e magra. Usava uma camisola cinzenta desbotada que lhe chegava quase aos joelhos e um par de calças de ganga amarrotadas. O cabelo muito curto es-

tava despenteado, como se tivesse acabado de saltar da cama depois de um longo sono, mas tinha os olhos injetados de sangue e com grandes círculos negros em volta.

De repente, soltou a maçaneta da porta e cruzou os braços diante do corpo. Deu três passos rápidos em frente, movendo-se tão velozmente que tive de saltar para o lado para lhe sair do caminho. Ignorando-me, rodou a cabeça, examinando a extensão do telheiro: absorvendo as tendas, as traves manchadas do teto, os baldes sob as goteiras, os pedaços enferrujados de lascas que tinham sobrado pelos cantos mais distantes, os cabos serpenteantes, enrolados em fita isoladora.

— Foda-se! — disse. — Que buraco do caralho!

— Desculpe? — perguntei.

— Tu ouviste-a — disse Adam, parecendo divertido. — Qual é a palavra que te dá problemas, foda-se ou caralho?

Penny descruzou os braços. Piscou os olhos e virou-se outra vez para mim, parecendo novamente alarmada de me ver mesmo ao lado dela. Desta vez não saltou nem gemeu, mas recuou tão depressa como avançara. Novamente de costas para a porta, ergueu a mão num aceno tímido.

— Olá — disse.

— Olá — respondi.

— Olá — disse Adam. — Alguém viu passar um desfile?

Julie surgiu do meio de duas tendas, com um Irwin de rosto desanimado arrastando-se atrás dela.

— Olá, Penny — cumprimentou, acrescentando, com um aceno para mim: — Vejo que já se conhecem.

— Mais ou menos — disse eu. A manhã estava para comportamentos peculiares, aparentemente. À medida que Julie se aproximava de nós, era capaz de jurar que via qualquer coisa estranha na sua expressão — um vestígio de satisfação no seu sorriso, uma espécie de divertimento privado no olhar — mas abandonei a ideia. Devia ter qualquer coisa a ver com a briga que tivera com Irwin. Adam podia ter-me dito a verdade, mas continuava concentrado em Penny.

— Então, — disse Julie, chegando junto de nós — suponho que sejam necessárias apresentações formais. Andrew Gage, esta é a Penny Driver. Penny, este é o Andrew.

— Prazer em conhecê-la, Penny — e estendi-lhe a mão outra vez. Desta vez, ela apertou-a, embora eu pudesse ver que não queria. Sacudi-lhe o braço uma vez, delicadamente, e soltei-a.

— Na verdade, — disse Julie — ela gosta que lhe chamem Mouse.

— Não, não gosta — observou Adam do púlpito. — Viste como estremeceu? Ela *odeia* que lhe chamem Mouse.

— Adam — perguntei, com o cuidado de não pronunciar as palavras em voz alta. — A Julie parece-te estranha esta manhã? Tem aquela expressão no rosto, como...

— Olá, Mouse — troou a voz de Dennis Manciple. Saiu da tenda com os três primeiros botões da camisa desabotoados, recebendo um instantâneo olhar reprovador de Julie.

— Dennis — disse ela bruscamente, juntando as lapelas da sua própria camisa.

Dennis ignorou o sinal. Com o peito exposto ao mundo, marchou para Penny e apertou-lhe a mão com tanta brusquidão que quase a fez cair.

— Prazer em conhecer-te, Mouse!

— Ele gosta dela — troçou Adam. — Acha que é sexy... mas ela acha-o um porco gordo e repugnante.

Achei que esta última parte podia ser uma projeção de Adam — embora seja verdade que, enquanto Dennis lhe apertava a mão, Penny parecia ter os dedos enterrados em qualquer coisa nojenta.

— Mas, e a Julie, Adam?

— Não sei — respondeu Adam. — De qualquer maneira, ela é sempre um pouco estranha, talvez não seja nada. Ou talvez tenha alguma ideia tola de vos juntar aos dois.

— Os dois — queres dizer eu e a Penny? Como namorados?

— Sim — mais troça. — «Como namorados.» Pode ser isso. Ou talvez ela também tenha visto o desfile.

— Qual desfile? Estás a falar de quê?

— Presta atenção — disse Adam. — Verás.

Dennis continuava a abanar a mão de Penny, parecendo preparado para o fazer o dia todo.

— Já chega! — disse Julie. Meteu-se entre os dois e abanou a mão impaciente junto da camisa aberta de Dennis. — Que te disse eu acerca disto?

— Mil desculpas, Grandiosa — disse Dennis. Abotoou-se, mas sem pressas.

— Idiota — Julie virou-se e lampejou um sorriso conciliador a Penny. — Desculpa — disse-lhe. — Como podes ver, somos bastante informais por aqui — um tanto *demasiado* informais, por vezes. O nudista é Dennis Manciple. E o Senhor Amuado, ali, é o irmão dele, Irwin.

Irwin, ainda uns bons dez passos atrás dos outros, não tentou apertar a mão de Penny, nem sequer lhe acenou um cumprimento. Estava furioso.

— Agora que já conheces toda a gente, — continuou Julie — porque não voltamos todos à Tenda Grande e te mostramos o sistema? Podes experimentar uma das nossas *demos*, para teres uma ideia melhor do que estamos a fazer.

— Ok — concordou Penny. Disse-o como se, na verdade, fosse a última coisa no mundo que lhe apetecesse fazer, mas deixou que Julie a conduzisse pelo cotovelo, apenas com um último olhar melancólico para a porta pela qual entrara.

A Tenda Grande, como o seu nome sugeria, era a tenda maior da Fábrica. Estava montada no extremo sul do telheiro, diagonalmente orientada em relação às paredes — era a única maneira de caber entre os pilares de suporte. Originalmente, era uma tenda-messe do exército, mas tinham-na pintado de maneira a parecer uma tenda de circo (ou, na verdade, eu tinha-a pintado, depois de a Julie e o Irwin terem desanimado; riscas vermelhas e brancas tornam-se muito rapidamente monótonas). Albergava a maior parte do equipamento da Fábrica, incluindo uma fila de estações gráficas interligadas que o tio de Julie achara na rua depois de terem caído da traseira de um camião.

A Tenda Grande estava tão atravancada como o meu quarto e tão desarrumada como o próprio telheiro estivera outrora. Mas existiam níveis de desordem e, quando entrei, percebi a razão da briga entre Julie e Irwin: durante a noite, uma das estações de trabalho fora desmantelada e todas as suas peças estavam espalhadas em cima de uma mesa. Isto acontecia com grande frequência — Irwin estava constantemente a desligar um dos computadores, a desmontá-lo e a reconfigurá-lo, para arranjar mais um niquinho de performance — mas ter uma das máquinas desligadas podia causar problemas ao resto da rede, principalmente se corrêssemos uma *demo*. Então, ou a Julie se esquecera de dizer a Irwin que hoje ia precisar do sistema em pleno funcionamento ou, mais provavelmente, ele não a ouvira.

A visão de todo aquele hardware desencadeou outra reação estranha em Penny. Soltoou o braço da mão de Julie, dirigiu-se à mesa de trabalho e fez uma observação que soou muito autoritária acerca da coleção de peças de computador. Não percebi muito bem o que disse — usou o dialeto tecnológico em que os ex-empregados da Bit Warehouse deviam ser fluentes, mas que eu nunca aprendi —, mas impressionou suficientemente Irwin para ele esquecer por momentos o seu amuo.

— Tens razão — disse-lhe. — Já trabalhaste com um destes?

Em vez de responder, Penny examinou as outras duas estações de trabalho, as que não tinham sido desmanteladas. Percorreu com o dedo um ponto áspero na caixa de plástico e metal de um computador.

— Vocês raspam a marca comercial? — perguntou.

— Vieram assim — disse Julie. — Como parte de um acordo especial.

— Pois — disse o Adam. — Noventa por cento de desconto, sem números de série.

— Cala-te.

Penny estava a olhar para mim.

— *Ups*, desculpe. Não estava a falar consigo.

— O Andrew ouviu vozes na cabeça — explicou Dennis, troçando. — Tem família ali em cima.

— Família...?

— É complicado — disse Julie. Disparou um olhar de aviso na direção de Dennis. — O Andrew vai explicar-te, ele próprio, *se* lhe apetecer.

Definitivamente, não me apetecia, pelo menos naquele momento.

— Então — disse eu, ansioso por mudar de assunto. — Que *demo* é que vamos correr?

Dennis sentou-se ao terminal do computador e premiu algumas teclas.

— Que tal *Dancing Cripples*? — sugeriu. — Tu gostas desse.

Dancing Cripples era uma versão *demo* da aplicação que Julie imaginara para recuperar o meu interesse, quando experimentei pela primeira vez o Eidolon — a aplicação que um paraplégico devia ser capaz de programar sozinho, usando o capacete e as luvas de interface do *Landscaper*. Embora o interface ainda não se tivesse materializado, perguntei tantas vezes pela aplicação que Julie, finalmente, mandou Dennis codificar uma *demo* e um representante da Administração dos Veteranos (tivemos o cuidado de não lhe chamar *Dancing Cripples* diante dele) apreciou-a o suficiente para nos conceder um subsídio de investigação de cinco mil dólares.

— Muito bem — concordei. — Mostramos esse.

— Muito bem — concordou Julie. — Andrew, não queres fazer do tipo na cadeira de rodas? A Penny usa o fato de dados.

Um fato de dados era uma versão de corpo inteiro de uma luva de dados. A Fábrica da Realidade dispunha de três fatos de dados, de tamanhos diferentes: um para adultos grandes, um para adultos pequenos e um para crianças. Julie pegou no das crianças para Penny.

— Vais ter de despir isso, Mouse — disse, dando palmadinhas numa das mangas da camisola grandalhona de Penny. Esta sobressaltou-se outra vez, e não fez qualquer gesto para obedecer. O seu rosto transparecia alterações de expressão incrivelmente rápidas, como se não conseguisse decidir se havia de se sentir assustada, ultrajada ou cooperante. Cheguei a ver — ou pensei ter visto — um assomo de raiva tão intenso que parecia que ia bater em Julie por causa daquela ideia de a despir. Mas a raiva desvaneceu-se tão depressa como apareceu e Penny ficou passiva; deixou que lhe erguessem os braços no ar e lhe tirassem a camisola.

Por baixo, não usava muita coisa. De facto, o único artigo de vestuário sob a camisola era um escasso *top* que lhe deixava os ombros e o peito nus, e não deixava dúvidas de que ela não usava sutiã. O *top* era cor-de-rosa vivo e ostentava as palavras FUCK DOLL impressas à frente. Devo ter corado

quando as li — e Penny, vendo-me corar, ouvindo Dennis assobiar, cruzou os braços sobre o peito como se a tivéssemos apanhado nua. Entretanto, Julie estava agachada atrás de Penny, onde não podia ver nada disto, tentando fazê-la meter-se nas pernas do fato de dados.

— Quero que levantes o pé direito, Mouse... Mouse?

Fui buscar a cadeira de rodas que usaria para a minha parte na *demo*. A cadeira era completamente vulgar — mais artigos do exército — mas a luva de dados que a acompanhava fora especialmente programada para interpretar movimentos individuais dos dedos como se fossem movimentos dos membros todos. Depois de me sentar na cadeira e, com a ajuda de Irwin, ligar a luva à rede, Dennis premiu mais uma tecla do seu terminal e a figura de um manequim gerado em computador apareceu no monitor em frente dele. Dobrei o dedo indicador dentro da luva, e a figura do manequim ergueu a perna esquerda, lançando-a para trás. Dobrei o dedo médio e a figura ergueu a perna direita; juntei o indicador e o médio e bati-os num sensor do braço da cadeira de rodas, e a figura bateu os calcanhares e saltou no ar; meneei o polegar e o mindinho e a figura abanou os braços.

— Parece bom — disse Dennis. A seguir virou a sua atenção para Penny que, com muitos gemidos, deixara finalmente Julie fechá-la dentro do fato de dados. Esta parte de verificação do sistema demorou mais tempo porque verificar o fato de dados exige que a pessoa que o veste fique sobre um pé, saltando para cima e para baixo e abane os braços, entre outras coisas, e Penny mostrara-se extremamente envergonhada, mas finalmente, com mais uns incentivos de Julie, a verificação foi bem-sucedida.

Era a altura de pôr os capacetes. Como já disse, Irwin concebera-os para serem confortáveis, mas ao princípio, antes de ligarmos a energia, ainda podem ser um pouco claustrofóbicos, como se fossem vendas pesadas, ligadas a cabos. Enquanto Irwin ajustava a faixa na parte de trás do meu capacete, ouvia Julie entoar:

— Relaxa, Mouse. Só vai ficar escuro por um segundo.

Irwin conectou o meu capacete à rede e ligou-a. Um padrão de teste tridimensional surgiu-me diante dos olhos. Dennis fez uma verificação ao som: uma locomotiva invisível passou a rugir junto do meu ouvido esquerdo, depois junto do meu ouvido direito e, em seguida, junto de ambos ao mesmo tempo. Ergui o polegar, para indicar a Dennis que estava tudo bem.

— Muito bem — disse Dennis. — Aí vamos nós.

Enquanto ele batia uma última sequência no teclado, dobrei o dedo indicador e o médio dentro da luva, pondo-os na posição das pernas de um homem sentado.

O padrão de teste dissolveu-se numa visão na primeira pessoa do universo Eidolon, que nesta *demo* consistia num gigantesco salão de baile

com um soalho de quadrados pretos e brancos, ladeado de pilares em mármore azul. O salão de baile não tinha paredes nem teto, o xadrez flutuava num vazio que começava vermelho baço mas ia ficando mais brilhante, mudando de cor, como um nascer do Sol, à medida que a *demo* prosseguia.

Inclinei a cabeça e observei o meu «eu»: não o meu eu verdadeiro, mas o meu eu Eidolon, um manequim numa cadeira de rodas de desenhos animados. A ilusão era surpreendentemente convincente e ainda teria sido mais se eu não sentisse que as minhas pernas verdadeiras estavam numa posição ligeiramente diferente das do manequim. Fiz um movimento rápido com o indicador: enquanto a minha perna verdadeira ficou quieta, o Andrew Eidolon virou o pé esquerdo para a frente, provando que não era assim tão paralítico.

Olhei para cima e vi a Penny Eidolon encarar-me do outro lado do salão de baile. A Penny Eidolon era mais alta do que a Penny do mundo real: tinha braços e pernas mais grossos, uma constituição mais larga e seios muito maiores; o seu rosto era um mapa texturado do rosto de algumas modelos que o Dennis digitalizara, com uma expressão que nunca se alterava. Mas embora ela não se parecesse com a Penny verdadeira, movia-se como ela: apoiava desconfortavelmente o peso ora num pé, ora no outro, cruzava e descruzava os braços, olhando por cima do ombro como se esperasse que um monstro se materializasse atrás dela a qualquer momento.

A música começou. A canção era *The Waltzing Fool* de Lyle Lovett, uma balada lenta de piano e guitarra que me agradava muito, mesmo sendo um pouco triste. Quando soaram os primeiros acordes, endireitei o dedo indicador e o médio: no mundo real permaneci sentado na cadeira de rodas, mas no universo Eidolon, o Andrew Eidolon estava em cima das suas pernas. Rodei a mão no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio e virei o indicador para o lado; o Andrew Eidolon fez meia volta e deu um pontapé na cadeira de rodas, que se desmantelou, metamorfoseando-se num bando de pombas que se ergueram no ar e começaram a voar em círculos através do salão, por entre os pilares de mármore. Rodei a mão no sentido dos ponteiros do relógio, enrolei o polegar diante do indicador e mergulhei a mão para a frente. O Andrew Eidolon virou-se para a Penny Eidolon, atravessou o braço esquerdo diante da cintura e fez uma vénia.

O Andrew Eidolon teve o cuidado de manter distância da Penny Eidolon. Se me tivesse aproximado dela, havia uma subrotina na *demo* que teria permitido que os nossos dois eus eidolons dessem as mãos e dançassem, mas, a não ser que nos tocássemos simultaneamente no mundo real, não sentiríamos qualquer contacto — e abraçar alguém que podemos ver, mas não sentir, é uma experiência desconcertante, que eu achei que daria cabo dos nervos de Penny. Então, mantive-me afastado e só dancei diante

dela: o Andrew Eidolon esticou o braço direito para o lado, manteve o braço esquerdo dobrado diante do corpo e balançou-se ao ritmo da música. A Penny Eidolon também se meneou, mas não ergueu os braços e ficou nervosamente a olhar para cima, vigiando as pombas.

A voz de Dennis irrompeu pelos altifalantes do capacete:

— Esta canção é tão chaaaata! — e a balada suave de Lyle Lovett foi substituída a meio de uma estrofe por *Brown Sugar*, dos Rolling Stones. Inclinei a cabeça sem querer e qualquer coisa se desligou no capacete. Os óculos escureceram, embora os auscultadores continuassem a retumbar.

— Bolas, Dennis — disse eu, tentando tirar o capacete.

Dennis não prestou atenção à minha queixa. Boquiaberto, fitava Penny, que mantinha o capacete e continuava a dançar. Só que já não era a mesma dança.

O meneio envergonhado desaparecera. Neste momento, todo o corpo de Penny estava em movimento, ancas, braços, pernas, mãos, pés, tudo girava ao ritmo da música, sem um vestígio de timidez. E a *maneira* como ela se mexia... De repente, como Adam observou mais tarde, a frase no seu *top* não parecia tão inadequada.

Dennis observava-a fixamente, atónito. Irwin também observava. O único de nós que não olhava para Penny era Julie — e isso porque estava a olhar para mim, com o mesmo sorrisinho estranho no rosto. Acabei por reparar nisso e, quando ela viu que eu tinha reparado, inclinou a cabeça na direção de Penny e ergueu as sobrancelhas, como que a perguntar: *Então, o que é que achas?*

— Adam — disse eu. — Que raio se está a passar?

— Bem, Andrew, não sei, — disse Adam com a voz a transbordar de sarcasmo — mas se eu não fosse tão alienado, julgaria que a Penny se estava a comportar como outra pessoa... ou mesmo como um grupo de outras pessoas. — Desatou a rir, antes de acrescentar. — Adoro desfiles, tu não?

LIVRO SEGUNDO

MOUSE



Mouse está deitada numa cama estranha, numa casa estranha, com a mão entre as coxas de um homem que nunca viu. Não sabe que dia é, nem em que cidade está; não faz ideia de como chegou ali.

Há um momento, era domingo à tarde, dia 20 de abril, e ela estava sentada na cozinha do seu apartamento, a ver o cartaz de cinema no *Seattle Times*. Bebia um copo de vinho tinto — o que nunca era uma boa ideia, mas sentia um desejo avassalador dele, e alguém deixara uma garrafa aberta na prateleira por cima do lava-loiça. Então serviu-se de um copo, deu um gole e percorreu com o dedo a coluna dos filmes em exibição, tentando decidir-se entre *O Paciente Inglês* e o novo filme de Jim Carrey.

... e agora *não* está ali. Não tem qualquer sensação de ter perdido a consciência, tudo o que fizera fora piscar os olhos e, de repente, tudo mudara. Onde estava vestida e sentada, estava agora nua e deitada de lado. O sabor fresco do vinho tornara-se o sabor rançoso de vodka e cigarros — ela não bebe bebidas fortes nem fuma, mas reconhece o sabor a seguir como se fizesse ambas as coisas, e muito. A frescura rugosa do jornal sob o seu dedo tornara-se o quente aperto da carne em volta da sua mão. E o rosto de um estranho materializara-se, a centímetros dela, exalando vapores de gin.

Não grita. Queria fazê-lo, mas uma vida inteira a perder a noção do tempo — e a camuflar o facto — deixou-a capaz de controlar as suas reações. Grita por dentro, por fora apenas geme, uma nota curta e aguda como um soluço. Mesmo isto é interrompido, os seus lábios apertam-se para abafar o som antes que este cresça.

Desta vez foi mau. Perder a noção do tempo nunca é bom — é um sintoma de insanidade que, por sua vez, prova como ela é uma pessoa péssima e sem valor — mas há graus de maldade, e encontrar-se na cama com um desconhecido está praticamente no fundo da escala. Embora pudesse ser pior; pelo menos, este estranho estava a dormir e apenas a mão dela o tocava. Mouse já regressara do tempo perdido envolvida em abraços apertados, a meio de conversas íntimas; uma vez encontrara um homem em cima dela, afastando-lhe as pernas, e dessa vez gritara alto.

Desta vez não era tão mau, mas era suficientemente mau. E, embora ela o pense, pense como deve ser uma pessoa insana e horrível para dar por si nestas situações, noutra parte do seu cérebro, tem consciência de como o Navegador se separa, se eleva por cima do seu medo e aversão por si mes-

ma e se torna friamente analítico, procurando reorientá-la no tempo e no espaço. Parece manhã; uma ténue luz cinzenta penetra pela janela daquele quarto minúsculo, sugerindo a madrugada. Mas é difícil saber que manhã. Segunda-feira de manhã, espera; isso significaria que só perdera uma noite. Mas, subjetivamente, não há diferença entre perder uma única noite e perder uma semana inteira — e ela já perdera semanas inteiras, até meses inteiros. Uma vez, quando era mais nova, perdera um ano inteiro. Fosse qual fosse a duração, todo o tempo perdido lhe dava exatamente a mesma sensação: que o tempo não existira.

Porém, havia formas de saber. Com a mão livre, toca na nuca, para ver se o cabelo cresceu. Mouse gosta de manter o cabelo curto e o mais liso possível, mas durante os períodos de *blackout* esquece-se disso; o desenvolvimento súbito de um penteado é muitas vezes a primeira pista de que perdeu um tempo significativo. Desta vez, o tamanho do cabelo parece não ter mudado. Lembra-se então que mordeu o interior da bochecha durante o almoço de domingo. Sonda com a língua e encontra a ferida, ainda fresca.

Era, então, segunda-feira de manhã. Muito provavelmente. E se foi só uma noite, e se passou a maior parte dessa noite... *a estar com...* o estranho a seu lado, não pode ter ido muito longe. Ainda deve encontrar-se na zona de Seattle, perto de casa. Isso era, ao mesmo tempo, bom e mau: bom porque encontrar o caminho de volta não seria muito difícil; mau porque ela devia ter *lhe* dito onde morava.

Puxa a mão que está presa. Esta solta-se facilmente, mas, enquanto a retira, o seu antebraço roça o montinho de borracha fresca de um preservativo usado. Um grito de repugnância atravessa-lhe os lábios, sem que possa impedi-lo.

Os olhos do estranho movem-se sob as pálpebras ainda cerradas; ele ergue a mão, apalpa a boca e o nariz. Emite um grunhido. Então, enquanto Mouse sustém a respiração, o homem roda sobre si próprio e vira-lhe as costas. Adormece novamente; agora, porém, o som do seu ressonar é diferente, tornou-se mais superficial, mais perto da vigília.

O Navegador obriga-a a mexer-se antes que o medo a paralise. É leve, as molas do colchão mal notam enquanto se esgueira para fora da cama. Acaba de gatas no chão, ao lado da cama, fica paralisada, a ouvir, mas desta vez o estranho não reage.

As roupas dela estão espalhadas pelo chão do quarto. Pelo menos estão lá os sapatos e as calças de ganga; na verdade não reconhece as cuecas pretas de renda nem o *top* cor-de-rosa, mas como fazem parte da mesma pilha parece razoável assumir que também lhe pertencem. Apercebe-se, com súbito aborrecimento, de que não há nenhum sutiã. Embora seja suficientemente pequena para não precisar de um, não o usar parece-lhe uma

coisa de rameira. Não que se encontre em posição de se queixar por parecer uma rameira.

Veste-se o mais depressa e silenciosamente que consegue. Enquanto o faz, vai examinando o quarto em busca de mais pertences. Quando não sabemos o que levámos connosco, não sabemos se nos estamos a esquecer de alguma coisa, mas acaba por concluir que não há mais nada — e se houver, só pode esperar que não seja insubstituível.

Vestida e pronta para partir, examina-se ao espelho pendurado na porta do quarto e repara pela primeira vez na frase obscena impressa na parte da frente do *top*. Ao princípio pensa que é uma ilusão — as palavras deviam ter sido escritas no espelho, como maldição ou admoestação para o tipo de mulher que se encontra a si mesma a esgueirar-se para fora deste quarto ao amanhecer. Mas não — olha para baixo — as palavras estão escritas na roupa, *nela*.

Não pode sair assim. A sua ansiedade está a subir numa espiral apertada, ela vira-se e volta a examinar o quarto. Uma camisola descuidadamente despida está em cima de uma cómoda junto da cama. A camisola não é dela, é demasiado grande, mas servirá para a tapar até chegar a casa. Pega-lhe, desalojando vários pequenos objetos do cimo da cómoda; estes caem ruidosamente para o chão. O estranho mexe-se e Mouse, segurando a camisola, sai do quarto.

O corredor atravancado no exterior do quarto lembra-lhe o corredor lateral das carruagens-dormitório de um comboio, com janelas de um lado e portas do outro. Isto desperta-lhe uma nova vaga de pânico, perguntando-se se poderá ser mesmo um comboio. Mas não, alerta-a o Navegador, os corredores dos comboios não estão tão desarrumados. Os passageiros não têm permissão para manter aí os seus objetos pessoais. Além disso, não está em movimento.

Que tipo de casa se parece com uma carruagem-dormitório, sem o ser? Uma caravana, percebe. Está numa caravana. Isto facilita-lhe encontrar a saída: se o quarto é numa ponta da caravana, a saída deve ser algures do outro lado.

Segue o corredor que, a meio, abre para uma sala de estar e de jantar, mobilada ao estilo da caravana de pobres: um sofá cambado, um velho aparelho de televisão, uma lareira elétrica falsa, uma mesa de jantar lascada, com pilhas de latas de cerveja e pratos sujos. Uma bancada com o tampo forrado de linóleo gasto separa a sala de estar de uma kitchenette minúscula, onde há mais latas de cerveja.

Uma caravana de pobres. É ridículo, mas Mouse está envergonhada com o mau gosto do lugar, mais envergonhada com isso que com o facto de estar ali. De todas as vezes que este género de coisa lhe acontecera,

nem uma só vez acordara numa casa *boa*. Era como se o espírito malévolo que lhe perturbava constantemente a vida lhe quisesse fazer notar que era aquilo que merecia, que o esgoto era o melhor a que podia aspirar. Não importava que se esforçasse por manter a sua própria casa com bom gosto, arrumada e limpa — voltava sempre a isto.

Tem de sair dali. A porta da caravana ficava no canto oposto da sala, junto da entrada da kitchenette; Mouse corre para lá. Veste a camisola — assenta-lhe como um poncho e tresanda a cerveja e a cigarros — e abre a porta. Um sopro de vento frio da madrugada passa por ela e faz matraquear as latas de cerveja em cima da mesa.

Mouse pensa: *que tal um casaco?*

Na noite anterior estava frio, ela não teria um casaco? Prestes a fugir, volta a entrar e avista dois casacos no chão em frente da lareira falsa. Um deles, um blusão de cabedal gasto, parece servir-lhe, embora, como as cuecas e o *top*, ela não o reconheça.

Hesita. Se o blusão é dela, devia levá-lo; não quer deixar para trás nada que seja seu, nada que possa permitir-lhe encontrá-la. Por outro lado, já está a roubar a camisola; se o blusão também não for dela e o roubar, *ele* pode chamar a polícia. Que fazer?

O som de movimentações no quarto põe fim à sua indecisão. Deixa o blusão de cabedal para trás e desaparece porta fora, ao mesmo tempo que ouve uma voz de homem dizer sonolentemente: — Olá?

Lá fora, nas escadas de madeira da caravana, Mouse encontra um exemplar do *Seattle Post-Intelligencer*, ainda dentro do plástico. Verifica a data e confirma que tinha razão: é segunda-feira, 21 de abril de 1997. Só perdeu uma noite. É difícil exagerar o seu alívio por essa confirmação.

O carro de Mouse está estacionado mesmo em frente da caravana. Não há dúvida que é o dela: é um Buick Centurion, um inequívoco grande volume preto. Comprou-o usado por mil dólares de entrada e quarenta e oito pagamentos adicionais de cento e cinquenta dólares, que ainda não acabaram. Não era aquele carro que ela queria. O carro que *pensava* estar a comprar era um Honda Civic, mais pequeno e muito mais económico, mas, sem saber como, acabou a assinar o contrato do Buick.

Quem quer que tivesse conduzido o carro na noite anterior, precisava de aprender umas coisas acerca de estacionamento em paralelo. Não só o carro tinha uma roda em cima do passeio, como estava virado para o lado errado. Mas o condutor não fora completamente descuidado: as portas do Centurion estão todas fechadas, e Mouse pode ver pela janela que as chaves não estão na ignição. Procura nos bolsos das calças de ganga e percebe que também não estão ali.

— Não — sussurra Mouse. — Não, não, *não* — estava tão perto de

conseguir fugir! Começa a procurar nos bolsos pela segunda vez, virando-os do avesso.

— *Eh* — chama uma voz.

Mouse geme. Um punhado de trocos voa; moedas de pouco valor espalham-se pelo tejadilho do Centurion, como granizo.

O estranho está no cimo dos degraus. Ignorando o frio, veio cá fora apenas de T-shirt e um par de *boxers* sujos. Tem o blusão de cabedal pendurado no braço e abana um molho de chaves com a mão esquerda.

— Sem isto, não vais longe — diz-lhe.

Mouse engole em seco. Estará a provocá-la? O Navegador não concorda; o seu tom não é malicioso e ele parece empenhado em conseguir acordar completamente. Mas não desce nenhum degrau e não faz qualquer gesto para lhe entregar as chaves.

— Ouve — continua o estranho, contendo um bocejo. Aponta preguiçosamente para a caravana atrás dele. — Não queres voltar a entrar e tomar o pequeno-almoço? Ou, se quiseres esperar um minuto, podemos ir a qualquer lado...

Mouse abana a cabeça, tentando não parecer assustada. Mas o estranho vê qualquer coisa na sua expressão; a sua própria expressão endurece de preocupação.

— *Eh* — diz ele. — Não estás chateada comigo por causa da noite passada, pois não? Quero dizer, estávamos os dois num lindo estado, mas... tu lembras-te, não lembras? Eu perguntei-te, perguntei-te *duas vezes*, se tinhas a certeza de querer vir para aqui comigo. E tu disseste que sim. Disseste que tinhas a certeza.

Sim, a expressão dele é de bastante preocupação. Mas não está preocupado com ela, percebe. Está preocupado *por causa* dela.

— Lembras-te, não lembras?

— Tenho de ir — diz-lhe Mouse.

— Disseste que tinhas a certeza — insiste o estranho. — Quero dizer, se agora à luz do dia, queres arrepender-te, estás no teu direito, mas na noite passada disseste...

— Tenho de ir — repete Mouse, mais alto.

— Claro, daqui a um minuto. Só quero garantir que ambos compreendemos o que aconteceu. Quero ser claro...

Maledicta, a de linguagem obscena, farta daquela treta, empurra Mouse para um lado e avança.

— Cala-te e dá-lhe a merda das chaves, seu cabrão.

Mouse pestaneja. Teleportara-se do passeio até ao fundo da escada. Tem os punhos fechados e a garganta apertada, como se tivesse estado a gritar. O estranho está a olhar para ela.

— Muito bem — diz-lhe, com uma voz apaziguadora. — Está bem, santo Deus! Acalma-te! Não estou a tentar prender-te aqui, estou só...

— ... maldita *puta*. — Mouse está de volta ao passeio, segurando o blusão de cabedal e rodando a chave na porta do condutor do Centurion. Por cima do ombro vê o estranho, agora ao fundo dos degraus, cambaleando em círculo, com uma mão fechada sobre a virilha e a outra numa face, que parece sangrar.

— Maldita *puta*, o que é que tu...

Silêncio. Mouse está dentro do carro, no parque de estacionamento de um banco. O motor está desligado mas as chaves estão na ignição, o blusão de cabedal está no banco do passageiro ao lado dela. Lá fora, o céu brilha mais do que antes.

Mouse está sentada, segurando o volante com as mãos, aguardando que a cena mude outra vez. Observa um relógio-termómetro digital ao lado do edifício do banco, que muda da data para a temperatura; o tempo passa lentamente e a temperatura sobe um grau, mas não há saltos súbitos e a data permanece constante.

Mouse começa a descontrair e apercebe-se de que sabe onde está agora. O edifício do banco é novo, mas do outro lado da rua há uma série de fachadas de lojas que reconhece. Está na Cidade Universitária de Seattle, a menos de cinco quarteirões da cave onde vivera quando estudara na Universidade de Washington.

Dali é capaz de ir para casa. Está ansiosa por o fazer, por tirar aquele *top* obsceno e livrar-se dele, assim como da camisola malcheirosa. Mas primeiro, por insistência do Navegador, Mouse procura uma lista no interior do carro

A lista de hoje está encafuada no porta-luvas do Centurion, juntamente com um maço meio cheio de cigarros *Winston* e uma garrafa de vodka que Mouse faz de conta que não vê. Apontada à pressa num guardanapo de bar, a lista enumera meia dúzia de tarefas e encontros, com espaço para pôr um visto em frente de cada um, depois de cumprido. O item número um, em letras com o dobro do tamanho das restantes, diz: 8h30 VESTE-TE BEM! CHEGA A HORAS!

Num certo sentido, Mouse não precisa que lhe recordem o novo emprego. Desde sexta-feira à noite, quando soubera disso, em pouco mais pensara. De facto, fora sobretudo para parar de se preocupar — para tirar aquilo da cabeça durante algumas horas — que insistira na ideia de ir ver um filme na noite passada e tirara a garrafa de vinho do armário.

Mas *a noite passada* parece-lhe ter sido há menos de uma hora e Mouse ainda tem na cabeça que o novo emprego começa no dia seguinte. A lista indica-lhe que amanhã se tornou hoje. Mouse volta a consultar

o relógio do banco e percebe, com desânimo, que não tem tempo de ir a casa. Se ainda vivesse no seu velho apartamento na Cidade Universitária poderia fazê-lo, talvez pudesse mesmo tomar um duche rápido, mas o seu apartamento atual, em Queen Anne Hill, representa uma viagem de quinze minutos na direção oposta. Se quiser chegar a Autumn Creek às 8h30 tem de entrar na autoestrada nos próximos dez minutos.

— Oh, santo Deus... — Mouse apalpa a bainha da camisola que tem vestida e sente como está suja. Olha para o relógio do painel. — Oh, santo Deus.

VESTE-TE BEM, diz a lista, CHEGA A HORAS, mas agora não há maneira de fazer ambas as coisas. Ainda nem começara a trabalhar e já estava a meter argoladas.

— Seu monte de merda inútil — diz Mouse, vislumbrando a sua imagem no retrovisor do Centurion. Bate com o punho na coxa, ritmicamente, com força suficiente para fazer uma negra. — Monte de *merda* inútil, monte de *merda* inútil, monte de *merda* inútil...

O relógio do banco marca a passagem de mais um minuto; Mouse para de bater em si mesma; liga o motor do Centurion e arranca, saindo a guinchar do parque de estacionamento. Dois quarteirões abaixo, parada num semáforo, sente a indecisão dilacerá-la de novo. O que é pior: chegar ao trabalho atrasada mas bem arranjada, ou chegar a horas a parecer lixo?

Um estampido interrompe-lhe o devaneio. Um homem corpulento, com a camisola dos U.W. Huskies, atravessa a rua à frente dela e acaba de atirar uma bola de basquetebol ao tejadilho do Centurion. Não foi um acidente; o homem reparou que Mouse estava a falar sozinha e decidiu assustá-la. Apanhando a bola no ressalto, ri, satisfeito de a ter feito dar um salto.

É demasiado. Mouse desaparece. Chega Malefica. Malefica, a Cruel, que é irmã gémea de Maledicta. Carrega no acelerador; o Centurion dá um salto para a passadeira e bate nas canelas do fã dos Huskies. É só um toque, apenas o suficiente para o fazer deixar largar a bola e cair de cara em cima do capô. Apenas o suficiente para o assustar.

É *assusta*, por um momento. Malefica vê o medo nos seus olhos. É então que ele comete um erro terrível: pensa que Malefica é apenas uma repariguinha, que não sabe, de facto, o que está a fazer, com quem se está a meter. O medo dele transforma-se em raiva, começa a arrastar-se para fora do capô, com intenção de dar a volta e abrir a porta do condutor.

Malefica volta a carregar no acelerador. O Centurion rola para a frente a dez, depois a quinze quilómetros por hora, empurrando o fã dos Huskies para trás. Ele volta a ficar tomado pelo medo.

— *Eh* — grita, as solas dos sapatos a escorregarem no pavimento, as palmas das mãos a baterem no capô do carro. — *Eh! Eh! EH!* — O medo

transforma-se em terror quando troca olhares com Malefica através do para-brisas e percebe a sua intenção; atira-se para o lado enquanto ela acelera a fundo. Ainda a ganhar velocidade para o outro lado da intersecção, Malefica verifica o retrovisor: lá atrás, na passadeira, o fã dos Huskies está a levantar-se do chão. Está a gritar-lhe qualquer coisa, abanando o punho, mas é difícil parecer ameaçador quando se acabou de molhar as calças.

Malefica ri. Ela é uma rapariguinha, é verdade, mas uma rapariguinha com um *carro grande como o raio*, e é melhor que ninguém se meta com ela. Na esquina seguinte, passa um sinal de stop, fazendo dispersar mais três peões com um toque de buzina do Centurion.

... e Mouse dirige-se para leste pela Interestadual 90, na direção de Autumn Creek, com uma decisão tomada, embora não se recorde de a ter tomado. O ar dentro do Buick está denso de fumo de cigarros; Mouse tira uma mão do volante para sacudir um pouco de cinza da camisola roubada e quase perde o controlo do carro.

— Oh, Deus... — Mouse estabiliza o Centurion e vira para a faixa lenta. Abre a janela; o fumo vai-se dissipando, mas a rajada de ar frio não faz nada pela camisola, que continua a tresandar. *Ela* continua a tresandar.

Talvez possa dizer que passou mal a noite. Que teve dores de estômago: comeu qualquer coisa estragada ao jantar e esteve a pé metade da noite, com cólicas... e, demasiado tarde, percebera que se esquecera de tratar da roupa...

Sim, pensa Mouse, com um arrepio de euforia. Que dura pouco. Sim, pode ser que eles acreditem nela — até podem ficar orgulhosos, por chegar a horas no primeiro dia apesar de estar doente. Mas Mouse sabe perfeitamente que haverá outros erros, outras argoladas a exigirem desculpas, e não pode esperar escapar de todas as mentiras. Eles acabarão por perceber. Finalmente, inevitavelmente, saberão o que ela é na verdade.

Monte de merda inútil...

Mouse não sabe exatamente como perdeu o último emprego. Terminara sem aviso três dias antes, mas não pode dizer se se demitiu ou foi demitida; só sabe que Julie Sivik teve qualquer coisa a ver com isso.

A loja de reparações onde trabalhava, a Rudy's Quick Fix, está encafuada atrás de uma montra estreita, mesmo à saída de Pioneer Square, na baixa de Seattle. Rudy Krenzel, o dono da loja, está naquele local há quarenta e cinco anos. Durante os primeiros trinta, reparava sobretudo máquinas de escrever, aparelhagens estéreo e televisores, mas a partir dos anos oitenta o negócio concentrara-se cada vez mais exclusivamente na reparação de computadores, com «estagiários» universitários a fazerem a maior parte do trabalho.

Mouse candidatara-se ao posto de aprendiz em agosto, depois de o anterior empregado de Rudy partir para fazer uma pós-graduação em Boston. A entrevista de emprego começara mal, com Mouse a gaguejar a resposta quando Rudy quis saber qual era a sua experiência a reparar computadores. A verdade é que tinha muita experiência; tivera outros empregos onde a sua função era a manutenção e reparação de computadores, e fora elogiada pelo seu trabalho — na verdade, costumavam dizer-lhe que tinha mesmo jeito para aquilo. Porém, como não se lembrava de uma única situação em que tivesse, efetivamente, reparado um computador, a descrição que fazia dos seus talentos parecia pouco sincera, como se duvidasse do próprio currículo. Rudy apercebeu-se disso e ficou com suspeitas.

— Se és tão boa, — perguntou ele — como é que vens trabalhar para *mim*?

E a resposta que lhe saiu foi:

— Estava na lista.

Depois disso, teve a certeza de que não seria contratada. Mas Rudy decidira testá-la antes de a pôr fora da loja. Levou-a a uma oficina atravancada, onde, alinhados em cima de uma mesa, se encontravam quatro computadores avariados.

— Mostra-me o que és capaz de fazer com estes — disse Rudy.

Por um momento, Mouse deixou-se ficar ali, sem saber por onde havia de começar. Depois Rudy pigarreou impacientemente e Mouse deu um passo na direção do PC mais próximo e a seguir só teve consciência de voltar à loja com Rudy e apertar-lhe a mão.

— ... até amanhã — estava Rudy a dizer. — Tenho uma data de trabalho atrasado desde que o Larry se foi embora, podes começar por aí.

— Está bem — respondeu Mouse.

Rudy abriu-lhe a porta e ela saiu, com uma vaga consciência de ter, de facto, conseguido o emprego. Não acreditou completamente até ver a lista do dia seguinte.

Trabalhava na Quick Fix há oito meses quando Julie Sivik apareceu. Oito meses no mesmo emprego era um recorde para Mouse: a sua média rondava os três meses e o anterior emprego, na agência de trabalho temporário Cybertemps, durara apenas três semanas. Três *boas* semanas, parecia, até tudo desabar repentinamente. Até ao último momento, os supervisores tinham-na elogiado por ser uma empregada tão valiosa, tão trabalhadora, as empresas onde prestara serviço diziam todas o mesmo; então, um dia, entrara no escritório principal da Cybertemps para receber um novo contrato, e a rececionista dissera-lhe:

— Que fazes *tu* aqui outra vez?

— Venho receber um trabalho novo.

— Ai isso é que não vens — disse-lhe a rececionista. E, em menos de nada, um segurança escoltara-a para fora das instalações.

Por que razão a Cybertemps a despedira? Mouse tentava fingir que não sabia, mas a razão era óbvia: porque ela era má pessoa. O facto de ser também uma boa profissional — ou, pelo menos, capaz de o simular — disfarçava ao princípio a sua podridão profunda, mas acabava por ter um deslize, por mostrar as suas verdadeiras cores, e os patrões despediam-na. Era a única explicação racional.

Por isso, ficara surpreendida ao ver passar mês após mês sem que Rudy Krenzel revelasse sinais de já não gostar dela. Devia ter alguma coisa a ver com a natureza do novo ambiente de trabalho; Mouse já reparara que parecia durar mais tempo nos empregos em que contactava pouco com outras pessoas. Embora a loja Quick Fix fosse pequena, ela e Rudy não falavam muito. Cumprimentavam-se de manhã e despediam-se ao fim da tarde mas, durante a maior parte do dia, Mouse ficava lá atrás, na oficina, enquanto Rudy ficava na loja. Ela reparava os computadores, ele atendia os clientes. Quando não havia muito trabalho, Mouse fazia as palavras cruzadas do *Seattle Post-Intelligencer* e ouvia rádio; Rudy, que guardava uma pilha de livros de James Michener debaixo do balcão, tirava um para ler. Estavam a menos de três metros de distância, mas era como se estivessem em edifícios separados.

Praticamente, a única situação em que Mouse dava pela presença de Rudy era quando um dos seus velhos companheiros de tropa aparecia na Quick Fix. Junto desses homens — grandes, bem constituídos, com cabelos

grisalhos cortados rentes — Rudy, habitualmente discreto, tornava-se estridente, contando anedotas porcas e rindo tão alto que feria os ouvidos de Mouse. Por vezes, se o visitante ainda não tivesse estado lá, Rudy chamava Mouse à loja e apresentava-os. Ela dizia olá, apertava-lhe a mão e, o mais depressa que podia, desculpava-se e voltava lá para trás, fechava a porta e levantava o volume do rádio.

Uma tarde, em abril, Mouse ouviu uma voz desconhecida na loja, uma voz de mulher. Isso era invulgar; normalmente, as mulheres daquela zona que precisavam de mandar reparar os computadores iam à PC Doctor, na Terceira Avenida, que cobrava o dobro da Quick Fix mas não se parecia tanto uma loja de penhores. Porém, esta mulher parecia mais um dos colegas da tropa de Rudy do que uma cliente. Curiosa, Mouse abriu uma nesga da porta da oficina e espreitou.

A mulher estava debruçada sobre o balcão, sacudindo uma migalha que ficara agarrada à barba de três dias de Rudy. Era um gesto de sedução — o peito da mulher estava encostado ao braço de Rudy enquanto ela o ajeitava — e Rudy corou e disse qualquer coisa acerca da ex-mulher que fez a mulher rir.

Mouse abriu a porta um bocadinho mais, para ouvir melhor. Disse a si mesma que não estava, realmente, a coscuvilhar, só à espera que Rudy a chamasse para a apresentar, mas ficou tão quieta que nem Rudy nem a mulher deram por ela. Continuaram a conversar e Mouse percebeu que a mulher se chamava Julie Sivik, que era sobrinha do cabo Arnold Sivik que servira na unidade de Rudy na Coreia, e que passara pela Quick Fix para levar uma encomenda que o «tio Arnie» deixara para ela. Mouse não sabia bem o que continha a encomenda, mas percebeu que Rudy não se sentia muito confortável por a guardar na loja; na verdade, teria mesmo ficado zangado, se não tivesse sido desarmado pela sedução de Julie.

— Não tenho problema nenhum em fazer um favor legítimo ao Arnie, — disse Rudy a certa altura — mas não tenho um armazém de recetação. Não preciso desse género de complicações.

— *Eh* — disse Julie Sivik, pousando a mão no braço de Rudy. — Estas coisas não são roubadas. Não são *verdadeiramente* roubadas...

— *Hmm* — disse Rudy. — Não foi essa a impressão que o Arnie me deu. — Soltou o braço, levantou-se do banco e encaminhou-se para a oficina. Mouse recuou lá para dentro. — Está lá em baixo, na cave — disse Rudy, entrando na oficina e encaminhando-se para os degraus das traseiras. — O Arnie avisou-me para não a ter à vista, o que é um pedido estranho em relação a alguma coisa que não é *verdadeiramente* roubada.

— Rudy — disse Julie Sivik. Tentou segui-lo, mas ele travou-a no cimo das escadas.

— Espera aí. Eu trago-lha.

Mouse dobrou-se sobre a mesa de trabalho, fingindo-se concentrada num computador. Pegou numa ferramenta ao acaso — uma minúscula chave de fendas com cabo de plástico — e usou-a para sondar o interior da caixa aberta.

— Olá — disse Julie Sivik a meio metro de distância. Mouse estremeceu e atirou a chave de fendas ao ar.

— *Uau* — disse Julie. — *Uau*, não seja tão nervosa!...

Mouse encostou a mão ao peito.

— Pensei que estava ali — disse, apontando as escadas.

— Estava — disse Julie, oferecendo-lhe a mão para um cumprimento.

— Chamo-me Julie Sivik. E tu?

— Penny. Penny Driver.

— Mouse — disse Julie, com a mão de novo do seu lado. — É uma alcunha engraçada. Fica-te bem. Então, o que há de errado?

— Com a minha alcunha?

— Com o computador que estás a reparar.

— Oh — disse Mouse. — Está... está avariado.

— Estou a ver — respondeu Julie. — Acho que isso explica porque estás a repará-lo, não é? Mas está avariado como?

— Na verdade... ainda não sei. Comecei agora mesmo.

— *Hum-hmm* — disse Julie. Espreitou para dentro da caixa aberta do PC. — Diz-me uma coisa, Mouse, desligas sempre um computador da eletricidade antes de saberes o que se passa com ele?

— Diz-me uma coisa, minha cona metediza — intrometeu-se Maledicta. — Interrogas sempre as pessoas quando elas estão a trabalhar?

— A eletricidade... — gaguejou Mouse. — A eletricidade é *parte* do problema, mas tive de a desligar, para ver se há mais alguma coisa. Então... ainda não tenho a certeza... — fez uma pausa, percebendo como a cor desaparecera do rosto de Julie. — Passa-se alguma coisa?

Rudy apareceu no cimo das escadas, carregando uma caixa de cartão com as letras EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS gravadas de lado.

— Aqui está — disse, apontando a caixa a Julie. Esta dirigiu-se-lhe rapidamente e tirou-lha dos braços.

— Obrigada, Rudy. Obrigada *mesmo*...

— Vocês já se apresentaram? — perguntou Rudy, apontando para Mouse.

— Sim, sim. Estávamos a conhecer-nos... A Mouse diz que a mantém muito ocupada.

Rudy riu.

— Ela mantém-se muito ocupada. É a empregada mais trabalhadora que já tive.

— A sério... Ela só trata do hardware ou também repara código?

— Porquê?

— Por nada. Só curiosidade...

— Não se ponha com ideias — avisou Rudy. — Já passei tempo que chegasse a tentar substituir assistentes medíocres.

— Ideias? — Julie dirigiu-lhe um sorriso inocente. Mas Rudy, ultrapassada a fase da sedução, respondeu-lhe com um franzir de sobrolho.

— Muito bem — disse. — Acho que está na hora de pegar na sua propriedade não roubada e se fazer ao caminho.

— Já estou de saída — disse Julie. — Encontramo-nos por aí, Mouse...

Saiu e Rudy seguiu-a, fechando a porta atrás dele. Mouse levantou o volume do rádio e voltou ao trabalho.

O resto da tarde passou num ápice.

Nesse dia, Mouse não foi para casa a seguir ao trabalho; em vez disso, instruída pela sua lista, foi à Elliot Bay Book Company. Encontrou uma mesa vazia na cave da livraria e tomou uma chávena de chá Earl Grey. Enquanto o saco do chá macerava, instalou um portátil em cima da mesa. O computador era propriedade de Mouse há algum tempo, embora ela não pudesse dizer exatamente de onde ou quando viera. Mas nesse momento isso não a preocupava — ligou-o e iniciou o Microsoft Word.

Enquanto o programa carregava, Mouse relanceou o relógio na parede do café: eram 6h25. Quando olhou outra vez, o relógio mostrava 7h13 e Julie Sivik estava outra vez ao lado dela.

— ... está alguém em casa? — Julie passou um mão diante dos olhos de Mouse. — Mouse?

Mouse apressou-se a fechar o ecrã do portátil. Teve um breve vislumbre do ficheiro em que estivera a trabalhar — o título era «Thread.doc» — antes de este desaparecer de vista. Só depois de o fecho do portátil fazer um estalido é que olhou diretamente para Julie.

— Olá — cumprimentou Mouse.

— Olá — respondeu Julie, olhando o portátil. — Estou outra vez a interromper, não é?

Mouse não respondeu, ficou só a olhar, esperando que Julie explicasse o que pretendia. Pouco depois, Julie disse:

— Bem, ouve, em primeiro lugar queria pedir desculpa por ter sido tão intrometida hoje, na loja...

— Intrometida?

— Sim... parecias bastante irritada com as minhas perguntas.

Mouse abanou a cabeça. Lembrava-se de se ter sentido desconfortável, mas não irritada.

— Bem — disse Julie. — Seja como for, eu *queria* pedir desculpa e, além disso...

— Como é que me encontraste aqui?

— O meu carro avariou — explicou Julie. — O reboque levou-o para uma oficina agora mesmo, a alguns quarteirões daqui. Deve estar pronto pelas oito horas. Vim até aqui para fazer tempo, ter-te encontrado foi apenas sorte — sorriu. — Seja como for — continuou Julie. — A sério que não quero ser chata, mas visto que esbarrei contigo, ainda estou a pensar na última pergunta que te fiz na loja do Rudy.

— Acerca da fonte de alimentação? — Mouse mordeu o lábio nervosamente; embora soubesse que acabara de reparar o PC avariado algum tempo depois da visita de Julie — o dono fora-o buscar mesmo antes de fecharem — continuava a não fazer ideia de qual fora o seu problema.

— Fonte de alimentação? — repetiu Julie, depois abanou a cabeça. — Não, não é isso. A pergunta que fiz ao Rudy, se tu também fazias alguns trabalhos de depuração de software. — Mouse ficou com o olhar vazio. — Sabes, código? Código de software?

— Oh — disse Mouse. — Eu...

— Olha, é isto — disse Julie. Puxou o portátil de Mouse; Mouse começou a protestar, mas Julie só o queria chegar para o lado, para arranjar espaço na mesa para o seu próprio portátil. Puxou uma cadeira e sentou-se, aproximando-se tanto que os joelhos de ambas ficaram a tocar-se. — A questão é esta — continuou Julie. — Eu tenho uma empresa de software e já há um par de anos que trabalhamos num projecto de realidade virtual. O meu programador principal, Dennis, é um tipo muito inteligente, mas ultimamente não está a fazer as coisas com rapidez suficiente. Por isso, há uns meses que ando a pensar em contratar alguém, a ver se consegue apressar o Dennis.

Julie premiu algumas teclas do computador, abrindo no ecrã uma janela que se encheu com uma série de letras, números e símbolos. Código de software, pensou Mouse, embora também pudesse ser chinês.

— Isto é parte do código-fonte para um dos nossos módulos de programa — explicou Julie. — Ou melhor, era parte do código-fonte — afinal esta versão do software tem um *bug*. Nada de complicado, o Dennis levou apenas alguns minutos a detetá-lo e a repará-lo, quando se dedicou a isso. Mas guardei esta cópia do código original para usar como uma espécie de teste para potenciais empregados... — olhou para Mouse na expectativa.

Mouse abanou a cabeça. Abriu a boca, tencionando dizer que lamentava se lhe transmitira uma impressão errada, mas não andava à procura de um segundo emprego e, além disso...

A sua cadeira afastou-se abruptamente da mesa. Julie não pareceu dar por isso: estava debruçada para a frente, a examinar o ecrã do computador.

— *Hmm* — disse Julie, esfregando o queixo. — Acho que não foi a mesma correção que o Dennis fez... — vasculhou num maço de papéis que pusera em cima da mesa, tirou uma folha e comparou-a com o ecrã. — Não, não é igual — extraiu uma segunda página da pilha. — Merda... Acho que a tua solução é capaz de ser melhor. Pelo menos, é *mais simples*... — Julie voltou a pousar as folhas e olhou para Mouse com um olhar de novo respeito. — Então, sentes-te feliz a trabalhar para o Rudy?

Mouse encolheu os ombros, sem saber bem como responder àquela pergunta. Trabalhava para Rudy para poder pagar as contas e porque estava na lista, o que é que ser feliz tinha a ver com isso?

— Não deve ser um trabalho muito interessante — comentou Julie. — Sentada todo o dia naquela sala das traseiras, a substituir circuitos...

— Não me importo.

— Tens de me deixar falar-te mais da minha empresa — disse Julie. Apontou a chávena vazia de Mouse. — Porque não tomas mais um chá, enquanto conversamos?

— Na verdade, não gosto de chá — disse Mouse.

— Está bem... qualquer coisa para beber, então. Uma cerveja, talvez, ou uma taça de vinho?

— Vinho — disse Mouse. — Vinho tinto era bom.

... e estava em casa, na cozinha, o relógio por cima do fogão mostrando 11h55. Doía-lhe muito a cabeça e sentia-se esfomeada. Depois de uma breve passagem pelo frigorífico — encontrou uma fatia de peru assado e um quadrado de queijo cheddar e devorou ambos de pé, empurrando-os com meio pacote de leite — Mouse cambaleou para a cama, demasiado cansada até para confirmar na lista se cumprira todas as tarefas.

No dia seguinte, no trabalho, Rudy começou a tratá-la de uma maneira diferente. Não foi imediatamente; quando Mouse chegou à loja, ele disse-lhe bom dia, como sempre. Mas depois de voltar do almoço (não se lembrava de ter saído), Rudy parecia tenso e nessa tarde não lhe respondeu quando ela se despediu.

Isso foi na terça-feira; nos dias que se seguiram, a disposição de Rudy parecia piorar. Na quarta-feira de manhã gritou com ela pela primeira vez, dizendo que a oficina parecia «um pardieiro» e que «nunca era capaz de encontrar ali nada, ao ponto que ela deixara chegar as coisas.»

— Que procura? — perguntou Mouse, alarmada. — Eu ajudo-o a encontrar.

Mas a oferta de ajuda pareceu apenas ter irritado Rudy ainda mais; disse-lhe para ter a oficina arrumada à hora de encerramento na sexta-feira e foi-se embora.

Na sexta-feira, o momento que recebera durante oito meses chegou finalmente. Aconteceu quando Mouse se preparava para sair. Arrumara a oficina, tal como Rudy mandara; terminara também os dois únicos trabalhos de reparação pendentes.

— Está tudo feito — anunciou, aparecendo na loja um pouco antes das seis.

Rudy, que estava sentado a ler o *The Drifters* com expressão amuada, não lhe respondeu.

— Muito bem — disse Mouse. — Se não precisa de mais nada hoje... Nenhuma resposta.

— Está bem — disse Mouse. — Nesse caso, vou andando. Vemo-nos segunda-feira, Rudy.

Tinha a mão na porta quando Rudy disse:

— Não, não vemos.

Mouse virou-se. Rudy fitava-a por cima do livro.

— Não? — perguntou Mouse.

— Não — disse Rudy. — Não te lembras? — fez um riso escarninho. — Bem, talvez não lembres. Talvez o «tédio entorpecente» de trabalhar para mim te tenha entorpecido também a memória — pousou o livro e inspirou profundamente. — Tenho uma coisa para te dizer antes de te ires embora. Se não gostas do teu trabalho, seja lá pelo que for, tudo bem — não quero ninguém a trabalhar aqui contrariado. Mas não tens o direito de me insultar pessoalmente. Talvez este sítio seja só «um buraco», mas, mesmo assim, tenho orgulho nele. Trabalhei para isto, fui eu que o construí, mantenho-o a funcionar há anos sem a ajuda de ninguém, e tu não tens o direito de insultar isso. Pode não ser muito, mas é mais que o que tens, tanto quanto sei...

Mouse sentiu o lábio inferior a tremer. Queria chorar. Queria pedir perdão a Rudy pelo que quer que tivesse feito. Mas receava que, ao fazer qualquer dessas coisas, produzisse qualquer som ou interrompesse Rudy e que este saísse do outro lado do balcão e começasse a bater-lhe. Então, ficou queda e muda junto da porta, enquanto Rudy continuava a repreendê-la. E continuou, durante muito tempo.

— ... então, é assim — concluiu, quando finalmente a raiva se esgotou. Neste momento tinha os olhos bordejados de vermelho, como se também ele estivesse quase a chorar. — É tudo o que tenho para te dizer. Agora desaparece da minha loja.

— Rudy... — Mouse tentou falar, mas a palavra saiu-lhe como um

gorjeio sem sentido. Então Rudy pôs-se de pé, atirando o banco ao chão com estrondo e Mouse fugiu.

Correu para fora da Quick Fix tão depressa que, quando as lágrimas começaram a cair, já estava junto do carro. Enfiou-se no banco do condutor, trancou as portas e dobrou-se sobre o volante. Chorou durante quase vinte minutos. Queria perder a noção do tempo, perder este momento, este dia, e encontrar-se para além dele. Mas o tempo ficou com ela e, finalmente, o ataque de choro diminuiu. Foi para casa.

Uma luz vermelha piscava na escuridão do seu apartamento: era uma mensagem no atendedor de chamadas. Depois de ligar as luzes da sala, Mouse premiu o botão e ouviu a voz de Julie Sivik.

— Olá Mouse! É sexta-feira à tarde, por volta das quatro horas, e estou a ligar para confirmar que está tudo de pé para segunda-feira...

O tampo da mesa onde estava o gravador de mensagens era de vidro embutido em madeira; enquanto a mensagem prosseguia — com Julie lamentando a forma como Rudy «aceitara as notícias» — Mouse viu-se refletida no vidro. Sustendo o seu próprio olhar, perguntou-se: *Que fizeste tu?*

No entanto, embora já soubesse que era doída, não se atreveu a pronunciar a pergunta em voz alta.

A lista de hoje inclui um conjunto de instruções para encontrar a Fábrica da Realidade, mas, mesmo indo para lá diretamente, sem passar em casa, Mouse chega uns minutos atrasada. Distraída por um semirreboque muito próximo, deixa passar a saída para Autumn Creek e tem de voltar para trás na saída seguinte. Depois de encontrar o caminho para a cidade, ao princípio não reconhece a Fábrica. *Do outro lado da segunda ponte, um quarto de milha à frente, do lado esquerdo*, dizia a instrução, mas, numa conversa telefónica durante o fim de semana, Julie Sivik descrevera a fábrica como estando «apenas um pouco estragada», por isso Mouse não está à espera de uma ruína. Passa por ela e percorre mais uma milha antes de dar pelo erro.

— Oh, santo Deus! — exclama quando entra pelo portão da Fábrica, tendo voltado mais uma vez para trás. A propriedade não está só estragada, parece abandonada. Porém, estacionado no parque, está um velho Cadillac com uma carroçaria nova, e Mouse lembra-se de Julie ter mencionado ao telefone que o seu carro era um Cadillac restaurado. Então, deve ser mesmo aqui: é aqui que trabalha agora. Mouse estaciona o Buick do lado de dentro, muito perto do portão, virado para a frente, pronto para uma fuga rápida. E, embora esteja atrasada, fica um momento sentada depois de desligar o motor, reunindo coragem para sair do carro.

Entrar no edifício principal pela porta lateral, diziam as instruções. O edifício principal devia ser aquela estrutura comprida e baixa, semelhante a um armazém, no centro do parque de estacionamento. Mouse contorna-o até ao lado esquerdo (uma montanha de pneus velhos rodeados por uma cerca de arame bloqueia a passagem para a direita), virando-se frequentemente para confirmar que não há nada a arrastar-se atrás dela, saído do matagal de ervas daninhas e arbustos que circundam a propriedade. Para junto da porta para ajeitar a camisola; apalpa a gola e a bainha, para ter a certeza de que o *top* está completamente tapado.

As instruções deixam explícito que deve entrar mas, mesmo assim, Mouse bate à porta. Ninguém responde. Relutantemente, experimenta a maçaneta. Abre a porta e entra.

Santo Deus! O edifício é apenas uma carapaça, paredes de cimento e um telhado de retalhos, abrigando uma coleção de... *tendas?*

— É aqui — chama uma voz de mulher. Mouse estremece. — Desculpe, desculpe — pede a voz e Mouse vê que afinal não é uma mulher: a

voz pertence a um homem de aspeto arrapazado, com cabelo cor de areia, alvoroçado. Dirige-se a ela com uma velocidade assustadora e Mouse, atemorizada, recua de encontro à porta.

Mouse fica aliviada quando Julie Sivik aparece. Mas o alívio dura pouco: Julie diz ao homem arrapazado para a chamar pela sua alcunha, e outro homem — um homem feio e gordo, como um *troll* — surge de uma tenda próxima, gritando — Olá Mouse. — Também ele avança para ela a grande velocidade, apesar do seu tamanho, e absorve-lhe a mão num aperto de dois punhos suados e moles.

Mouse está assombrada. A manhã começa a fragmentar-se, pedaços de tempo começam a cair, sacudindo o fluxo suave dos acontecimentos.

— Vamos experimentar o sistema — diz Julie, e caminham até uma tenda grande num extremo do edifício: Julie e Mouse, o homem arrapazado, o homem gordo e um terceiro homem, um tipo esquelético e abatido, que não fala. Mouse sente que já devia saber os nomes dos homens, mas não sabe.

Julie abre-lhe a porta da tenda, empurrando com um cotovelo o *troll*, que está a tentar prestar o mesmo serviço. Mouse entra; tem uma impressão breve do interior da tenda, um espaço a cheirar a humidade e a mofo, repleto de toda a espécie de equipamento eletrónico.

... e então, ela está no meio da tenda com os três homens sem nome a olharem para ela, enquanto Julie tenta despir-lhe a camisola...

... e uma coisa pesada é posta com força na sua cabeça, cobrindo-lhe os olhos...

... e ela está presa numa alucinação, um tabuleiro de xadrez gigante a flutuar no espaço. Um fantasma fluorescente desliza para ela sobre a superfície de quadrados pretos e brancos, e a voz do *troll* fala-lhe ao ouvido, mandando-a dançar.

Demasiado. Demasiado. Mouse desaparece. Chega Drone. Drone, a que faz o que a mandam e não sente nada.

— Dança, Mouse — diz o *troll* e Drone balanceia-se obedientemente de um lado para o outro. A música muda — Drone nem sequer tem consciência da música até esta mudar, mas muda — e chega Loins, reconhecendo uma canção que adora. Loins *gosta* realmente de dançar; foi ela que saiu na noite passada para ir ao Rain Dancers, foi ela que conheceu George Lamb, o estranho, e concordou em ir com ele para casa. Também teria feito sexo com ele mas, na altura em que chegaram à caravana de George, compreendera que não ia ser muito divertido e por isso passara *essa* tarefa à Drone.

Loins dança até a música parar, até o mundo onírico ser desligado e o capacete de realidade virtual lhe ser retirado da cabeça. Chega então Brain, a que repara computadores e escreve código...

Quando Mouse regressa, a manhã já passou. Volta e dá por si dentro de outra tenda, mais pequena. Está sentada numa cadeira dobrável de madeira, enquanto Julie fala com ela atrás de uma secretária gasta. Um relógio digital em cima da secretária informa-a de que são agora 12h12. Mouse está com dores de cabeça mas não está cansada, e o Navegador deduz que são 12h12 da tarde e não da noite.

— ... sentas-te com o Dennis depois do almoço e determinam exactamente em que é que vão trabalhar — está Julie a dizer. Mouse não presta verdadeira atenção às palavras. Em vez disso, o mais discretamente que consegue, examina-se a si própria: olha para baixo e vê que tem a camisola vestida, que o *top* está outra vez tapado, se é que alguma vez esteve mesmo destapado. O breve vislumbre que teve de Julie a tentar despir-lhe a camisola — talvez *isso* também tivesse sido uma alucinação, como o tabuleiro de xadrez flutuante.

Mas, se estivera a alucinar, se sofrera realmente qualquer tipo de episódio psicótico, que *fizera* ela, de facto, enquanto este decorria? Alguém teria dado por isso? Mouse observa Julie por um momento e decide que a maneira como ela lhe está a falar — calma, relaxada — não era o tom que empregaria com alguém que tivesse visto a comportar-se como um louco uns momentos antes. Mesmo assim, Mouse pensa: 12h12 — passaram três horas desde que chegara ali. Que *acontecera*?

— ... fome? — pergunta Julie.

— O quê? — diz Mouse. — Julie sorri-lhe indulgentemente. — Desculpa, — diz Mouse — distraí-me um segundo...

— Está tudo bem — diz Julie. — Perguntei se tinhas fome. Pensei em reunir uns trocos, pegar nos rapazes e levar toda a gente a almoçar à conta da empresa. Que te parece?

— Ok — responde Mouse. O que Mouse queria mesmo fazer era ir para casa, telefonar a Rudy Krenzel e suplicar-lhe que a deixasse voltar. Isso, porém, não parece ser uma opção. Não está na lista.

Mouse mantém-se perto de Julie enquanto ela vai buscar os outros. Prestando muita atenção, é finalmente capaz de pôr nomes em dois dos homens. O homem arrapazado chama-se Andrew; o *troll* — cuja camisa está completamente aberta quando chegam junto dele, o que lhe vale uma reprimenda ríspida da parte de Julie — é o Dennis. Mouse ainda não apanhou o nome do terceiro homem, mas ele é tão calado que chega à conclusão de que não vale a pena, não precisamos de saber o que chamar a alguém que não fala connosco.

Saem todos juntos e, lá fora, Julie mostra-se preocupada que não fiquem todos confortáveis no seu carro, devido a problemas não especificados com as almofadas do banco traseiro.

— Não faz mal, — diz Mouse, que não está descontente com este desenvolvimento. — Eu posso ir atrás de vocês no meu carro.

— Ofereço-me para ir com a Mouse! — grita Dennis, e Mouse encolhe-se. Mas Julie vai em seu socorro.

— Não, Dennis — diz ela. — Tu vais comigo. Preciso de falar uma coisa contigo.

— O quê, agora? Podemos falar no restaurante.

— Não, Dennis — repete Julie. — Andrew, vai *tu* com a Mouse. Vê lá se ela não se perde.

— *Perder-se?* — exclama Dennis. — Que raio se passa, Comodoro? O restaurante é na Bridge Street. Só tem de virar à direita quando passar o portão e ir sempre em frente.

— Mete-te dentro do raio do carro, Dennis!

Resmungando, Dennis dá a volta para o lado do passageiro do Cadillac, onde o homem calado já está à espera que Julie destranque as portas.

— Tu vais lá atrás — grita Dennis, empurrando o homem calado.

Assim que se sentam no carro, Julie e Dennis desatam a discutir outra vez, mas as janelas estão fechadas e Mouse não distingue as palavras. Vira-se para Andrew, que está a resmungar para si mesmo e parece perdido em pensamentos. Um momento depois, sai desse estado, olha para Mouse e encolhe os ombros conciliador.

— Quando a Julie decide fazer as coisas de uma determinada maneira, — diz — não vale muito a pena ir contra isso. — Abana a cabeça na direção do Centurion de Mouse. — Queres ir?

Andrew faz uma educada conversa de circunstância durante o caminho para o restaurante. É um bom esforço, mas não suficientemente bom para esconder o facto de se sentir desconfortável por estar sozinho com ela. Mouse pergunta-se se ele terá visto qualquer coisa que escapou a Julie. *Que fiz eu esta manhã entre as nove e o meio-dia?* pensa em lhe perguntar, mas claro que não o faz. Ofendida com a tensão dele, Mouse decide que não gosta de Andrew.

Pouco depois, chegam à Harvest Moon, uma cervejaria ao estilo dos anos cinquenta, com muitos cromados e néons. Mouse segue o Cadillac de Julie até ao parque de estacionamento que fica nas traseiras do restaurante. Mal tem tempo de puxar o travão de mão antes de Andrew sair do carro.

— Filho da puta — ruge Maledicta nas suas costas.

No restaurante, Dennis tenta sentar-se ao lado de Mouse, mas Julie Sivik intervém mais uma vez; senta-se do lado esquerdo de Mouse e insiste para que Andrew, e não Dennis, se sente do lado direito.

— Que se passa aqui, estamos em alguma agência de encontros? — queixa-se Dennis em voz alta. — Para que insistes em o sentar ao lado dela?

— Toma, Dennis — diz Julie, passando-lhe uma ementa. — Sentir-te-ás melhor assim que tiveres a comida à tua frente.

Uma empregada aceita os pedidos e, enquanto esperam pelo almoço, Julie tenta, sem êxito, que se mantenha uma conversa. Mais especificamente, tenta que Andrew e Mouse mantenham uma conversa; para isso, faz a Andrew uma série de perguntas planeadas.

— Andrew, sabias que a Mouse também trabalhou na Bit Warehouse, como tu? — Mas Andrew não aproveitava as dicas e, perante o seu óbvio desconforto e a troça de Dennis, Julie é obrigada a desistir. Ninguém diz mais nada até chegar a comida.

É enquanto estão a comer que acontece algo que muda a opinião de Mouse acerca de Andrew. Perto da mesa deles há uma mesa com bancos corridos, onde estão sentados um homem e uma menina de quatro ou cinco anos. O homem corta mecanicamente uma grande costeleta, enfiando garfada após garfada na boca. A menina não tem fome. Há um prato cheio de ervilhas e puré de batata à sua frente, mas, em vez de comer, ela usa a colher para empurrar as ervilhas e fazer desenhos no molho. Acaba por se fartar disso. Experimenta bater na borda do prato com a colher. Encantada com o som que faz, começa a bater repetidamente, como um gongo.

O homem pousa o garfo. Pega na mão com que a menina segura a colher e imobiliza-a; não fala, mas nos seus olhos brilha um aviso. A menina, momentaneamente obediente, recomeça a empurrar as ervilhas. O homem volta à costeleta. Então, a criança, novamente aborrecida, bate com a colher num copo de água.

Desta vez, o homem não se dá ao trabalho de pousar o garfo, limita-se a bater-lhe na cara com as costas da mão. É um golpe forte: a criança é atirada de lado no banco e quase cai dele abaixo. Fica com o rosto corado e começa a chorar baixinho. Alguns dos outros comensais ouvem-na e olham, mas desviam outra vez o olhar.

Então Andrew põe-se de pé.

— Oh, santo Deus, — diz Dennis. — Aí vamos nós, — mas Andrew ignora-o. Dirige-se à mesa, coloca-se do mesmo lado que a menina e olha para o homem que continua a cortar a costeleta.

— Desculpe — diz Andrew.

O homem leva um momento a acabar de mastigar um pedaço de cartilagem.

— Que quer? — pergunta finalmente.

— É sua filha?

— Sim, é minha filha — responde o homem. — Que quer?

— Podia ter-lhe furado o tímpano, a bater-lhe assim — informa-o

Andrew. — Ou o maxilar. Ou — aponta para o garfo na mão do homem — podia ter-lhe tirado um olho.

O homem deixa cair o garfo no prato e esfrega as mãos. Suspira impacientemente.

— Saia da minha frente, seu estúpido.

— Não me chame estúpido — diz Andrew.

O homem parece surpreendido por ouvir estas palavras da boca de Andrew. É muito maior do que ele e tem um ar muito mais ameaçador; usa um fato, mas está gasto e amarrotado, como se passasse muito tempo a realizar trabalho pesado... ou a dar sovas às pessoas que o chateiam.

— Gostaria que eu lhe tirasse um olho *a si*? — diz. — Ou lhe arrancasse o raio...

— Não me ameace — diz Andrew. A sua voz não é ameaçadora, mas firme, a voz que um pai — um *bom* pai — usaria para dissuadir uma criança de fazer uma coisa perigosa: *Não brinques com esses fósforos, querida!*

O homem hesita, confundido pela ausência de medo de Andrew. Examina o rosto de Andrew por um momento, depois baixa o olhar — examinando-lhe as mãos, percebe Mouse, para ver se ele tem uma arma. Não tem. E, embora Andrew esteja em boa forma, não se comporta como um lutador. É um enigma.

— Você é maluco? — pergunta o homem. Andrew ignora a pergunta e o homem continua, agora prudente. — Não é da sua conta a maneira como trato os meus filhos, amigo.

— Um homem adulto a bater numa menina é da conta de toda a gente — diz-lhe Andrew; diz isto em voz alta e as cabeças começam outra vez a virar-se. — Devia ter vergonha.

— *Vergonha?* — o homem ri-se. Olha em redor, procurando um apoiante entre os comensais que o observam. O seu olhar pousa em Julie.

— Acredita nisto? — pergunta-lhe. — Este tipo pensa que é a minha consciência!

— Talvez precise de uma — replica Julie.

O homem inclina a cabeça.

— Bem — diz, virando-se novamente para Andrew. — Bem, aí tem. Um voto para si.

— Não preciso de votos — diz Andrew.

— Não, claro que não — responde o homem. — Você *sabe* que tem razão, não é? É um *especialista* em cuidar de crianças. Mas deixe-me dizer-lhe uma coisa: se tivesse de aturar esta maldita miúda...

— Se ela fosse minha filha, não lhe chamaria «esta maldita miúda». E não deixaria que chorasse enquanto eu me empanturrava.

Durante um momento, parecia que o homem ia mesmo agredir An-

drew. Mas Andrew não pestaneja nem se mexe, continua a fitá-lo, e o homem decide não se arriscar a descobrir por que razão Andrew não tem medo.

— Muito bem — diz ele. Vira-se no assento e procura freneticamente no bolso das calças. — Muito bem, ouça o que lhe digo: arranje um filho, está bem? *Arranje* um filho, viva com ele uns anos e depois venha dar-me sermões sobre como é. — Atira uma nota de vinte dólares para cima da mesa, ao lado do seu prato. — Vamos, Rebecca — ruge, esgueirando-se para fora do banco. Empurra Andrew para o lado e pega na criança, que assiste à discussão com grande interesse, esquecida das lágrimas. O homem começa a levar a menina para fora, para a meio caminho da porta, vira-se para trás e aponta um dedo a Andrew. — É melhor desejar que eu nunca o torne a ver. *Estúpido*.

— Se eu souber que tem andado a bater em crianças, voltará a ver-me. E não só a mim.

— Doido. — O homem baixa os braços e abana a cabeça. Vendo uma empregada olhar para ele, diz: — Tem gente doida a almoçar aqui, sabia disso?

Sai, levando a menina. Andrew observa-os até desaparecerem, depois volta para a mesa.

— Quem me dera que não fizesses estas coisas — diz Dennis.

Andrew abana a cabeça e responde tristemente:

— Eu sei, Dennis.

— Aquele tipo podia ter-te morto. Podia sacar de uma arma e matar-te. Essas coisas acontecem.

— Não me parece que ele tivesse uma arma, Dennis.

— Tinha uma *faca de carne*. Tinha punhos...

Andrew abana a cabeça.

— O Adam achou que ele não ia bater-me.

— O Adam... — Dennis revira os olhos. Pondo aspas audíveis em volta do nome, pergunta: — E se o «Adam» estivesse errado?

— Seferis ter-me-ia protegido.

— Seferis... És mesmo um caso psiquiátrico, sabias? Aquele tipo tinha razão. E sabes o que é pior? Não fará diferença nenhuma. Achas mesmo que vai parar de bater à filha só porque lhe disseste para ter vergonha?

— É mais provável do que se eu não tivesse dito nada — contrapõe Andrew. Mas parece triste, como se temesse que Dennis tivesse razão.

— Não — diz Dennis. — Ele não vai mudar.

— Não importa — insiste Andrew. — Quer dizer... *importa*, mas não podemos ficar sem fazer nada. Não podemos ficar quietos quando alguém faz uma coisa errada, e não lhe chamar a atenção para isso.

— Por que não? Se chamar-lhes a atenção não faz diferença nenhu-

ma... da próxima vez que o tipo tiver vontade de espancar a filha, achas que vai ao menos lembrar-se de ti?

— Não — diz Mouse, surpreendendo-se a si própria por falar em voz alta. — Mas a menina lembrar-se-á.

Andrew e Dennis olham para ela e Julie sorri.

Depois do almoço voltam para a Fábrica da Realidade, onde Mouse começa outra vez a perder a noção do tempo. Não é inesperado; acontece assim que Julie anuncia que está na hora de voltar ao trabalho.

— Muito bem, tu ficas com o Dennis e eu vou começar...

... quando Mouse volta a dar por si, está sozinha, agachada no espaço entre duas tendas montadas perto uma da outra. Sem saber bem o que está ali a fazer, começa a levantar-se, mas detém-se quando ouve duas vozes que saem da tenda à sua esquerda. Uma voz é de Julie, a outra, de Andrew.

— ... personalidade múltipla sem tirar nem pôr — diz Julie. — Já falei com três ou quatro pessoas diferentes.

— O desfile — diz Andrew. — É assim que o Adam lhe chama.

— O engraçado é que eu não o teria percebido se não te conhecesse. Teria pensado apenas, «Caramba, ela é *mesmo* temperamental!» Mas, uma vez que se sabe o que procurar... Tive logo um instinto, quando gritou comigo na loja do Rudy. Mas só quando voltei a encontrá-la na livraria é que tive a certeza. Depois de ela beber uns copos, tornou-se muito óbvio.

— Embebedaste-a?

— Não era a minha *intenção* — responde Julie, parecendo à defesa. — Ofereci-lhe um copo de vinho, depois ela pediu outro. E depois pediu mais três.

— Julie!

— Bem, que querias que fizesse? Nem sequer sabia quem estava a pedir os últimos três.

— Espero que depois a tenhas levado a casa.

— Tentei, Andrew. Juro que tentei. Ela não *parecia* bêbeda, mas é tão pequena, e depois de cinco copos... mas não me deixou dar-lhe boleia. Quando insisti, chegou aquela outra pessoa que eu ainda não conhecera, e disse — era um homem, definitivamente, e a sua voz estava completamente sóbria — «Não, ela vai precisar do carro para ir trabalhar de manhã.» E eu perguntei, «Achas mesmo que ela deve conduzir depois deste vinho todo?» E ele respondeu: «Não te preocupes, eu levo-a a casa. Não é a primeira vez.» Mesmo assim, eu não queria que ela — ele — fosse. Despedi-me, fiz de conta que ia para o outro lado, depois dei a volta e segui-os. Achei que devia ver pelo menos se chegavam bem ao carro. Mas não foram logo para o carro, foram a um café. Fiquei lá fora o máximo que pude até ter de ir buscar o carro, e eles não saíram, por isso pensei, deixa lá, eles estão bem, estão à es-

pera de ficar sóbrios... Senti-me mal por causa disso, Adam, mas que mais podia fazer? Não foi como daquela vez em que *tu* ficaste bêbado.

Andrew produz um som que Mouse, ouvindo através do tecido da tenda, não consegue interpretar. Há um silêncio. Depois, Andrew diz:

— E então oferecete-lhe um emprego.

— Sim, *antes* de ela tomar o segundo copo de vinho. E ela aceitou.

— Quem é que aceitou?

Julie ri.

— Bem, essa pergunta também me ocorreu. Ela deu-me o número de casa, por isso telefonei-lhe cedo no dia seguinte, em parte para verificar se chegara mesmo a casa, em parte para ver se se lembrava do emprego.

— E lembrava?

— Alguém lembrava. Quem quer que tenha atendido o telefone. Mas quando voltei a falar com ela no sábado, parecia não estar a perceber nada, como se de repente não se lembrasse de nada mas se esforçasse por não o demonstrar. Para te dizer a verdade, não estava completamente segura de que aparecesse esta manhã.

— Porque lhe oferecete o emprego, Julie? — pergunta Andrew.

— Porquê?! — exclama Julie. Fala como se a surpreendesse o facto de poder haver alguma dúvida acerca da razão, mas, mesmo ouvindo através da parede da tenda, Mouse percebia que a surpresa era fingida.

— Porque ela é uma programadora nata, eis porquê. Pelo menos, *uma* das suas almas é-o. Devias ter visto hoje depois do almoço, até o Dennis ficou impressionado quando a viu em ação. — Uma pausa. — O quê, não acreditas em mim?

— Acredito que seja uma boa programadora, — diz Andrew — mas o Adam acha que a contrataste por outro motivo e eu acho que ele tem razão.

Outra pausa.

— Bem... — diz Julie.

— Bem?

— Está bem — diz Julie. — Está bem, é assim: As suas capacidades como programadora são, de facto, a razão *principal* — andava há algum tempo a pensar em colocar alguém novo, nem que fosse a meio-tempo, por isso tinha mesmo intenção de a sondar acerca de um emprego, ainda antes de ter feito aquela conexão com a personalidade múltipla. Isto é a mais completa verdade, Andrew. Mas quando *fiz* a conexão, pensei...

— O quê?

— Estás a ver, a questão é que... *ela não sabe*. Quero dizer, alguma da sua gente sabe, obviamente, como aquele que me disse que a levaria a casa, mas ela — a mulher que conhecestes esta manhã — não sabe. Tenho a certeza disso. Então eu pensei que talvez tu pudesses...

— Oh, Julie... Isso é uma *má* ideia.

— Lembro-me de me contares como foi para o teu pai, antes de construir a casa. Antes de *ele* saber. Disseste que era como viver no caos. Bem... para ela também deve ser assim, não é? Como viver no caos.

— Provavelmente. Mas, Julie...

— Então, eu pensei que, tendo tu próprio vivido essa experiência, haverias de querer ajudar...

— Eu não vivi essa experiência — diz Andrew. — Foi o meu pai. E nenhum de nós é psiquiatra, que é do que ela precisa.

— Está bem, mas como é que vai *obter* aquilo de que precisa, se nem sequer sabe...

— Se não sabe, deve ser porque não está preparada para saber. E tentar forçá-la a saber pode fazer mais bem do que mal.

— Queres dizer que ela vive melhor se ignorar a sua situação?

— Quero dizer que, se a perturbares, tentando dizer-lhe alguma coisa acerca dela que ela não quer ouvir, ela não ouvirá — convocará outra alma para a proteger dessa informação. E se continuares a perturbá-la, o protetor pode achar que és uma ameaça e tentar afastá-la de ti. Só que *ela* não saberá o que está a passar-se — um dia acordará com um emprego novo, talvez mesmo a viver noutra cidade, e terá de se adaptar a essa mudança sem compreender por que razão aconteceu.

— Bem — diz Julie, parecendo sentida. — Eu não queria... Não estava a sugerir que simplesmente lhe *atirasses* a verdade para cima. A minha ideia era que primeiro a conhecesses, se tornassem amigos e, depois, talvez pudesses partilhar a tua história com ela. Dizer-lhe como eram as coisas para o teu pai e os outros antes da construção da casa...

— Descrever os sintomas?

— Bem, de facto... sim. Podias falar-lhe de como o teu pai costumava perder a noção do tempo, falar-lhe daquelas listas que ele costumava fazer... e não *pressionar*, mas se ela te dissesse: «Eh, isso parece a *minha* vida», então...

— Ainda não me parece que seja muito boa ideia, Julie. E gostava bastante que me tivesses perguntado a opinião antes de a contratares. Já que falaste em atirar coisas para cima das pessoas... tu já sabias disto há uma semana, mas a primeira vez que eu soube foi hoje de manhã, dito pelo Dennis.

— Eu sei, eu sei... devia ter-te dito. Quase o fiz, mas depois pensei que não queria influenciar a tua opinião.

— Influenciar a minha opinião? Que quer isso dizer?

— Quer dizer... Queria ver o que acontecia se a conhecesses sem seres antecipadamente da personalidade múltipla. Se tu darias por ela sem que eu te dissesse.

— Mas tu disseste que era óbvio. Tinhas medo de estar errada, que afinal ela não fosse múltipla?

— Não, dissestinha a certeza. Mas pensei...

— O quê? Que seria engraçado surpreender-me?

— Andrew!

— Desculpa, Julie, — diz Andrew — mas estou mesmo... chateia-me muito que tenhas feito isto. Isto não é uma brincadeira. Não é uma simulação de realidade virtual.

— Andrew!

— Não é justo — insiste Andrew. — Para mim, e especialmente para ela. Na verdade, não sei em que estavas a pensar, Julie. A sério que não sei.

— Andrew!... Andrew, espera!

Ele está a sair da tenda. Abraçando-se à parede de lona para se esconder, Mouse esgueira-se para a frente e espreita pelo canto da tenda a tempo de o ver sair. Percebe perfeitamente que ele está a fazer teatro — em vez de desaparecer dali, Andrew para à porta e espera que Julie o apanhe. Quando esta o faz, está contrita, mas Mouse pergunta-se se aquela contrição não é também teatro.

— Está bem, Andrew — diz Julie, pousando-lhe uma mão no braço — o mesmo gesto de sedução, de conciliação que Mouse a vira usar com Rudy Krenzel. — Está bem, fiz asneira, admito-o e peço desculpa. A sério. Mas ela agora *trabalha* aqui. Não posso voltar atrás, E espero que não a castigues pelo meu erro.

— Claro que não vou *castigá-la*. Mas, Julie...

Julie aperta-lhe levemente o braço, encostando-o ao seu peito.

— Trabalha com ela — pede. — Se o tema da personalidade múltipla nunca surgir, tudo bem. Se vocês não se derem bem, também não faz mal. Não vou forçar mais nada, prometo. Mas se — só se — percebermos que quer ajuda, que está *pronta* para ser ajudada, espero que...

— Não vou fazer promessas, Julie.

— E eu não vou pedir-te que faças. Vamos só ver o que acontece, está bem? — Sorri-lhe e pestaneja, e quando ele não responde, ela própria responde à pergunta: — Está bem. Então... — dá-lhe mais um puxão no braço e solta-o. — É melhor ir ver como é que ela se está a dar. Disse ao Dennis para a instalar na tenda livre com outro projecto de ensaio, mas ela já deve ter acabado.

Julie beija Andrew na bochecha, o que parece sobressaltá-lo, depois vira-se e vai-se embora, deixando-o ali, com ar exasperado e muito confuso. Ele vê-a partir, Mouse observa-o.

Mouse está fascinada com a conversa que acabou de ouvir, embora

não tivesse compreendido uma grande parte. Pela segunda vez hoje, considera deixar cair as defesas; imagina-se a sair do seu esconderijo, dar uma palmadinha no ombro de Andrew e perguntar: *Aquilo era sobre quê? Era de mim que estavam a falar?*

Desta vez, é mais do que um pensamento ocioso mas, mesmo assim, não o concretiza. Recua furtivamente e, um momento depois, testemunha algo mais.

Quando Julie já não está por perto, a expressão de Andrew muda. A sua *expressão* muda, diria ela, mas a transformação parece mais fundamental do que isso. A confusão de Andrew evapora-se; o seu olhar levemente aborrecido torna-se muito mais severo e muito mais sombrio: um desprezo próximo do ódio.

— Puta — diz Andrew. — Puta metediça.

Depois pisca os olhos, e volta ao seu ar arrapazado, baralhado, ligeiramente exasperado.

— Oh, Julie — sussurra. Inclina a cabeça, como se estivesse a ouvir, e acrescenta: — Está calado.

— Mouse? — chama Julie, algures da Fábrica. — Mouse, onde estás?

Mouse, novamente desaparecida, não responde. Em vez disso, Maledicta e Malefica retiram-se, uma de cada vez, para um esconderijo que detetaram antes: uma tenda-armazém cheia de pilhas de caixas, que podem facilmente transformar-se numa fortaleza improvisada de solidão. Vão lá para dentro e constroem uma parede à sua volta. Malefica puxa uma caixa particularmente robusta para se sentar; Maledicta acende um cigarro.

Ficam muito tempo na fortaleza de solidão, a refletir.



LIVRO TERCEIRO

ANDREW



Os dois primeiros e-mails aguardavam-me quando cheguei ao trabalho na terça-feira de manhã.

Já esperava que a semana fosse um desafio emocional, por causa do meu confronto com Julie na tarde anterior. Não era a primeira vez que ela tentava complicar a minha vida sem verificar se eu me importava. Gostava de fazer dos outros voluntários, e também gostava de surpresas. Não gostava de pedir permissão, ou pelo menos parecia nem sempre reconhecer quando é que a permissão era necessária. E sempre que era chamada a justificar-se — sempre que alguém protestava por se ver envolvido em qualquer esquema ou intriga contra a sua vontade — a sua reação era consistente, tão consistente, que Adam inventara um nome para isso. Chamava-lhe a Reação Registada em Três Fases da Julie Sivik a um Bom-Puxão-De-Orelhas.

A primeira fase, que durava aproximadamente vinte e quatro horas, era a Contrição. Após ser informada de que transpusera as fronteiras da amizade, Julie ficava humilde e conciliatória, tão magoada pela sua própria transgressão que o amigo, sobre o qual presumira, podia mesmo começar a sentir-se culpado, como se tivesse sido ele a ir longe de mais. Mas, enquanto as primeiras dúvidas ainda se instalavam, Julie passava abruptamente à fase dois, a que Adam chamava Equilibrar a Balança. Durante esta fase, que se estendia de dois a cinco dias, Julie tornava-se hipercrítica, perdia a cabeça com deslizes e erros insignificantes em que, normalmente, nem sequer reparava. O pior acerca da fase dois era não haver maneira de fazer Julie ver a conexão entre esta fase e a primeira. Se daqui a uns dias ela se pusesse a gritar comigo por eu ter atado os sapatos ao contrário e eu lhe dissesse: «Sabes, Julie, a verdadeira razão para estares zangada é sentires-te culpada», ela não só não concordaria, como nem sequer compreenderia do que eu estava a falar. Eu sei, porque já o tentei.

A terceira fase, a Reconciliação, é uma versão suavizada da primeira. A certa altura, Julie volta a ser simpática e passa um dia ou dois a compensar, sem sequer admitir de forma alguma que há qualquer coisa que precise de compensação. É assim que tudo termina, pelo menos até à próxima vez — embora, se Penny continuasse a trabalhar na Fábrica da Realidade, a próxima vez talvez não demorasse muito a chegar.

Ontem à tarde, quando Julie me suplicou que, pelo menos, pensasse em ajudar Penny, disse-lhe que não fazia promessas. Contudo, não cheguei

a dizer que não e sei que Julie deve ter interpretado isso — essa falta de uma negativa contundente — como se eu *tivesse* prometido. Então, é claro que passei algum tempo a pensar como ajudar Penny — na verdade, a maior parte da noite, e quanto mais pensava, mais tinha a certeza de que não podia fazê-lo.

Já tinha apresentado a Julie algumas das razões: eu não era psicoterapeuta e, mesmo que fosse, não serviria de nada se Penny não estivesse preparada para ser ajudada. Mas não revelara a razão principal, por medo de parecer demasiado mau: eu não *gostava* de Penny.

Também não quer dizer que desgostasse — os meus sentimentos em relação a ela eram neutros: nem bons, nem maus, nem positivos, nem negativos. Se eu a tivesse conhecido por acaso, não teria tido interesse especial nela. Claro que o próprio desinteresse, vindo de mim, era de certa forma negativo: em geral, interesse-me pelas pessoas novas. O facto de ser neutro acerca de Penny jogava em seu desfavor — pelo menos, seria assim que Julie o interpretaria. Mas era isso que eu sentia e não podia evitá-lo.

E, por me sentir assim, não podia ajudá-la. Eu ainda não tinha nascido quando o meu pai começou a construir a casa, mas ouvira histórias suficientes para saber que era um processo difícil e doloroso — e não só para ele. Adoro o meu pai, mas a tia Sam diz que estar perto dele nesses primeiros tempos era o inferno, já para não falar das vezes que ele combateu o Gideon para controlar o corpo. Para ficar ao lado dele durante esse período difícil tinha de ser um verdadeiro amigo, um familiar ou um santo, como a senhora Winslow, ou um profissional, como a Dra. Grey. Alguém que acabámos de conhecer, com sentimentos neutros, nunca seria capaz.

— Então, que se lixe — disse Adam quando atravessei os portões da Fábrica e percorri o parque de estacionamento até ao telheiro. — A Penny não é problema teu. Não foste tu que a trouxeste para cá, e não prometeste ajudá-la.

— Eu sei, mas a Julie...

— Oh, *a Julie*... — troçou Adam. — Está bem, tinha-me esquecido que nunca podemos decepcionar a Julie.

— Tem sido bem simpática connosco.

— Simpática connosco, certo. E é por isso que ainda estás a pensar no mesmo... Por a Julie ser tão *simpática*.

Dentro do telheiro, fui direito à minha tenda e liguei o computador. Recebera duas mensagens, ambas de alguém chamado Thread. Tinham sido enviadas na noite anterior, já tarde, depois da meia-noite. O assunto do primeiro era Caro Sr. Gage. O segundo não tinha assunto. Pensando que era publicidade, cliquei na primeira mensagem e li:

Assunto: Caro Sr. Gage,
Data: Terça-feira, 22 abril 1997 00:33:58
De: Thread <thread@cybernrthwest.net>
Para: housekeeper@pacbell.net

Caro Sr. Gage

Estou a escrever-lhe para lhe pedir que, por favor, ajude a Penny a encontrar-se a si mesma. Eu sei que é pedir muito — o senhor não nos conhece de lado nenhum — mas ela está assustada há muito tempo e ajudaria muito se compreendesse o que se está a passar. Por favor, ajude-nos.
t.

A mensagem seguinte, enviada menos de três minutos depois, dizia:

Assunto:
Data: Terça-feira, 22 abril 1997 00:36:22
De: Thread <thread@cybernrthwest.net>
Para: housekeeper@pacbell.net

mais uma coisa estúpido se a magoares vamos-te lixar de uma maneira que nem acreditas

Pode parecer estranho, mas foi a primeira mensagem que me perturbou mais, talvez por ser mais pessoal, dirigindo-se-me pelo meu nome.

— Como é que eles arranjaram o nosso endereço de e-mail? — perguntei-me.

— Adivinha — disse Adam e, quando não fui capaz, ele prosseguiu:

— Obrigado, Julie, por seres tão simpática connosco...

— Adam! — disse eu. — Adam, pára com isso, tenho a certeza de que a Julie não...

— Está alguém do lado de fora da tenda — disse Adam.

Ergui-me na cadeira, escutando; talvez tivesse havido um ruído, um leve restolhar de passos.

— Olá? — chamei. Ninguém respondeu. Levantei-me, fui em bicos de pés até à parte da frente da tenda e encostei o ouvido à aba da entrada. Depois encolhi os ombros e saí.

Não estava ali ninguém, pelo menos que eu pudesse ver.

— Olá? — voltei a chamar. Da tenda ao lado, Dennis gritou:

— Que é?

— Nada — respondi. Circundei o exterior da tenda, verificando cuidadosamente todos os cantos, sem encontrar ninguém. Voltei outra vez para a frente e ia a entrar, quando Julie chamou:

— *Eh!*

— Julie! — virei-me. Não sei como, ela aparecera mesmo atrás de mim. — Como... como estás?

— Bem — respondeu Julie, sorrindo. Pousou a mão levemente no meu braço. — E tu?

— Estou... bem, parece-me. Mas...

— Que bom — disse Julie. — Ouve, Andrew, se não estiveres muito ocupado agora, gostaria de falar um pouco mais acerca...

As palavras saíram-me da boca antes de eu ter tempo de pensar nelas.

— Não posso fazer isso, Julie.

Ela parou a meio da frase. Senti um movimento nervoso da mão que estava em cima do meu braço.

— Aquilo que me pediste em relação à Penny — expliquei, embora tivesse a certeza de que Julie sabia exatamente a que me referia. — Não posso fazê-lo. Sei que tu me pediste para pensar, e pensei, mas o que acho é que não posso fazê-lo. Por isso... por isso queria dizer-to diretamente, para que fique claro entre ambos. Espero que compreendas.

Julie tirou a mão do meu braço. Tinha os lábios cerrados.

— Ela compreende, claro — disse Adam.

— Bem, seja como for — continuei, agora a gaguejar. — Seja como for, tenho uma coisa importante para tratar, por isso... por isso, falo contigo mais tarde, está bem?

Enquanto Julie abria a boca para responder, virei-me e entrei na minha tenda.

Parei mesmo à entrada e esperei. Julie não me seguiu lá para dentro, mas também não se foi logo embora — ouvia-a mesmo ao pé da aba da tenda, a respirar ruidosamente pela boca. Finalmente, disse, com voz baixa mas audível, «Foda-se» e foi-se embora, as solas dos sapatos a baterem com força no chão de cimento da Fábrica.

— A fase dois — disse o Adam — desta vez começará mais cedo.

Voltei à minha secretária e reli as palavras no ecrã do computador:

mais uma coisa estúpido se a magoares vamos-te lixar de uma maneira que nem acreditas

— Que hei de fazer acerca disto, Adam?

— Bem, podes dizer-lhes que não te chamem estúpido. Funcionou bastante bem, ontem.

— Estou a falar a sério. Devo ficar preocupado?

Lá dentro, senti Adam a encolher os ombros.

— Provavelmente não — por enquanto — respondeu-me. — Parece um protetor, talvez fale num tom duro para teres cuidado com ela... quero dizer, se receberem um não como resposta, será diferente, mas por enquanto...

Tive uma imagem mental, não de Penny, mas de Julie, a afastar-se zangada, com grandes passadas.

— Se calhar, devíamos tentar ajudá-los — disse.

— Não sejas estúpido. É uma má ideia; tu próprio o disseste. Além disso, tu não queres realmente fazê-lo.

Não discuti esse ponto. Em vez disso, transferei as duas mensagens de Thread, não respondidas, para a minha pasta «Guardadas».

Pareceu-me que era um bom dia para verificar o estado do telhado. Arranjei uma escada extensível e passei a hora seguinte a procurar muito minuciosamente telhas soltas, buracos e traves podres.

Por volta das dez e meia, ouvi Julie gritar por mim. Parecia nervosa.

— Andrew! Andrew!

— Que aconteceu? — corri para a ponta do telhado, quase me desequilibrei. — Que aconteceu? Alguém se aleijou?

Ninguém se aleijara. A Julie parecia nervosa porque estava zangada.

— Que raio fazes aí em cima? — perguntou.

— Que raio *achas* tu que faço? — respondeu o Adam. Disse-o com o mesmo tom casual que usa quando me vai ditando frases, e eu tive de morder a língua para não repetir as palavras em voz alta.

— Estou à procura de goteiras — expliquei a Julie. Por dentro, avisei o Adam para parar com aquilo.

— Eu, por acaso, disse-te para ires à procura de goteiras hoje? — perguntou Julie.

— Bem, não... — respondi. Mas era irrelevante, porque ela quase nunca me dizia o que fazer. — Precisavas de mim para alguma coisa?

— Sim. É por isso que tenho andado à tua procura em todo o lado.

— Está bem, está bem. Eu já desço. Onde queres que vá ter contigo?

— Mas ela já voltara para dentro, batendo com a porta.

— Ela tem sido bem simpática connosco — disse Adam.

— Está calado.

Encontrei Julie e os outros na Tenda Grande. Julie conferenciava com Dennis, enquanto Irwin, de pernas cruzadas no chão, substituía uma ligação num dos fatos de dados. Penny estava sentada a um canto, escrevendo num portátil. Senti um formigueiro estranho na barriga quando a vi, mas quando ela olhou para mim, não houve qualquer antecipação ou reconhe-

cimento especial nos seus olhos, fosse qual fosse a alma a tomar conta do corpo naquele momento, não era a autora das mensagens.

Aproximei-me de Julie e fiquei pacientemente a seu lado, à espera que ela desse por mim.

— Oh — disse ela docemente alguns minutos depois. — Afinal não precisamos de ti. Deixa lá.

— Está bem — disse eu.

— Mas já que estás aqui em baixo — acrescentou antes de eu me ir embora — porque não dás uma ajuda ao Irwin?

Irwin ergueu os olhos quando ouviu o seu nome e pude ver pela sua expressão perplexa que não precisava da minha ajuda e não percebia por que fazia ela tal sugestão. De qualquer maneira, fui sentar-me junto dele e tentei ser útil.

A certa altura, senti-me observado. Virei a cabeça: agora Penny olhava diretamente para mim, uma alma diferente a espreitar-lhe dos olhos. *Thread*, pensei.

— *Thread* — confirmou Adam. — Não parece suficientemente zangada para ser a outra.

Então, Dennis gritou: — *Eh*, Mouse! — e *Thread*, ou fosse lá quem fosse, piscou os olhos e desapareceu.

Adam e eu mantivemo-nos atentos, mas *Thread* não regressou durante toda a manhã. Depois do almoço voltei para o telhado.

Assunto: Caro Sr. Gage,
Data: Quarta-feira, 23 abril 1997 01:04:17
De: Thread <thread@cybernrthwest.net>
Para: housekeeper@pacbell.net

Caro Sr. Gage,

Espero que o meu pedido não tenha parecido uma imposição. Se calhar devia ter falado consigo pessoalmente, mas sou uma pessoa tímida e parece-me que o senhor também é... poderá marcar uma hora e lugar para nos encontrarmos? Caso seja conveniente para si...

t.

— Parece-me que não posso adiar mais isto — disse eu. Adam não respondeu. Tentei outra vez: — Devia ter-lhe respondido ontem, não achas?

Nada. Era quarta-feira de manhã e Adam estava a conceder-me um tratamento de silêncio, a vingar-se por eu ter ficado do lado da tia Sam numa discussão na noite anterior.

— Está bem — disse eu. — Sou capaz de tratar disto sozinho.

Ouvi um risinho muito rápido no púlpito, depois outra vez silêncio. Abri uma janela de resposta de mensagem no computador e pousei os dedos no teclado.

Cara Thread, pensei, mas não escrevi nada. *Lamento, mas não posso ajudá-la, nem à Penny...*

Cara Thread, embora, evidentemente, gostasse de a ajudar, receio não ser a pessoa indicada...

Cara Thread, se a Penny está de facto preparada para se «encontrar consigo própria», do que ela precisa é de um bom médico, não...

— *Cara Thread*, — sugeriu Adam, incapaz de resistir — a verdade é que me estou nas tintas para si e para a Penny. Mas como era capaz de beber uma lata de tinta se a Julie Sivik mo pedisse, decidi meter o bedelho no assunto...

— Cala-te — disse eu.

— Que foi? Pensei que querias o meu conselho.

— E quero. Mas se não for para ajudar...

Ouvi o restolhar provocado por alguém a entrar na tenda e levantei os olhos do computador.

— Julie...?

Não era Julie. Era Penny, ou melhor, o corpo de Penny. A alma era a de Thread. A diferença na linguagem corporal era evidente: Penny encurvava os ombros como se esperasse, a qualquer momento, ser atacada por um predador, mas Thread andava direita e com grande confiança — mesmo agora, que estava, obviamente, muito nervosa.

— Senhor Gage? — disse ela.

— Sim — disse eu baixinho. — Inspirei fundo. — Olá.

— Olá — ela estendeu a mão. Apertei-lha, com as minhas emoções de repente alvoroçadas. Há um momento, por e-mail, estava pronto a descartar-me dela, mas agora, que estávamos cara a cara, comecei a lembrar-me das histórias do meu pai acerca da primeira vez que ele procurou ajuda — como estava assustado e como tivera de reunir toda a sua coragem. De repente, a minha relutância em ajudar pareceu-me egoísta e má.

Mas, antes que esse pensamento pudesse ir a qualquer lado, Julie entrou na tenda, completamente na fase dois.

— Andrew — gritou-me. — Andrew, preciso que tu... — viu o corpo de Penny e calou-se logo.

— Oh — disse Julie. Olhou de mim para Penny, para as nossas mãos apertadas por cima da secretária, depois novamente para mim. — Oh, desculpem... volto mais tarde...

— Não! — dei um salto e larguei a mão de Penny (na verdade, não foi bem largá-la, foi mais atirar com ela). — Não, não tens de...

— Não queria interromper — disse Julie. Agora sorria, o mesmo sorriso satisfeito que tivera dois dias antes, quando eu e Penny nos conhecêramos. — Continuem, vocês dois. Eu só... — começou a recuar para fora da tenda.

— Não estás a interromper *nada!* — não queria gritar, mas foi assim que me saiu, como se Julie me tivesse acusado de alguma coisa e eu estivesse a negá-la com todas as minhas forças.

— Está bem — disse Julie. — Tem calma.

— Que... que querias?

— O *Pote de Mel* — explicou Julie. Já não sorria. — Está... fedorento. Cortesia do Dennis, creio. Precisava que o limpasse, mas se estás...

— Não estou — disse, ainda num tom demasiado alto. — Vou já tratar disso.

Lancei um olhar a Thread, que parecia surpreendida com a minha explosão, mas ainda aguardava para continuar, ou começar, a nossa conversa. Sabia que devia dizer-lhe alguma coisa, que era indelicado deixá-la ali pendurada, mas não conseguia pensar em nada, principalmente com Julie ali, por isso só lhe fiz um gesto com a cabeça e murmurei qualquer coisa incoerente. Depois saí, tentando o mais possível não parecer que fugia.

— Muito subtil — disse Adam quando eu cheguei à porta da tenda e desatei a correr. — Tinhas razão, consegues mesmo tratar disto sozinho.

— Não graças a ti — disse, zangado.

— Não te preocupes, se continuares a perder a cabeça sempre que ela tentar falar contigo, tenho a certeza de que perceberá a mensagem.

— Não perdi a cabeça. Só fiquei surpreendido.

Porém, alguns minutos mais tarde, na área das latrinas, preparava-me eu para descontaminar o Pote do Mel, senti-me observado e, ao virar-me, dei com Thread a pouca distância, com os olhos fixos em mim. O meu cérebro bloqueou outra vez. Baixei o olhar para os pés e tentei pensar em alguma coisa para dizer; pedi ajuda a Adam, mas ele calara-se mais uma vez. Finalmente, pensando que, se me conseguisse obrigar a dizer uma palavra, as outras seguir-se-iam magicamente, olhei para cima e disse: — Ouve...

Ela partira, desaparecendo entre as tendas. Não fui atrás dela. Quando voltei a vê-la — cerca de uma hora depois, a sair da Tenda Grande — já não era Thread.

Fui então para a minha tenda, pensando em fazer mais uma tentativa de responder por e-mail. O meu computador ainda estava ligado, como eu o deixara, mas o browser da internet estava desligado e, ao abri-lo, notei que a última mensagem que a Thread me enviara fora apagada. Verifiquei a pasta «Guardadas»; as duas mensagens anteriores também tinham desaparecido.

Assunto: Caro Sr. Gage,
Data: Quinta-feira, 24 abril 1997 06:01:03
De: Thread <thread@cybernrthwest.net>
Para: housekeeper@pacbell.net

Caro Sr. Gage

Lamento muito tê-lo incomodado. Não sei qual é o teu problema, filho da puta? alguém te vai pedir ajuda e tu nem falas com ela qué isto eu devia dar-te um pontapé no cu minha puta

Pouco antes do meio-dia, na quinta-feira, Julie veio procurar-me novamente. Eu estava nos bosques atrás da Fábrica, a deitar cal viva na fossa onde despejávamos o Pote de Mel. Quando a vi avançar, preparei-me para uma reprimenda — ela não me dissera para fazer aquilo hoje — mas, quando falou, a sua voz era preocupada e não zangada: — Viste a Penny?

— *Eu?* — disse. — Não, eu...

— Ninguém a viu. O carro dela não está aqui. Acabei de ligar para casa dela e ninguém atendeu. Espero que esteja bem.

A última frase parecia uma pergunta, mas fiz de conta que não notara.

— Espero que sim — concordei.

— Quer dizer que não tiveste nenhuma notícia dela. Ela não te disse que não vinha hoje?

— Não... falo com ela desde ontem. E não, não me disse que não vinha.

Julie acenou e eu senti uma vergonha súbita de a ter enganado. Queria falar-lhe das mensagens de e-mail que andava a receber, mas sabia que, se o fizesse, ela se meteria no assunto e já tinha problemas que me chegassem sozinho.

— Está bem — disse Julie. — De qualquer modo, tenho de ir a Seattle e acho que vou passar pelo apartamento da Penny. Se ela aparecer por aqui enquanto eu estiver fora, dizes-lhe que estou preocupada com ela?

— Claro, Julie.

— Obrigada — ela começou a virar-se. Dobrava-me para apanhar a pá quando ela disse:

— Oh, a propósito...

— O quê?

— O que era aquilo, ontem?

— Aquilo o quê?

— Quando eu vos interrompi e tu te passaste. Estavam a falar de quê?

— Passei? — disse eu, tentando, sem conseguir, parecer confuso. Sou um péssimo mentiroso. — Eu não me passei.

Julie não disse nada, mostrando, com um erguer de sobrancelhas, que não acreditava em mim.

— Não me passei — repeti. — A Penny só apareceu lá para dizer bom dia. Foi tudo.

— *Hmm* — fez Julie. Depois encolheu os ombros e deixou passar. — Bem, não te esqueças de lhe dizer que fui à procura dela...

Assim que acabei de tratar da fossa, decidi ir à cidade comprar alguns materiais para o telhado. Peguei nuns trocos e numa mochila do exército que encontrei numa das tendas que servia de armazém e parti estrada fora.

Estava um belo dia, límpido e quente, como se fosse verão. No Autumn Creek Café (um restaurante vegetariano em frente do Harvest Moon Diner) os empregados tinham posto algumas mesas no passeio, por isso sentei-me ao sol e tomei uma refeição ociosa. Dentro do café havia um rádio ligado, sintonizado num posto de notícias; quando estava a terminar a minha lasanha de espinafres, o apresentador anunciou que Warren Lodge estava a ser procurado pela polícia para ser interrogado, pois suspeitavam agora que ele, e não um puma, era o responsável pelo desaparecimento das crianças. Eram tão boas notícias que fiquei sentado à mesa mais vinte minutos, até repetirem a história, para que o meu pai pudesse ir ao púlpito e ouvi-la com os seus próprios ouvidos. Depois fui à loja de materiais de construção de Mill Street e comprei telhas.

Estava a atravessar a ponte leste, de volta à Fábrica, quando ouvi um carro aproximar-se. Pensei que era Julie, voltando mais cedo de Seattle, ou talvez um turista perdido, mas, quando olhei por cima do ombro, vi o Buick de Penny atrás de mim. Ainda me sentia tão feliz por causa das notícias sobre Warren Lodge que me esqueci de ficar confuso — ergui a mão para lhe acenar e, caso fosse Thread a conduzir o carro, ter-lhe-ia, provavelmente, feito sinal para parar, apanharia boleia e teria finalmente uma conversa com ela.

Mas não era Thread que conduzia, nem Penny. A alma atrás do volante do Centurion era uma que eu ainda não conhecia, pelo menos pessoalmente: a protectora da língua de trapos. O carro aproximou-se o suficiente de mim para eu distinguir claramente a expressão da protetora. Podia ver que ela — ou ele — estava enraivecida. Não simplesmente aborrecida, ou zangada, mas *enraivecida*.

— Oh, merda — disse Adam, e percebi que estava em sarilhos.

Parei de acenar e deixei cair o braço ao longo do corpo, depois virei as costas ao carro. O meu primeiro instinto foi correr, mas algo me disse que seria um má ideia, por isso percorri com passos rápidos o resto da ponte, cheguei ao passeio ao lado da estrada e voltei a abrandar, esperando que o Buick me ultrapassasse. Não o fez, pôs-se ao meu lado e acompanhou o

meu passo. Sentia a protetora a fitar-me, mas continuei a andar, olhando fixamente em frente.

Então a protetora tocou a buzina do Centurion e eu cedi ao meu primeiro instinto. Desatei a correr, o que se revelou não tanto uma má ideia quanto uma ação inútil. Com um guinchar de pneus, o Buick acelerou, ultrapassou-me e virou para o passeio, impedindo-me o caminho.

A protetora meteu a cabeça fora da janela e gritou: — Mete esse teu cu de merda imediatamente dentro da merda do carro, brochista, ou arranco-te a puta da cabeça e...

Adam gritou-me qualquer coisa — provavelmente: — Não entres no carro! — Mas eu já corria na direção da ponte. A protetora tentou novamente impedir-me a passagem, mas o Centurion não se portou tão bem em marcha-atrás e eu consegui chegar à ponte antes dele — e depois, em vez de a atravessar, atirei-me para um lado.

Não há caminho aberto para o fundo do Thaw Canal, apenas uma encosta rochosa e íngreme por onde, em partes iguais, escorreguei, debati-me e caí, o saco cheio de telhas a baterem-me com força na nuca e no pescoço. Também não há caminho aberto ao longo das margens do canal, por isso, em vez de tentar escapar ao longo da corrente, escondi-me sob o arco da ponte. Enfiado até aos joelhos na água gelada, ouvi o Buick em ponto morto quase por cima da minha cabeça, assim como o resmungar da protetora — tinha agora a certeza de era uma mulher — atravessando a ponte, jurando fazer-me toda a espécie de maldades se eu não aparecesse. Tapei a boca com a mão para impedir que os dentes batessem e tentei não espirrar.

Finalmente, a barulheira assustou um esquilo, ou uma marmota, que fugiu por entre a vegetação rasteira e a protetora pensou que era eu. Ordenou-lhe que voltasse para trás, *imediatamente, raios te partam!*, o que o animal não fez e, pouco depois, ela desistiu. Cuspiu mais algumas pragas, caminhou com grandes passadas pela ponte mais duas ou três vezes, depois saltou para dentro do Buick e partiu com um furioso guinchar de pneus.

O silêncio que caiu então foi quebrado pela voz do meu pai, falando do púlpito. — Temos de fazer uma reunião acerca disto.

A senhora Winslow abriu a porta da frente da casa vitoriana quando eu subia os degraus do alpendre.

— Andrew! — exclamou. — Que te aconteceu?

— É complicado — respondi.

— Bem, entra.

Seguia-a até à cozinha e sentei-me à mesa do pequeno-almoço. A se-

nhora Winslow fez café; eu tirei os sapatos e as meias e, por insistência dela, também as calças de ganga.

Ainda antes de o Adam me avisar que não o fizesse, percebi que não era capaz de contar à senhora Winslow tudo o que acontecera. Por mais que quisesse ser completamente honesto com ela, e por mais que quisesse discutir o assunto com alguém fora da minha cabeça, eu sabia que existiam elementos do que acontecera, como os e-mails ameaçadores, que a perturbariam demasiado. Fui, então, deliberadamente vago, dizendo apenas: — Estou a ter problemas com uma das pessoas do trabalho.

— Uma das pessoas... — a senhora Winslow franziu o sobrolho. — Queres dizer, a Julie?

— Não — respondi. — É uma programadora nova. Chama-se Penny.

— Que te fez ela? Atirou-te ao rio?

Ri-me nervosamente, embora me parecesse que, dada a minha condição molhada e enlameada, não fosse uma dedução surpreendente.

— Sabe que eu confio em si, senhora Winslow — disse eu. — Mais do que em qualquer outra pessoa. Mas acho que isto é uma coisa que eu, nós, precisamos de resolver sozinhos. O meu pai convocou uma reunião acerca do assunto e tenho a certeza que ele sabe o que fazer. Não se preocupe.

— Respeito a tua privacidade, é claro — disse-me ela, num tom que sugeria que era ela quem decidia com o que devia preocupar-se. — Mas... sei que não preciso de te dizer isto, Adam, se alguma vez precisares da minha ajuda — se tiveres de decidir deixar o teu emprego, por exemplo...

— Deixar o meu emprego! Porque faria isso?

A senhora Winslow lançou um olhar às minhas calças, a secar nas costas da cadeira.

— Se precisares de pôr alguma distância entre ti e essa tal Penny, por exemplo. Se o teu pai achar que é boa ideia.

— Oh...

— Não te preocupes com a renda, é só isso que quero dizer.

— Bem, obrigada, senhora Winslow. Tenho a certeza de que não chegará a esse ponto, mas aprecio o que disse. O meu pai também. E, por falar do meu pai... — pousei a caneca do café em cima da mesa. — Acho que está na hora de ir para a reunião.

A senhora Winslow assentiu.

— Cuidarei para que não sejam incomodados.

Pusemo-nos ambos de pé. A senhora Winslow pegou na minha caneca e, a caminho do lava-loiça, ligou a televisão. A voz de um apresentador de noticiário fez-me lembrar alguma coisa.

— Senhora Winslow? — disse. — Ouviu as notícias sobre o Warren Lodge?

— Ouvi — respondeu, sem parecer, nem de longe, tão feliz acerca disso como eu teria esperado. Então ela explicou: — A última notícia é que a Polícia não o consegue encontrar. Fugiu.

— Oh — disse eu. — Bem, tenho a certeza de que é só uma questão de tempo...

— Veremos — disse a senhora Winslow, compreensivelmente cética. — Agora tens de ir para a tua reunião, Andrew. Chamo-te para jantar daqui a algumas horas.

— Muito bem, senhora Winslow.

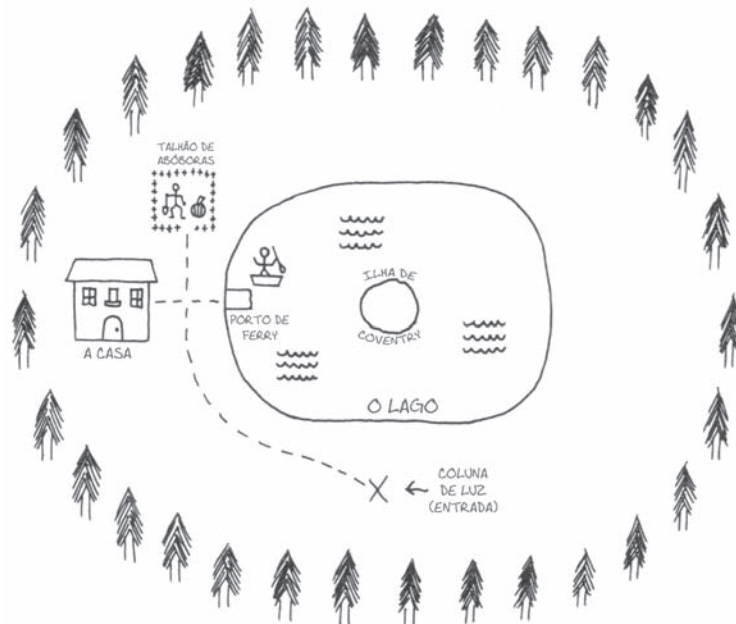
Alguém tem de gerir o corpo; isto é, sob muitos aspetos, um truísmo, mas não é literalmente verdade; é possível, embora geralmente não seja boa ideia, deixá-lo sem atenção. O truque é assegurar-se de que o corpo está num lugar seguro, onde, se começarem a acontecer coisas más, isso aconteça lentamente e com muitos avisos. Com isto em mente, preparei-me para a reunião doméstica, verificando cuidadosamente se no meu quarto havia alguma coisa acesa, cabos elétricos descarnados, estantes pouco sólidas, tigres fugidos do circo e outras fontes potenciais de catástrofe súbita. Embora eu troce disto, é um assunto sério: depois de uma memorável reunião realizada antes da construção da casa, o meu pai voltou ao corpo e encontrou um corvo a bicar-lhe o peito.

Quando eu e o meu pai ficámos satisfeitos com a inspeção de segurança feita ao quarto (com todas as janelas bem fechadas e trancadas) deitei-me na cama, arranjando uma posição confortável em cima do colchão.

Julie perguntou-me uma vez qual era a sensação de abandonar o corpo. «Contrais-te para dentro de ti próprio, flutuas para fora de ti, ou como é?» Depois de várias tentativas ineptas de lhe fornecer uma descrição, descobri este exercício que, embora não seja perfeito, pelo menos transmite a ideia geral: inclina a cabeça para trás o mais que puderes. Sentirás uma tensão nos músculos da parte de trás do pescoço que se torna rapidamente dolorosa. Imagina essa tensão a espalhar-se para fora, embrulhando-se em torno da tua cara e descendo para o tronco, braços e pernas, tornando toda a tua pele numa casca rijá como uma armadura. Agora, imagina-te a recuar para fora dessa armadura e a encontrares-te a ti próprio, não atrás do teu corpo, mas num sítio completamente diferente. Imagina tudo isto a acontecer entre dois batimentos cardíacos.

É mais ou menos assim. Ou, pelo menos, é assim para mim; de algumas trocas de ideias que fiz pela Internet, sei que alguns múltiplos têm uma experiência um pouco diferente — e, claro, o que acontece depois de cada um deixar o corpo depende de como for a sua geografia interna, algo que varia de pessoa para pessoa.

O mapa da geografia interna da cabeça de Andy Gage é assim:



O X no fundo do mapa marca o ponto onde eu apareci, ao lado da coluna de luz que é a conduta entre o interior e o exterior. A coluna de luz aterra na crista de uma colina, por cima da margem sul do lago; a partir daí, um caminho curva para oeste e norte em torno do perímetro do lago, acabando por se ramificar em três troncos. O tronco mais à direita leva a um cais na margem ocidental do lago; o do meio, segue a direito e vai ter ao talhão das abóboras; o tronco da esquerda sobe outra colina, mais larga, até à casa. A questão das distâncias torna-se, de certa forma, metafísica, e voltarei a ela, mas digamos, para já, que a extensão do caminho desde a coluna de luz até à porta parece ser de cerca de quilómetro e meio.

Cores, sons, cheiros, sabores e sensações táteis, são todos exatamente os mesmos, dentro e fora. A casa parece e dá a sensação de uma casa verdadeira; as colinas, rochas e árvores são como colinas, rochas e árvores verdadeiras. A única diferença óbvia somos nós, visto que, quando estamos no interior, não estamos a vestir o corpo — por isso, dependendo da altura da nossa alma, o nível do nosso olhar pode baixar ou subir.

A geografia tem um céu por cima, exatamente como o céu verdadeiro, com um Sol, uma Lua e estrelas. Os movimentos desses corpos celestes são todos controlados pelo meu pai que, na maioria dos casos, os mantém sincronizados com os seus congêneres do mundo real: em geral, quando é dia lá fora, é dia no interior; e o mesmo para a noite. A geografia também tem tempo atmosférico — também controlado pelo meu pai — que, defi-

nitivamente, *não* está em sincronia com o do mundo real, ou pelo menos com o do mundo real no Pacífico Noroeste: dia ou noite, o céu na cabeça de Andy Gage está quase sempre límpido, e nunca chove. Por vezes, na época de Natal, o meu pai apresenta uma breve tempestade de neve para Jake e os outros miúdos.

Quanto às leis da física que se aplicam à geografia... bem, é complicado. Dado que a geografia não existe na realidade, algumas coisas impossíveis no exterior são possíveis no interior — mas como eu estou acostumado a essas impossibilidades e as considero normais, é difícil fazer uma lista delas se pedirem. Uma impossibilidade a que já aludi, contudo, tem a ver com as distâncias no interior: são opcionais. Por dentro, quando queremos ir do ponto A ao ponto B, não é estritamente necessário passar através de todos os pontos intermédios, como quando se viaja entre o ponto A e o ponto B no mundo real. Por exemplo, se estivermos no cume da colina, ao lado da coluna de luz e quisermos chegar à casa, *podemos* chegar lá seguindo o caminho, mas não é preciso — se estivermos com pressa, ou não nos apetecer andar, podemos decidir que estamos em casa e, tão rápido como o pensamento, estamos lá.

Hoje eu não tinha assim tanta pressa, embora soubesse que os outros estavam todos à minha espera. Fiquei algum tempo no topo da colina, olhando para o outro lado do lago. Inevitavelmente, o meu olhar foi atraído na direção de Coventry, a ilha no lago onde Gideon estava preso. Não havia muito que ver: uma névoa erguera-se das profundezas da água a meio do lago, reduzindo a ilha a um perfil esbatido.

Disse que o meu pai controlava o tempo atmosférico no interior da geografia. Não controlava a neblina — não a convocava e não a fazia desaparecer. Pensando nisso, tornava-se claro que devia ser motivo de preocupação, mas como estava associada com o lago, mais do que, por exemplo, a floresta ou o talhão das abóboras, o meu pai decidiu considerar isto uma anomalia inofensiva e não um sinal de perigo potencial.

Tal como a coluna de luz, o lago é anterior à geografia. Originalmente, era uma espécie de vazio, uma área mais sombria no quarto escuro na cabeça de Andy Gage que, ocasionalmente, vomitava novas almas. No decurso da construção da geografia, o meu pai, não sei como, domesticou o vazio — fê-lo parecer-se com um organismo aquático, o que era melhor que ter um buraco negro aberto na paisagem, e também aprendeu a chamar para fora dele almas novas, como eu, quando queria. Mas nunca o dominou completamente. Visto que o lago continuava a ser, tecnicamente, uma entidade própria, o meu pai nunca considerou um ultraje que agisse segundo as suas próprias ideias e, por isso, não se preocupava quando o fazia. Como ele não se preocupava, eu também não — mas sentia-me curioso.

— Andrew — disse o meu pai, surgindo ao meu lado na colina.

Cumprimentei-o com um gesto, mas continuei a olhar para o outro lado da água, tentando obter um vislumbre claro de Coventry no meio da brancura.

— Agora há neblina mais vezes do que costumava haver? — perguntei. O meu pai não respondeu e percebi que começava a impacientar-se. Ainda assim, continuei. — Acho que agora é mais frequente. Na altura em que saí do lago, era raro...

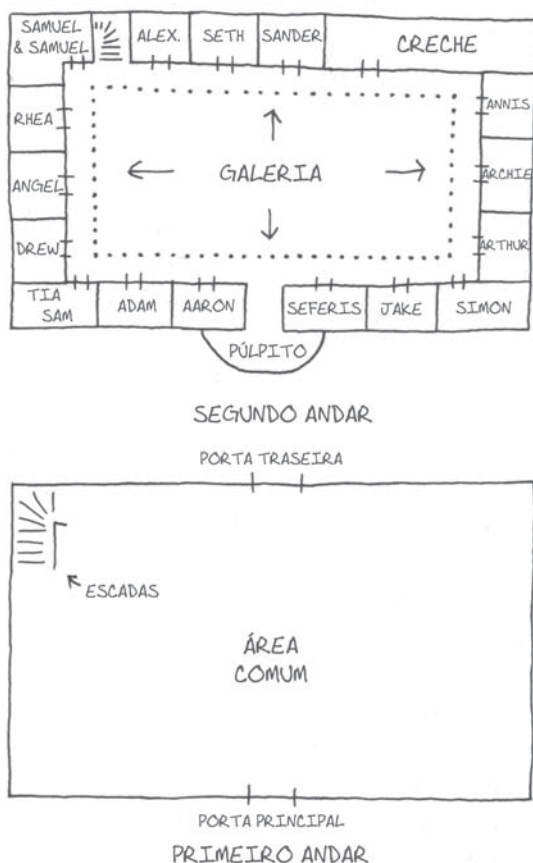
— Andrew.

— Está bem, eu sei: a reunião.

— Sim — disse o meu pai. — A reunião. Vamos lá.

E fomos. Pensámos estar em casa, e estávamos.

A planta da casa na cabeça de Andy Gage, é assim:



Como se pode ver, é uma estrutura bastante simples. O primeiro andar é uma grande sala comum. Uma escadaria no canto sudoeste conduz a uma galeria que dá para a sala comum dos quatro lados e dá acesso aos quartos e à creche. Um curto corredor a meio do extremo leste da galeria conduz ao púlpito.

Preparando a reunião, uma mesa comprida fora colocada a meio da sala comum. A mesa era mais larga de um lado que do outro e o meu pai, como chefe de família, tomou lugar do lado mais largo. Eu sentei-me à direita dele; Adam à esquerda. Os dois lugares seguintes do meu lado da mesa foram ocupados pela tia Sam e por Jake; Seferis sentou-se ao lado de Adam. Mais abaixo estavam Simon, Drew e Alexander; Angel, Annis, Arthur e Rhea; Sander, Archie, Seth e os dois Samuels; Silent Joe, o cozeiro; o capitão Marco. Muitos deles eram almas que, tal como o meu pai, se tinham cansado de lidar com o mundo exterior, e já quase nunca ocupavam o corpo. Silent Joe e o capitão nunca tinham estado lá fora; eram almas auxiliares, convocadas do lago pelo meu pai, para desempenharem funções específicas no seio da geografia.

Havia ainda mais almas nas galerias: as Testemunhas, montes delas. As Testemunhas eram aquilo a que os psiquiatras mal-educados gostam de chamar «fragmentos» — almas fragmentárias criadas por um evento traumático ou acto de abuso únicos. Encarnações vivas de uma memória dolorosa, pareciam criancinhas; muitas eram retratos vivos de Jake. Mas faltava-lhes a profundidade da personalidade de Jake; a maioria delas estivera lá fora apenas uma vez, no momento horrível que as criara. Tinham olhos tristes e raramente falavam. Era improvável que tivessem alguma coisa a acrescentar aos procedimentos, mas, como membros do agregado, permitiam-lhes que assistissem à reunião; ocupavam todo o varandim da galeria, algumas sentadas, outros de pé. Três almas auxiliadoras adultas circulavam atrás delas, prontas para as levarem rapidamente para a creche se ficassem aborrecidas ou perturbadas.

O meu pai descreveu a Ordem de Trabalhos.

— Estamos aqui — disse — porque o Andrew recebeu uma série de ameaças de um dos seus colegas de trabalho na Fábrica da Realidade. E como algumas foram ameaças físicas contra o corpo, afetam-nos potencialmente a todos... — prosseguiu, descrevendo aquilo que tinha vindo a acontecer com Penny. Quando acabou, mais de metade das Testemunhas tinham desaparecido da galeria, e um par de almas à mesa haviam ficado histéricas. Quando chegou à parte em que a protetora me perseguiu no Buick, Annis tapou os ouvidos com as mãos e correu lá para cima, para o seu quarto, e um momento depois Arthur saiu pela porta das traseiras em direção à floresta, provavelmente para libertar alguma tensão cortando

lenha. O meu pai aceitou tudo isto com calma; tais reações eram perfeitamente normais numa reunião doméstica. — ... então, é isto que tem vindo a acontecer — concluiu, — e agora temos de discutir o que deve ser feito.

Simon ergueu a mão. — Até que ponto é a Penny Driver perigosa? — perguntou. — Seria mesmo capaz de magoar o corpo?

O meu pai virou-se para Adam.

— A alma que vimos hoje é capaz de verdadeira violência — disse este. — Eu e o Seferis temos a certeza disso. Não acreditamos que queira, de facto, magoar-nos, mas pode fazê-lo, se ficar suficientemente zangada.

— Bem, então, — disse Simon, olhando diretamente para mim, — *alguém* tem de avisar a Polícia. Não há razão nenhuma para tolerarmos a mera possibilidade de violência.

Algumas das outras almas em torno da mesa emitiram murmúrios de aprovação.

— Andrew? — disse-me o meu pai.

— Acho que não precisamos de envolver a Polícia — disse eu, sobresaltado com a sugestão. — Quero dizer, é verdade que aquilo que aconteceu hoje foi perturbador, mas acho que o Adam tem razão, a intenção não era magoar-nos. É só que... eles querem ajuda. Não é para nos magoarem, nem para nos fazerem sentir mal. As almas da Penny querem ajuda e, bem ou mal, estão convencidas de que podemos ajudá-las, e parece-me que estão um bocadinho desesperadas por causa disso.

— Isso não justifica ameaças! — exclamou Simon. — Ou fazer perseguições com carros.

— Nós precisámos de ajuda — recordei-o. — Vais dizer-me que nunca fomos tão exigentes que assustássemos alguém?

— Que estás a sugerir, Andrew? — perguntou o meu pai. — Estás a dizer que devemos fazer vista grossa ao... desespero da Penny... e tentar ajudá-la?

— Bem...

— Porque não é assim que tens agido. Tens agido como se não quisesse ter nada a ver com ela.

— Eu sei — respondi. — Mas talvez a coisa justa seja, se pudermos arranjar-lhe alguma ajuda, pelo menos pô-la na direção correta...

— MENTIROSO! — o grito de Adam pôs mais uma dúzia de Testemunhas em fuga. — Talvez a coisa *justa*, — troçou ele. — Não se trata aqui do que é justo ou do que é simpático — a verdade é que te estás nas tintas para a Penny. É tudo por causa da *Julie*.

— Oh, caramba — disse o Simon. — Outra vez *essa*...

— Não se trata só da Julie — protestei. — Penso honestamente que...

— Oh, não se trata *só* da Julie. Então admites...

— Adam! Andrew! — gritou o meu pai. — Parem os dois...

— Tenho uma sugestão — disse a tia Sam. O seu tom de voz interrompeu o tumulto, calando-nos a todos ao mesmo tempo. — Acho — disse a tia Sam — que devíamos falar com a Dra. Grey.

Jake, que estivera a remexer-se pouco à vontade no seu assento durante a maior parte da reunião, endireitou-se e disse:

— Isso, isso. Vamos falar com a Dra. Grey!

Mas o meu pai não estava assim tão satisfeito com a ideia.

— A Dra. Grey está reformada — recordou à tia Sam. — Ela não está bem.

— Mas não está *morta* — retorquiu a tia Sam. — Já é mais que tempo de lhe fazermos uma visita, seja como for, só por cortesia — há mais de um ano que não a vemos. E tenho a certeza de que ela não se importaria de nos dar um conselho. Talvez até queira conhecer pessoalmente a Penny.

— Isso não é adequado. Não se pode aparecer em casa de alguém e pedir-lhe...

— Acho que é uma ótima ideia — disse eu. — A parte acerca de ir visitá-la, quero dizer. A tia Sam tem razão, ela podia aconselhar-nos. Quero dizer, quem melhor do que ela?

— Andrew...

— Podíamos ir visitá-la amanhã. Telefonávamos-lhe esta noite, e viamos se estava livre.

— Amanhã é sexta-feira — disse o meu pai. — Tens de ir trabalhar.

— Mas não vale a pena ir para a Fábrica se é para andar a brincar às escondidas com a Penny. A Julie não se importa se eu tirar o dia de folga — pelo menos, não se importará depois de saber que estamos a tentar arranjar ajuda para a Penny.

— Não me agrada esta ideia — disse o meu pai. — Eu...

Do outro extremo da mesa, Drew interveio subitamente:

— Se formos visitar a Dra. Grey amanhã, podemos parar no Aquário, no caminho para casa?

— Oh! — exclamou Jake, balançando-se na cadeira. — E na loja de brinquedos Magic Mouse? Fica praticamente em caminho!

Isso abriu as comportas. Quaisquer reservas que o meu tivesse acerca de visitar a Dra. Grey tiveram de aguardar, enquanto metade das almas da mesa lançavam sugestões para possíveis excursões adicionais. O meu pai rejeitou-as a todas, mas, quando terminou, a visita em si mesma tornara-se um facto estabelecido.

— Muito bem — cedeu. — Muito bem. Vamos visitar a Dra. Grey.

— E *talvez* a loja de brinquedos Magic Mouse, — acrescentou Jake, com pouca vontade de desistir.

A reunião acabou pouco depois. Quando voltei ao corpo, a senhora Winslow batia à porta do quarto.

— Andrew?

— Sim, senhora Winslow? — sentei-me rapidamente, vendo as horas no relógio da mesa-de-cabeceira. Eram quase cinco.

— Tens uma chamada — disse.

— É a Julie?

— Não. A Julie telefonou antes, mas disse-lhe que tu não podias atender. Esta pessoa não quer dizer o nome, mas insiste muito em falar contigo.

Umm.

— Andrew, queres que me livre dela?

— Não — respondi, rodando as pernas para fora da cama. — Não, eu trato disto... — saí para a sala de estar. — Peço desculpa por isto. Espero que ela não lhe tenha dito nada de terrível...

— Tem um vocabulário colorido — admitiu a senhora Winslow. — Mas nada que eu não tivesse já ouvido.

O telefone estava numa prateleira no corredor lateral. Em posição de destaque, por cima dele, encontrava-se uma lista de números de emergência: centro de envenenamento, hospital, bombeiros, polícia e FBI.

Peguei no telefone.

— Está lá? — disse.

Nenhuma resposta. Mas a linha não tinha caído.

— Está lá? — agora ouvia respirar. Comecei a ficar zangado.

— Quem é? Como se chama?

— *Filho da puta* — sussurraram antes de desligar.

Pousei o auscultador. A senhora Winslow, que estivera a ouvir da porta da cozinha, avançou e parou ao meu lado.

— Andrew — disse, apontando a lista dos números de emergência. — É preciso telefonar a alguém?

— Sim — respondi. — Mas não à Polícia. À Dra. Grey.

— Oh... está bem, espera um pouco. Acho que tenho o número dela na agenda, lá em cima.

— Não é preciso — disse-lhe, voltando a pegar no auscultador. — Tenho a certeza que o meu pai ainda o sabe de cor.

Caía uma chuva miudinha no dia seguinte, quando subi a Olympic Avenue para ir ao apartamento de Julie, mas não me importei. Tinha o meu guarda-chuva, e o ar frio e húmido a bater-me nas bochechas ajudou a manter-me acordado. Eram aproximadamente 5h45.

Não era só a hora matutina que me fazia bocejar. As almas de Penny tinham telefonado mais duas vezes na noite anterior, uma vez por volta das nove e outra já depois da meia-noite. O telefonema das nove foi feito por Thread, ao princípio. Foi a senhora Winslow que atendeu e foi ao meu quarto perguntar: — Conheces alguém chamado T?

Mas, assim que peguei no telefone, Thread só conseguiu gaguejar:

— Senhor Gage? — antes de a protetora da língua de trapos chegar, ferindo-me os ouvidos com um chorrilho de pragas e ameaças e desligando antes de eu poder proferir uma palavra.

A chamada depois da meia-noite foi feita pela Língua de Trapos desde a primeira sílaba. Por mera sorte, fui eu que atendi e não a senhora Winslow. Estava com dificuldade em adormecer e ia à cozinha arranjar um copo de leite quente; o telefone tocou exatamente quando eu passava e atendi a meio do primeiro toque. Levei o auscultador ao ouvido, ouvi as palavras «puta brochista» e desliguei imediatamente. Esperei quinze segundos para ter a certeza de que a ligação caíra, depois deixei o auscultador fora do descanso o resto da noite. Porém, depois disso, o leite quente não ajudou muito.

Pelo menos, a chamada que eu fizera ao fim da tarde corra bem. Não tivera problemas em contactar a Dra. Grey, e ela disse que gostaria de me ver. Parecia bem: a voz dela soava forte, só um pouco arrastada.

Pensei em telefonar também a Julie, para lhe dizer que não ia trabalhar, mas percebi que isso implicaria mais explicações do que as que estava na disposição de fornecer. Então, decidi levantar-me mais cedo no dia seguinte e deixar-lhe uma nota a caminho da cidade. Claro que isto também servia como desculpa para passar pelo apartamento de Julie, o que, segundo Adam, era a verdadeira razão.

Ao longo do primeiro ano em que a conheci — o primeiro ano da minha vida — frequentava muito a casa de Julie; normalmente saía com ela do trabalho e deixava-me ficar horas por ali. A certa altura, essas visitas tornaram-se diárias, por isso era quase como se eu estivesse lá a viver — até tinha uma chave — e, de facto, chegámos a falar em partilhar uma casa.

Então, as coisas mudaram. Durante muito tempo, o apartamento de Julie esteve-me interdito, embora eu continuasse a vê-la todos os dias no trabalho. Mesmo depois de a interdição das visitas ser levantada e eu ter autorização para lá ir, as coisas não voltaram a ser iguais. Tendo-me tornado indesejado uma vez, temia que isso acontecesse segunda vez e não conseguia relaxar, mesmo quando a Julie me convidava.

Então, aconteceu uma coisa engraçada. Pensar-se-á que o único objetivo de visitar uma pessoa é passar tempo com essa pessoa, não é verdade? Eu pensá-lo-ia. Mas então, por mais que eu gostasse de ir ao apartamento de Julie, só me sentia verdadeiramente confortável para desfrutar das visitas se ela não estivesse lá. Como daquela vez, três meses antes, quando Julie estivera fora da cidade uma semana e me pedira para lhe regar as plantas: todos os dias, depois de cuidar das plantas, ia sentar-me um momento no quarto dela e sentia-me feliz. O que não fazia sentido, pois, na sua ausência, o quarto de Julie é só um espaço. Mesmo assim, sentia-me feliz ali, porque me recordava de como eram as coisas quando tínhamos sido quase companheiros de casa. De quando as minhas visitas ainda eram casuais e eu não tinha medo de me tornar indesejado.

Por isso, talvez Adam tivesse razão: talvez a verdadeira razão para eu ter decidido deixar uma nota a Julie fosse poder assim ir ao seu apartamento enquanto ela ainda dormia, e «visitá-la» sem sentir que estava a impor-me.

O apartamento de Julie era um sótão convertido, numa casa particular de três andares. Para lá chegar era preciso, com o coração nas mãos, subir uma escadaria exterior, uma espécie de escadas de emergência em madeira, fixadas de forma não muito segura à parede lateral do edifício. A maçaneta da porta ao fundo desta escadaria coberta tinha desaparecido. Já desaparecera havia pelo menos seis meses e, embora Julie estivesse sempre a dizer que ia pôr uma nova, até agora o mais próximo que chegara fora passar uma corda pelo buraco, com um nó em cada ponta. Uma caixa de correio de lata estava pregada ao interior da porta. Podia ter só atirado para lá a minha nota, mas disse a mim mesmo que talvez Julie não a visse — afinal, não havia razão nenhuma para abrir a caixa do correio logo de manhã. Era melhor metê-la por baixo da porta do apartamento.

Subi as escadas, que rangeram e chiaram omniosamente a cada passo. Chegar ao topo era apenas um alívio parcial. Havia uma fresta de cinco centímetros entre o patamar e a porta do sótão, por isso, se olhássemos para baixo ao entrar no apartamento viam-se as tampas dos caixotes do lixo do senhorio três andares abaixo.

Não fazia mal; não tenho medo das alturas. Preocupava-me, sobretudo, que o ranger das escadas acordasse Julie. Mas, parado no patamar, não ouvi o som de qualquer movimento dentro de casa. Decidi ficar ali

um pouco mais à escuta e, enquanto o fazia, lembrei-me com satisfação daquele dia de inverno, do primeiro ano em que nos conhecemos, quando tínhamos arrastado uma árvore de Natal por aqueles mesmos degraus, e...

— Ooooh — murmurou Adam do púlpito. — Ooooh, querida... sim, sim... mesmo aí! Ooooooh!

— Adam — murmurei asperamente. — Adam, para com isso.

— Ooooh, querida... ooooh, sim, *oh...* sim...*sim...* *SIM!*

— Para com isso, Adam!

— Paro quando *tu* parares — disse Adam. — Para de perder tempo aqui e entrega esse maldito recado!

— Está bem, está bem... — agachei-me e introduzi a nota por baixo da porta. Então, em vez de me levantar, dobrei-me mais, colocando as mãos espalmadas no chão e baixando a cabeça até o meu olho direito ficar ao nível da fresta. Podia ver a minha nota, em segurança, do outro lado, e a ponta felpuda do tapete da entrada, um par de botas da Julie, e...

A voz do meu pai: — *Andrew*.

— Está bem, está bem — disse eu. Pus-me de pé e saí dali.

Apanhei o autocarro metropolitano das 6h05 para Seattle; com paragens intermédias e, à hora de ponta, levei cerca de uma hora a chegar à cidade. Nessa altura já ia bastante enjoado do autocarro, por isso abri o guarda-chuva e dei um passeio em torno da Pioneer Square antes de me dirigir ao cais. Com, aparentemente, metade das almas da casa aglomeradas no púlpito para verem as vistas, não me faltaram sugestões de montras.

Às 7h50 apanhei o State Ferry para Bainbridge Island. A travessia demora trinta e cinco minutos e, visto que era um dia invulgar, e não há muitos sarilhos em que possamos meter-nos dentro de um barco, o meu pai suspendeu as normas habituais da casa e deixou Seferis, a tia Sam, Simon, Drew e Alexander ficarem, cada um, um bocadinho no corpo. Drew e Alexander contentaram-se com uma simples volta para ver as montras da Sound. Seferis, que perdera o seu exercício matinal, saltou para o convés e fez flexões. A tia Sam foi ao bar do barco e tentou cravar um cigarro ao empregado — podia ter-se safado, se o meu pai não estivesse no púlpito a observá-la. Finalmente, foi a vez de Simon. Nessa altura, estávamos quase a chegar à ilha e, apesar de ainda choviscar lá fora, Simon decidiu sair para o convés descoberto — sem guarda-chuva — e observar a atracagem.

Molhado e a tremer, desembarquei. Caminhei alguns quarteirões até ao Streamliner Diner, onde tomámos o pequeno-almoço. Foi muito menos eficiente e muito mais caro que uma das refeições da senhora Winslow: pedi duas entradas, quatro acompanhamentos e três bebidas. A maior parte da comida, claro, ficou nos pratos, mas mesmo assim, quando terminámos, eu estava empanturrado.

Eram agora quase nove e vinte. Subi a rua até uma casa de máquinas de jogos e deixei Jake e Adam gastarem cada um o seu dólar a jogar. Enquanto Adam se entretinha com o *Mortal Kombat*, o Sol despontou, por isso, depois de ele decapitar o seu último adversário, fomos ver mais algumas montras.

Finalmente, às dez horas, apanhei outro autocarro para Poulsbo, a cidade na Liberty Bay onde vivia a Dra. Grey, e onde, antes de sofrer o enfarte, costumava dar consultas. Passei rapidamente por uma florista para lhe comprar um ramo de margaridas e às cinco para as onze estava em casa dela.

Pode parecer um caminho muito longo para ir fazer terapia. Mas o meu pai fazia esta viagem regularmente, pelo menos uma vez por semana, quando não duas vezes por semana, se o trabalho lho permitisse. Tinha de o fazer.

Estatisticamente, o indivíduo típico com personalidade múltipla passa por cerca de oito psiquiatras antes de lhe fazerem o diagnóstico correto. E isso é só metade da história. Mesmo depois de ser corretamente diagnosticado, poderá ter de passar por *outros* oito psiquiatras até encontrar um que saiba tratar convenientemente o problema.

A metáfora terapêutica clássica para um paciente com desordem de personalidade múltipla (ou desordem de identidade dissociativa, como lhe chamam agora), é a de um vaso partido. A metáfora sugere um remédio óbvio: pegar nas peças, num pouco de cola, e colar o vaso. Ou, em termos humanos, identificar todos os fragmentos da personalidade original e, usando a cola da terapia falada, da hipnose e dos medicamentos, reintegrá-los num todo uno e unido. Estão a ver, como em *Sybil*.

O único problema com este cenário é que a metáfora é deficiente. Pode-se quebrar um vaso, enterrá-lo durante vinte anos, desenterrá-lo e voltar a colá-lo perfeitamente. Pode-se fazer isso porque o vaso, para começar, está morto, e as suas partes são inertes. Mas as almas humanas não são feitas de porcelana. Estão vivas e, na natureza, as coisas vivas mudam; e continuam a mudar mesmo depois de serem feitas em pedaços.

Por isso, esqueçamos o vaso. Pensemos em vez disso numa roseira, despedaçada por uma tempestade. Os ramos estão espalhados por todo o jardim, mas não se limitam a ficar ali, voltam a ganhar raízes e tentam crescer, o que não é tão fácil, agora, que estão a competir uns com os outros por espaço e luz. Mesmo assim, conseguem — a maioria deles consegue — e acabamos, dez ou vinte anos depois da tempestade, não com uma roseira mas com um conjunto delas. Algumas estão bastante atrofiadas, talvez sejam todas mais pequenas do que seriam se tivessem tido, cada uma, o seu próprio jardim. Mas são mais, muito mais, do que simples peças de um puzzle.

O remédio sugerido pela metáfora do vaso partido não funciona com a metáfora da roseira. Voltar a transformar um jardim de rosas numa única roseira exige mais do que juntar os pedaços e colá-los: exige poda e corte de raízes, limpeza, e aquilo com que acabamos no final não é a roseira original, mas uma paródia da mesma, realizada pelo Frankenstein. E talvez nem sequer se chegue tão longe: as roseiras pequenas nem sempre reagem bem ao facto de serem canibalizadas.

O meu pai aprendeu isto da pior maneira. O Dr. Kroft, psiquiatra de Ann Arbor, Michigan, o primeiro psiquiatra a diagnosticar-lhe a Desordem de Personalidade Múltipla em 1987, acreditava firmemente na metáfora do vaso partido. Juntos, passaram quatro anos a tentar a fundir o meu pai com as outras personalidades na cabeça de Andy Gage. As únicas reintegrações que foram parcialmente bem-sucedidas foram com as Testemunhas; ao descarregar — aliviando mentalmente — o incidente de abuso que criou uma Testemunha particular, o meu pai podia por vezes fazer suas as memórias dessa Testemunha e assim absorvê-la. Mas o processo era extremamente traumático e nem sempre resultava. Quanto às tentativas de absorver almas mais complexas, como Simon ou Drew, não só foram completos fracassos, como provocaram períodos de caos e de tempo perdido.

Foi na sequência de um desses períodos caóticos, quando o meu pai acordou numa ala fechada de observação no Centro Psiquiátrico de Ann Arbor, que começou a considerar a possibilidade de os métodos do Dr. Kroft não serem adequados. Quando saiu da enfermaria, o meu pai teve uma longa discussão com o Dr. Kroft acerca de opções alternativas de tratamento. O médico insistia em que não havia outras opções: a única possibilidade era a reintegração, ponto final. O meu pai, perdendo a cabeça, sugeriu que a «fixação» do médico na reintegração era uma forma de projecção.

Foram palavras terríveis. O Dr. Kroft era amputado; uma antiga estrela do futebol americano que perdera uma perna num acidente ao conduzir embriagado; o meu pai estava a sugerir que a sua estratégia de tratamento era uma forma de se compensar por não se poder colar a *si próprio*. Como o meu pai viria a admitir, esta acusação era indesculpavelmente agressiva, por mais frustrado que ele se sentisse na altura. O Dr. Kroft era da mesma opinião: retaliou, reenviando o meu pai para a ala de segurança.

Quando de lá saiu pela segunda vez, decidi partir de Michigan. Ouvira dizer que a Costa Oeste era o melhor lugar para tratamentos inovadores de saúde mental, por isso mudou para Seattle onde, naturalmente, encontrou muitos psiquiatras «inovadores». Acabou por conhecer vários.

Houve o Dr. Minor, que acreditava que a maior parte dos casos de personalidade múltipla resultavam, não do abuso normal de crianças, mas de abuso *ritual* perpetrado por uma conspiração, à escala nacional, de cul-

tos satânicos. Houve o Dr. Bruno, que se dedicava à regressão a vidas passadas. O Dr. Whitney que, complementando a sua prática médica regular, dirigia um grupo de apoio às vítimas de abuso sexual por parte de extraterrestres. E ainda houve o Dr. Leopold, que recomendava a litigação como complemento da psicoterapia.

— Processe os seus pais — aconselhou na primeira sessão. — Nunca recuperará a sua sensação de «eu» enquanto não se vingar dos sacanas que lhe fizeram isto.

Uma coisa que todos estes inovadores tinham em comum era que, como o Dr. Kroft, defendiam a metáfora do vaso partido. Quer acreditassem que a multiplicidade era culpa dos adoradores de Satã ou um efeito secundário de ser esquartejado numa vida anterior, todos concordavam que Andy Gage não ficaria curado enquanto não voltasse a ser uma alma única. Como o Dr. Whitney, o psicoterapeuta de violação interplanetária, explicou: — É claro que tens de te reintegrar! Não queres ser *normal*?

O meu pai estava prestes a desistir quando, um dia, na primavera de 1992, passou pela biblioteca pública de Seattle e descobriu um manual de autoajuda chamado *Guia Prático para viver com a Desordem de Personalidade Múltipla*. O guia, escrito pela Dra. Danielle Grey (uma autora local, de acordo com a etiqueta na capa) tratava a multiplicidade como uma condição com que se podia lidar e não como uma patologia que exigia cura. «A dificuldade principal que as pessoas com múltipla personalidade enfrentam», escrevera a Dra. Grey no prefácio, «não é serem anormais; é serem disfuncionais. A multiplicidade, em si mesma, não é mais problemática que ser canhoto. Perder a noção do tempo, ser incapaz de manter um emprego ou uma residência estáveis, precisar de listas pormenorizadas só para fazer as tarefas quotidianas — *esses* são os problemas. Mas são problemas que um lar múltiplo bem organizado, agindo em cooperação, pode aprender a ultrapassar.»

Embora a Dra. Grey não chegasse a dizer que a reintegração nunca era um objetivo apropriado no tratamento, deixava claro que a considerava, quando muito, uma prioridade insignificante. O importante era eliminar a confusão que resultava das mudanças não controladas: impor ordem. Se a pessoa acabava com uma personalidade, dez ou cem, era outra questão.

Seria um eufemismo dizer que as opiniões da Dra. Grey tinham sido mal recebidas pelos seus pares. Mas, para o meu pai, o *Guia* caíra do céu, e ele teria viajado uma distância muito superior que a que o separava de Poulsbo para conhecer a Dra. Grey em pessoa.

A casa da Dra. Grey era ao estilo *Craftsman*, de dois andares, que ela própria desenhara e construía, o que era muito apropriado. Bati à porta e a

sua companheira, Meredith, veio abrir. Elogiou a minha escolha das flores e pediu-me que esperasse no salão.

— A Danny ainda está a arranjar-se lá em cima — explicou. — Demorará alguns minutos.

Meredith levou as margaridas para as pôr em água e eu fui para o salão. Era esta a sala que a Dra. Grey usava para as consultas com os pacientes e onde falara pela primeira vez com o meu pai acerca da ideia de construir uma geografia na cabeça de Andy Gage.

A sala era grande e clara, com candeeiros antigos, uma lareira a gás a funcionar e janelas altas que se podiam abrir completamente, deixar ligeiramente tapadas com as cortinas ou completamente fechadas, de acordo com a vontade do paciente.

Uma mesa de café em carvalho estava ao centro do salão, rodeada de maneira desorganizada por uma cadeira demasiado almofadada, com um banco para os pés, uma cadeira de encosto direito, uma cadeira de baloiço almofadada e um sofá confortável, suficientemente grande para uma pessoa se deitar. Havia dois livros em cima da mesa. Um deles era o *Guia* da Dra. Grey. O outro, que eu não conhecia, tinha a ilustração de um espelho partido na capa. As peças do espelho eram feitas de um qualquer material brilhante que era mesmo refletor, por isso, quando se pegava no livro e se olhava para ele, via-se o nosso próprio rosto, em fragmentos. O título era *Através das Mentis Fragmentadas*, e o autor era o Dr. Thomas Minor.

— Santo Deus — disse o meu pai do púlpito. — Esse monte de merda, não. — Não percebi se se referia ao livro ou ao seu autor.

— É o mesmo Dr. Minor onde tu ias? — perguntei-lhe.

— Sim. Esse livro está esgotado, graças a Deus.

— Parece novo — observei. Abri-o no primeiro capítulo e li um parágrafo ao acaso.

O meu primeiro diagnóstico da Theo foi o de uma neurótica clássica — uma rapariguinha rica e mimada que, depois de espatifar uns quantos milhares de dólares aos pais em terapia, se aborreceria da psicanálise e decidiria, tardiamente, crescer e enfrentar a vida, como todos temos que fazer. Essa era a minha previsão para o futuro; mas no presente, ela revelava-se uma verdadeira dor de cabeça.

Fiquei perplexo.

— Este homem é um psiquiatra profissional?

— Ainda se torna pior — disse o meu pai. — E esse é só o primeiro livro dele, o único que escreveu antes de descobrir a conspiração satânica.

Fora do salão, ouvi um motor roncar: um elevador para cadeiras de rodas que trazia a Dra. Grey para baixo. O elevador deteve-se um momento depois; houve um breve silêncio, um grunhido prolongado, um estrondo, e ouvi a Dra. Grey dizer — *Ah! Raios*. Ouvi passos que corriam das traseiras da casa. Meredith disse:

— A porta está outra vez encravada?

Depois, ouvi falar as duas.

— Posso resolver isto sozinha...

— Deixa-me só...

— *Raios*, Meredith!

— Danny, deixa lá...

— Está bem, está bem!

— Roda para trás cinco centímetros enquanto eu...

— Despacha-te!

Até que finalmente houve um segundo estrondo e a Dra. Grey disse: — Já está bom, sai daqui.

Outro motor, mais pequeno, começou a gemer e a cadeira de rodas da Dra. Grey entrou graciosamente no salão.

— Andrew! — saudou-me, e eu tentei mostrar-me surpreendido, como se não a tivesse ouvido chegar.

Na verdade, não foi assim tão difícil mostrar-me surpreendido; a aparência dela foi um choque. A voz era clara e forte, como disse, e os olhos brilhavam como sempre, mas perdera muito peso. Quando me dobrei para a abraçar, o corpo dela era só peles flácidas e arestas ossudas. E envelhecera. No ano que passara desde a última vez que a vira, parecia ter mais dez anos de rugas, e o cabelo, outrora castanho, tornara-se da cor do seu apelido, cinzento.

— Ah — disse, quando me endireitei do abraço. — Vejo que encontraste os gatafunhos do Dr. Minor.

— Pois — confirmei, olhando para o livro na minha mão. — O meu pai pensava que já não era reeditado.

— Mas é. Essa é uma cópia de análise que o Minor me enviou. É a sua forma de se gabar.

— Oh. Isso é falta de educação.

A Dra. Gray emitiu um resmungo de concordância.

— Seja como for, senta-te! — apontou para o sofá. — Senta-te, põe-te confortável. Deixa-me cumprimentar a família.

— Claro — sentei-me no sofá e retirei-me para o púlpito, para que os outros pudessem cumprimentá-la. Já o esperava, e era delicado, mas subitamente desejei poder saltar aquela parte. Estava ansioso para falar com a Dra. Grey acerca de Penny e preocupava-me que os outros a cansassem

antes de ter oportunidade. A nossa última visita tivera de ser interrompida porque a Dra. Grey ficara subitamente exausta.

Tivera o enfarte em janeiro de 1995, quando o meu pai dava os retoques finais na geografia da casa — um momento potencialmente desastroso. Ainda não percebi bem como é que o meu pai suportou o choque, embora saiba que a capacidade de previsão da própria Dra. Grey teve muito a ver com isso. Um dia depois de ela ser levada para a urgência, o meu pai foi visitado pelo Dr. Eddington, um colega simpático da Dra. Grey, de Fremont, que lhe deu as más notícias e se ofereceu para terapeuta de trauma. O Dr. Eddington também trouxera uma carta escrita previamente pela Dra. Grey, que dizia mais ou menos o seguinte: se estiveres a ler isto, é porque algo de terrível me aconteceu; mas não quero que nada de terrível te aconteça, por isso, por favor, tenta ser forte e aceita a ajuda do Dr. Eddington.

O meu pai foi forte; acabou a casa sozinho e convocou-me do lago, exatamente como planeado. Pelo menos, essa foi a versão oficial. A Dra. Grey, entretanto, permaneceu acamada por alguns meses; quando a conheci, cerca de uma semana depois de nascer, ainda tinha dificuldade em articular frases, e embora tivesse melhorado bastante nos tempos que se seguiram, tornou-se logo claro que nunca recuperaria totalmente.

A coisa mais triste acerca do AVC, além dos danos que provocara ao corpo e à mente da Dra. Grey, foi o efeito que teve no relacionamento dela com o meu pai. Foi uma coisa que não compreendi bem e que o meu pai se recusou a discutir comigo. Ao princípio, pensei que seria demasiado doloroso para ele ver a sua boa amiga tão debilitada, mas depois percebi que não podia ser isso. O meu pai nunca mostrara quaisquer problemas em visitar a Dra. Grey no hospital, quando ela estava pior. Foi só depois de ela sair do hospital que se mostrou relutante em visitá-la ou telefonar-lhe — cada vez mais relutante, mesmo quando ela voltou a ser capaz de ter conversas a sério. A minha teoria atual é que essa relutância resultava de uma combinação de culpa e medo: culpa porque, enquanto paciente da Dra. Grey, contribuíra para a sobrecarga de trabalho que lhe causara o AVC; e medo de que, enquanto seu ex-paciente, mesmo fazendo-lhe uma visita estritamente amigável, de alguma forma lhe causasse outro.

Mesmo agora, estava a conter-se. Em vez de correr para ser o primeiro a cumprimentá-la, o meu pai deixou todas as outras almas irem à frente dele. Quando, finalmente, chegou a sua vez, fez-lhe um cumprimento breve e — foi doloroso vê-lo — de uma polidez quase sem emoção. Quando a Dra. Grey sugeriu que ele mandasse os outros embora do púlpito, para poderem ter uma conversa privada, o meu pai pediu-lhe para não o fazerem, porque não queria abusar das suas forças. Eu devia ter ficado contente com isto, mas, na verdade, fiquei desapontado. A Dra. Grey também ficou desa-

pontada: cerrou os lábios e parecia prestes a insistir numa conversa privada, mas antes de o poder fazer, Meredith entrou no salão com um tabuleiro de iguarias e o meu pai aproveitou a distração para me devolver o corpo.

— Olha, Aaron... — disse a Dra. Gray enquanto Meredith arranjava espaço para o tabuleiro em cima da mesa do café.

— Desculpe, sou eu — expliquei. — Ele já voltou para dentro.

— Raios! Diz-lhe que...

— Não são bonitas? — perguntou Meredith, erguendo uma jarra do tabuleiro.

— *Hmm?* — disse a Dra. Grey com maus modos. Quando viu as margaridas, acalmou-se. — Sim — disse. — São bonitas. — Olhou para mim. — Foste tu que as trouxeste? — Fiz que sim. — Muito simpático — disse ela, — muito atencioso, Andrew — o olhar dela vagueou para o tabuleiro. — Queres um bolinho?

— Não, obrigado — respondi. — Na verdade, estou bastante cheio. Talvez coma um mais tarde.

— Tu é que sabes, — olhou significativamente para Meredith, que tirou uma chávena de *expresso* do tabuleiro e a encheu de um bule especial. A Dra. Grey tomou o café aos golinhos, como se fosse um medicamento.

— Outro — pediu, e Meredith serviu-lhe uma segunda chávena, que a Dra. Grey também bebeu. Depois resmungou: — Já chega — e recusou a oferta de Meredith de uma terceira chávena. Meredith recolheu a chávena e saiu do salão.

— Então, Andrew — disse ela. — Disseste ao telefone que andavas a ter problemas com uma mulher. É... — fez uma pausa, concentrando-se. — Julie, não é?

— Sim, Julie Sivik — confirmei. — É minha patroa. Mas não é com ela que estou a ter problemas.

— Mas estavas, não estavas? — Os olhos dela ficaram distantes, recordando. — A última vez que estiveste aqui? Estavas obcecado por ela...

— Bem, mais ou menos, mas...

— Ela, de certa forma, deu-te ilusões românticas, mas depois mudou de ideias e tu estavas com dificuldade em aceitar isso.

— Sim. Mas isso foi há algum tempo. Já está ultrapassado.

— Ah — a Dra. Grey acordou dos seus sonhos. — Ainda bem. Quem é a nova rapariga?

— Chama-se Penny Driver — contei. — Mas não é uma relação romântica. Somos só colegas de trabalho — fiz uma pausa. Não sei porquê, queria que a Dra. Grey tivesse bem consciência deste ponto, mas ela limitou-se a olhar para mim, na expectativa, por isso continuei. — Começou a

trabalhar na Fábrica da Realidade na segunda-feira passada. Foi a Julie que a contratou. E acontece que...

Contei-lhe a história. Ao princípio, a Dra. Grey esteve atenta mas muito calada, a ponto de eu começar a pensar se teria adormecido de olhos abertos. Mas quando lhe contei como confrontara Julie acerca dos seus motivos ulteriores para a contratar, a Dra. Grey voltou à vida, acenando vigorosamente.

— Muito bem — disse ela. — Fico satisfeita por a teres confrontado com isso. Tens razão, foi uma *má* ideia, especialmente atirá-la assim para cima de ti.

— Bem — disse eu, encorajado. — Tenho a certeza de que a Julie tinha boa intenção...

— De boas intenções está o inferno cheio — disse a Dra. Grey. — Acho que sabes que não sou grande adepta das boas intenções.

— *Umm...*

— Mas isso é outro assunto. Desculpa, continua.

— *Umm*, bem, seja como for, no dia seguinte...

Durante a segunda metade da história, enquanto eu contava as tentativas da Thread para me convencer a ajudar «a Penny a encontrar-se», a Dra. Grey interrompeu-me frequentemente, perguntando-me quais eram as palavras exatas dos e-mails e acerca dos comportamentos de Penny, de Thread e da Língua de Trapos quando fizeram e disseram determinadas coisas. Também quis saber tudo o que *eu* tinha feito e, depois do seu comentário acerca de boas intenções, fiquei preocupado que as minhas ações fossem entendidas assim. Mas a Dra. Grey acabou por expressar uma opinião positiva.

— Parece que te saíste muito bem, dadas as circunstâncias — disse ela.

— Bem, exceto quando perdi a cabeça.

— Um certo nível de nervosismo é compreensível, principalmente por causa das ameaças. Mas vais ter de falar com essa rapariga...

— Eu sei. É que...

— Também terás de contar à Julie o que tem acontecido... eu sei que não a queres envolver, mas, se o comportamento da Penny começar a afetar o vosso trabalho, a tua patroa precisa de saber disso. Principalmente, porque a responsabilidade pela contratação da Penny, para começar, é dela.

Eu não disse nada, mas a Dra. Gray reagiu como se eu tivesse dito. Deve ter visto qualquer coisa na minha expressão — e, independentemente dos efeitos do AVC, os seus instintos continuavam tão aguçados como antes.

— Se a situação com a Penny for de mal a pior, — perguntou ela — achas que a Julie vai tentar responsabilizar-te?

— Bem — disse eu, prudentemente. — Não acho que me vá acusar diretamente... mas poderá agir como se a culpa fosse minha.

— Deixa-me então perguntar-te outra coisa. Disseste-me antes que ultrapassaras a tua obsessão pela Julie. Como, exatamente?

— Como?

— Como é que ultrapassaste isso? Tanto quanto me lembro, estavas numa situação bastante difícil em relação a ela da última vez que aqui estive. E eu não ajudei muito, ficando esgotada a meio da conversa...

— Oh, não. Ajudou... ou, pelo menos, ajudou tanto quanto possível.

— Por outras palavras, não muito — disse a Dra. Grey. — E então, como é que geriste os teus sentimentos? Tu e a Julie falaram mais acerca do caso...

— Não, não. Nessa altura a Julie já estava farta de ouvir falar dos meus sentimentos. Na verdade, não a posso criticar... quer dizer, eu sei que o amor não é racional e não tem de haver uma explicação lógica para o facto de duas pessoas não poderem estar juntas... mesmo que *pareçam* ser perfeitas uma para a outra... mas, mesmo assim, eu continuava a querer uma explicação lógica. E a Julie fez o melhor que podia, tentando explicar-me, mas acabou por se faltar de ouvir sempre as mesmas perguntas...

— Então, deixaste de poder falar com ela. Como é que resolveste as coisas?

— Eu... ouvi uma coisa.

— O quê?

Fixei o olhar nas minhas mãos.

— Ouviste o quê? — repetiu a Dra. Grey, pacientemente.

— É um pouco embaraçoso.

A Dra. Grey olhou-me discretamente.

— Prometo não troçar — disse.

Suspirei e obriguei-me a contar-lhe.

— Aconteceu-me cerca de uma semana depois de a ter visitado. A Julie começou a sair com outro tipo, um mecânico que conheceu da assistência automóvel, e eu fiquei um pouco enlouquecido com isso. Uma das coisas que me dissera, quando tentara explicar-me porque não podíamos estar juntos, foi que nessa altura ela não queria estar com *ninguém* — mas depois mudou de ideias e começou a sair com alguém. Então, nesse fim de semana, mesmo sabendo que ela estava farta de conversas, fui ao apartamento dela para tentar que me explicasse mais uma vez.

— Que aconteceu?

— Bem, eu estava à porta do apartamento da Julie, a arranjar coragem para bater, e foi então que os ouvi, à Julie e ao mecânico.

— Ouviste-os?

— Juntos. Percebe...

— Ah — disse a Dra. Grey.

— O quarto da Julie é o que fica mais longe da porta, mas é um apartamento pequeno e... bem, eles eram bastante ruidosos.

— Ouviste-os juntos no quarto. E depois?

— Bem, eu devia ter virado as costas e ter-me ido embora.

— Sim, era o que devias ter feito — concordou a Dra. Grey. — Mas, que *fizeste*? Ficaste a ouvir?

Eu tinha as bochechas a arder e, por momentos, tive tanta vergonha que não consegui olhar para ela. Assenti. — Não consegui resistir — disse, e depois, recordando-me que o meu pai podia estar a ouvir, emendei rapidamente. — Quero dizer, *podia* ter resistido, claro que sim, mas escolhi não o fazer.

— E como é que te sentiste, a escutar às escondidas?

— Horrível. Horrível e errado, mas também ... sabe o que é uma experiência catártica, não sabe?

— Sei, sim. Mas acho que o que tu queres dizer é uma experiência vicária.

— Não, catártica. Bem, também foi uma experiência vicária, em parte, ao princípio. A Julie parecia estar mesmo a gostar e desejei ser eu a fazê-la feliz daquela maneira. Talvez tenha mesmo imaginado que era eu, durante uns momentos. Mas depois, à medida que prosseguia, comecei a sentir uma dor... É aquele sentimento que temos quando choramos com tanta força que todo o corpo estremece — só que eu não estava a chorar, nem a tremer. E, quando tudo acabou, quando eles finalmente acabaram e eu me escapuli, senti-me limpo por dentro — confuso, cansado, um pouco febril — mas, de certa forma, *melhor*. Lembro-me de ter pensado: «Talvez seja por isto que não podemos estar juntos. Talvez, por mais que eu quisesse fazer a Julie... feliz daquela maneira, talvez eu não tivesse essa capacidade, e talvez a Julie o soubesse e por isso tivesse escolhido o mecânico. Então fui para casa a pensar nisso e nessa noite fui para a cama cedo, dormi profundamente e, quando acordei, na manhã seguinte, aceitara o facto de eu e a Julie nunca podermos ser um casal. Todo aquele sentimento obsessivo, a necessidade de uma explicação, desaparecera.

— Fora purgado.

— Sim.

— Ou reprimido — acrescentou ela. — Ou fragmentado.

— Fragmentado, não — objetei. Tratava-se de uma acusação séria. Nunca fragmentei *nada*! Nunca perdi a noção do tempo, nem um segundo!

— Disseste que tinhas dormido profundamente nessa noite...

— Foi um sono, não um *blackout*! Além disso, se eu tivesse perdido a noção do tempo, alguém na casa teria dado por isso!

— Está bem, isso é bom — disse a Dra. Grey. — Não foi um *blackout*. Mas ainda acho que os teus sentimentos acerca da Julie podem não estar tão apaziguados quanto queres pensar. E vale a pena teres consciência de que consegues manter esses sentimentos separados dos teus sentimentos pela Penny. Porque lidar com uma personalidade múltipla desordenada já é bastante difícil, mesmo quando as tuas motivações são cristalinas.

— Então, e em relação à Penny? — perguntei, ansioso por mudar de assunto. — Que faço?

— A primeira coisa que tens de fazer é falar com ela — disse a Dra. Grey. — Com o facilitador, como é que se chama?

— Thread.

— Thread, pois. Estabelecer as regras. Provavelmente, terás de lidar primeiro com o protetor, por isso deixa claro, desde o início, que não tolerarás maus-tratos. Mais nenhuma ameaça, mais nenhum telefonema a meio da noite, nada disso. E isto é muito importante, Andrew, — ergueu um dedo — se as ameaças continuarem, se houver qualquer escalada de violência, deves chamar a polícia.

Franzi o sobrolho.

— Isto é *sério*, Andrew.

— Eu sei que é sério — respondi. — Mas não quero arranjar-lhe problemas. Não quero que a internem, por amor de Deus.

— Também não quero que a internem — disse a Dra. Grey, — do mesmo modo que não quero ver a tua cabeça a ser-te entregue por um alter enlouquecido. Por isso, promete-me...

— Está bem, prometo.

— Muito bem. Agora, o passo seguinte, depois de entrares em contacto e estabeleceres as regras, é ver se eles querem vir aqui ter comigo.

— Oh, não! Dra. Grey, não lhe posso pedir que...

— Não estou a oferecer-me para os tratar — garantiu-me a Dra. Grey. — Não posso, não tenho energia para isso. Mas antes de passar uma credencial, quero conhecer pessoalmente essa mulher. Confirmar o diagnóstico.

— Está bem, acho que posso trazer aqui a Penny. Posso tentar.

— Quando for possível, — acrescentou a Dra. Grey — também gostaria de discutir uma credencial para ti.

— Para mim? Porquê? Eu não estou...

— Apenas acho que te poderia ser útil teres alguém com quem falar. Um profissional. Alguém para te aconselhar em relação às coisas que vão acontecendo na tua vida. Não precisam de ser sessões semanais — só

uma vez por mês, ou sempre que precisares de um ouvido compreensivo. Oferecer-me-ia para o fazer eu própria, mas não posso garantir que esteja sempre... bem, como disse, não tenho energia para isso — enquanto pronunciava estas palavras, afundara-se um pouco na cadeira de rodas, o estado de alerta que a animara durante a última hora começava a fluir para fora dela.

— Dra. Grey, — disse eu, de repente assustado. — Está bem, não está?

— Essa é uma pergunta de retórica, Andrew — ela riu-se, mas foi um riso forçado.

— Não devia ter vindo cá hoje? O meu pai achou que podia ser uma má ideia, que a senhora estava demasiado...

— Não, não, Andrew. Por favor, — disse a Dra. Grey, procurando erguer-se. — Eu... tu sabes que é estranho, depois de ter tratado o teu pai e os outros, vejo-te como alguém familiar. A verdade, porém, é que... mal nos conhecemos. Nunca me viste... na minha melhor forma — suspirou. — Tem sido uma adaptação difícil — a sua mão forte batera no braço da cadeira de rodas. — *Sinto a falta* de dar consultas. Sinto a falta de... trabalhar tanto quanto costumava fazer. Por isso, não lamentos teres vindo apresentar-me um problema. Sinto-me contente por ajudar, por ter uma oportunidade de ajudar. Quem me dera ter ajudado mais quando... quando estavas a começar.

— Não tem de lamentar nada disso — respondi. — Fez o suficiente, ajudando o meu pai a construir a casa. A verdade é que funcionou muito bem.

— Ótimo — disse a Dra. Grey, fechando os olhos por um instante. — Podias chamar a Meredith? Parece-me que preciso de ir descansar um bocadinho lá em cima.

— Claro — disse, levantando-me. — Devo...

— Gostava que ficasses para o almoço, se pudesses. — A Dra. Grey abriu outra vez os olhos. — Só preciso de uma soneca primeiro. Podes dar uma olhadela no livro do Minor enquanto esperas. Depois dás-me a tua opinião.

— Já li um parágrafo — disse-lhe. — Achei horrível.

— Excelente. Lê mais parágrafos, nesse caso. Durante o almoço podes explicar-me por que é horrível, mais pormenorizadamente — sorriu fadadamente. — Dá-me esse prazer!

Bem gostaria de o ter feito. Mas ela não voltou da sesta e, finalmente, a Meredith sugeriu que almoçássemos sem ela. Comemos sandes no alpendre e, entre duas dentadas (eu continuava com pouca fome), perguntei como estava a Dra. Grey.

— A Danny tem dias bons e dias maus — respondeu Meredith, va-

gamente. — Hoje está na média... embora eu saiba que ficou contente por te ver.

Quando acabámos de comer, aguardei mais um pouco, esperando, pelo menos, despedir-me dela, mas a Dra. Grey continuava a dormir. Então, escrevi-lhe um recado, agradecendo ter falado comigo e informando que telefonaria assim que entrasse em contacto com Thread. Dirigi-me à paragem do autocarro para dar início à longa viagem de regresso a Autumn Creek.

A caminho de casa, pensei na Julie.